

Copyrighted Material

Amelia Atwater-Rhodes

shattered mirror



a den of shadows book

Copyrighted Material



SHATTERED MIRROR

AMELIA ATWATER-RHODES



Dedicado para Carolyn Barns, que conhece esses personagens tanto quanto eu, entende todas as minhas vagas referências e estranho humor, e pode me pressionar quando eu tinha feito tudo exceto desistir. Carolyn, te devo uma.

Como sempre devo mencionar minha família, especialmente minha irmã Gretchen. Obrigada por acreditar em mim, por ouvir meus sonhos.

Meu amor para Indigo da Mesa Redonda. Carolyn, Sydney, Irene, e Valerie, onde eu estaria sem vocês? Vocês – e Alexandre, e TSB, e Londra, e Hawk, e Ysterath, e até a fada do mal (de quem eu nunca gostei mesmo se ele fosse um cara legal) – e as pessoas que fazem minha vida interessante.

Mais agradecimentos vão aos membros do Grupo Rikai por todo seu encorajamento e apoio enquanto eu editava Espelho Estilhaçado. Minha gratidão mais profunda vai para Kyle Bladow, que acreditou em mim mesmo quando eu não acreditei, e a Darrin Kuykendall, que me mostrou como por água no meu cereal enquanto eu esperava o leite.

E por último mas não menos importante, agradeço a minha editora, Diana. Sem suas sugestões e comentários, este livro nunca teria se tornado o que é hoje.

As duas árvores
Amado, olhe teu próprio coração.
Não olhe mais para o vidro amargo
Os demônios, com sua malícia sutil.
Levante antes de nós quando eles passarem,
Ou só olhe um pouquinho;
Pois lá uma imagem fatal cresce
Que a noite tempestuosa recebe,
Raízes meio escondidas sob a neve,
Ramos quebrados e folhas escurecidas.
Pois coisas ruins se tornam pobreza
Na luz fraca que os demônios seguram,
O vidro da fadiga externa,
Feita quando Deus dormiu em épocas antigas.
Lá, pelos galhos quebrados, vão
Os corvos do pensamento que não descansa;
Voando, chorando, de um lado para o outro,
Garra cruel e garganta faminta,
Ou eles ficam e cheiram o vento,
E balançam suas asas esfarrapadas; alas!
Teus olhos carinhosos ficam indelicados:
Não olhe mais para o vidro amargo.

W. B. Yeats

Capítulo 01

SARAH VIDA TREMEU. A aura de vampiros ultrapassando a casa na frente dela era quase esmagadora. Ela dirigiu pelo quarteirão uma vez, e então parou o carro a alguns metros do Volvo branco que estava seguindo. Seu Jaguar azul era chamativo, e ela não teve tempo de trocar as placas.

Ela tinha sorte de estar planejando arrasar em uma festa diferente, ou então ela nunca estaria pronta para essa. Ela tinha passado pela dona do Volvo no posto de gasolina e a seguido até lá.

Ela desligou o motor e passou os dedos em seu cabelo loiro e longo, que estava bagunçado pelo vento por ter dirigido no conversível. Dando um sorriso assassino para ninguém, ela checkou a aparência no retrovisor. A garota no espelho parecia atraente, selvagem e despreocupada. O centro da pedra não era visível no reflexo.

Enquanto ela parava, Sarah ajeitou a blusinha azul e os jeans creme e automaticamente checkou para ter certeza de que suas facas estavam no lugar – uma na bainha em suas costas e uma enfiada em cada bota de cano alto. Só então ela se aproximou da casa.

Com janelas e persianas fechadas, a casa parecia vazia de fora, mas a ilusão foi rapidamente quebrada. Antes que ela tivesse a chance de bater, alguém abriu a porta.

Verme, Sarah pensou, enojada, enquanto dava um sorriso tão praticado quanto o que tinha dado no retrovisor para o vampiro que abriu a porta.

Nossa. O sorriso dela não vacilou, mesmo apesar de a aura vampírica na casa a atingir como uma marreta em seu estomago. Sua pele formigou com a sensação de poder, o sentimento tão desagradável quanto uma lixa raspando em sua pele.

Sentimento desagradável ou não, ela começou a se misturar, procurando sempre pela presa que estava arriscando seu pescoço para encontrar – Nikolas.

Nikolas era um dos mais infames de sua espécie, um vampiro que tinha caçado flagrantemente desde o século dezenove. Sua primeira presa conhecida foi uma jovem mãe chamada Elisabeth Vida. Elisabeth tinha sido uma bruxa, uma caçadora de vampiros, e incidentalmente, ancestral de Sarah. Sua família esteve caçando Nikolas desde então – sem sucesso.

Nikolas era esperto – ele tinha que ser para ter iludido caçadores da família mais poderosa de bruxos por tanto tempo. Mas ele também era convencido, e isso seria sua ruína. Cada uma de suas vítimas tinha suas marcas, decorações cortadas nos braços com a lâmina de sua faca. Nikolas deixava algumas vítimas viverem, mas ele fazia a cabeça delas para fazê-las doentemente leais a ele. Caçadores pegaram mais de um desses humanos deformados, mas eles declaravam escolher a morte antes que trássem o vampiro.

Um deles, contudo, cometera um erro. Um pneu furado no caminho da festa a deixara irritada no posto de gasolina na rodovia 95, e ela ficou muito preocupada em cobrir as cicatrizes nos braços. O atendente, um membro do

complexo sistema de informantes dos caçadores, chamou Sarah; ela tinha seguido o Volvo branco da garota até aqui.

Tomando fôlego para concentrar os sentidos, Sarah procurou pelo cômodo com os seis sentidos. Cheiros humanos se misturavam com a aura superpoderosa dos vampiros. Sarah sentiu pena e um leve nojo dos vivos que conviviam entre os vampiros como moscas unidas à carne morta. Apesar de Sarah ter visto o garoto humano saindo logo após ela ter entrado, a maioria dos humanos ficaria, pela ignorância ou por lealdade perversa.

Ela não gostava de estar dentro deste grupo sem reforço, mas a curta viagem entre o posto de gasolina e esta casa só tinha permitido algumas ligações de celular, que só deram ocupado ou caixa postal. Ela não poderia arriscar uma morte séria, desfalcada como estava, mas se ela fosse bem esta noite, ela teria uma grande chance de forjar um convite para a próxima festa que esse grupo daria. Ela poderia então levar as grandes armas.

O truque era evitar ser morta – ou virar refeição. Ela estava posando de comida grátis, humana e indefesa, mas deixar um vampiro se alimentar dela era mais longe do que ela estava querendo ir. Além do mais, até o vampiro mais fraco seria capaz de provar a diferença entre a safra insossa de sangue humano e o poder de seu próprio sangue bruxo.

Já passava das dez da noite, e a nuca de Sarah formigou com apreensão. Qualquer caçador digno de sua lâmina geralmente sabia que não deveriam ficar na festa depois da meia noite. Chamada de Hora do Demônio, meia noite era quando a matança terminava.

Ainda que Sarah quisesse o convite, ela precisava ficar e convencer aquelas criaturas de que ela era um dos idiotas que mostravam a garganta de propósito. Qualquer caçador,

desde o mais amador até o mais respeitado, daria um olho e a vida por uma chance de acabar com um grupo de vampiros forte assim.

Sarah fez amizade com a garota que havia seguido, e dentro de quinze minutos ela tinha a encantado para receber um dos agradáveis cartões brancos que estipulavam a hora e o local da próxima festa que esse grupo iria dar.

Agora tudo que ela tinha que fazer era seguir as duas regras mais simples que todo caçador aprende: não ser pego e limpar tudo depois.

Enquanto a Hora do Demônio se aproximava, Sarah encontrou o mais fraco dos vampiros e se certificou de que ela estava sozinha com ele quando o relógio bateu.

— Não acho que Kaleo queria que esta sala ficasse aberta para o público — sua companhia disse, se referindo ao anfitrião. Sarah reconheceu o nome com revulsão. Nikolas não era a única criatura neste grupo que os caçadores adorariam derrotar.

Escondendo seus pensamentos, ela sorriu e pôs uma mão no ombro do companheiro, se forçando a ignorar a espessura desagradável de sua aura.

— Talvez eu quisesse isso só para mim — ela provocou, encontrando os olhos negros dele.

O demônio entendeu a mensagem e se aproximou dela. Sarah passou os dedos pelo cabelo louro-cinza dele, e ele envolveu uma mão magra em volta do pescoço dela, gentilmente puxando ela para a frente.

Ela inclinou a cabeça para trás, sabendo onde o olhar dele iria viajar. Ele adorou isso, como eles sempre faziam, e enquanto ela sentia os lábios tocando sua garganta, ela reagiu.

Empurrando ele contra a parede, ela usou esse momento de confusão para puxar a faca prateada da bainha em suas costas. Antes que ele pudesse recobrar o juízo, ela acertou a lâmina no peito dele, e girou a faca para se certificar de que seu coração estava completamente destruído. O poder vampírico vivia no sangue, e qualquer caçador bem treinado saberia girar a faca e eliminar a fonte daquele poder. Até Sarah, com uma lâmina prateada forjada por magia há milhares de anos, ainda era cuidadosa. A lâmina Vida envenenaria cada vampiro que arranhasse, mas não havia motivo para ser descuidada.

A morte foi silenciosa e rápida; ninguém do lado de fora sequer soube que esse monstro fora derrotado. Sarah distraidamente limpou a mão no jeans, esfregando o efeito formigante de tocá-lo, e tocou a garganta para se assegurar que não havia marcas de furos.

Ela empurrou o corpo para um canto, sabendo que esta casa provavelmente seria abandonada por um tempo depois desta festa – era uma das técnicas que os vampiros usavam para evitar que os caçadores os rastreassem. Eles eram raramente idiotas o suficiente para dormir na mesma casa onde eram assassinados.

Por um momento ela pausou, refletindo sobre o corpo sem vida, se perguntado como alguém se tornaria voluntariamente uma criatura que se alimentava da humanidade, um parasita monstruoso. Ele teria tomado o sangue dela e a matado se ela não o matasse antes.

Ela balançou a cabeça. Estava morto. Como deveria estar quando o sangue vampiro congelou seu coração anos atrás. Isso era tudo o que importava.

Checando por sangue em si mesma e não encontrando nada, ela aproveitou o momento para descansar enquanto esperava algum tempo passar.

Ela percebeu outro vampiro atrás dela, mas se forçou a se virar lentamente, como se estivesse grogue. Ela reconheceu o vampiro imediatamente. Kaleo tinha cabelo loiro claro e feições esculpidas, o que o faria mais atraente se sua aura não fosse suficiente para fazer o estomago de Sarah revirar. Entre seus traços loiros, seus olhos pretos pareciam infinitamente mais escuros. Kaleo era um dos mais velhos em sua linha, e mais poderoso que qualquer criatura que Sarah já encontrou.

Por um momento, ela pensou em pegar a lâmina. Atacar Kaleo sozinha com tantos de sua raça provavelmente significaria o fim de sua vida. Mas poderia valer a pena.

Porém, antes que Sarah pudesse fazer algum movimento, Kaleo olhou para o corredor onde Sarah tinha escondido a presa.

— Que gosto excelente — ele a parabenizou. — Ele preferiria a dor.

Um vampiro preparado era mais difícil de lutar do que um não suspeito. Sem hesitação, Sarah pegou a faca.

Capítulo 02

— VOCÊ DIRIGIU PARA CASA ASSIM?

Sarah meneou a cabeça bruscamente em resposta à pergunta da curadora.

Caryn Smoke balançou a cabeça, mas não fez nenhum comentário.

Ela era a membro viva mais forte de sua linha, e quase foi renegada recentemente devido às suas associações com vampiros. Sarah não tinha gostado dela desde o julgamento, mas Caryn era uma curadora eficaz, e Sarah só via o melhor.

Sarah foi criada para ignorar dor para que isso não a incapacitasse em uma luta, e esta noite essas lições se provaram inválidas. Os ossos em seu braço direito se quebraram quando Kaleo agarrou seu pulso e a jogou em uma parede; sua cabeça bateu forte o suficiente que se ela fosse humana, ela estaria nocauteada. Em vez disso, ela simplesmente puxou uma faca com a mão esquerda.

Felizmente, Kaleo e seus convidados ficaram todos mais interessados em prazeres providenciados de boa vontade por seus humanos bajuladores do que lutar com uma caçadora de vampiros, e rapidamente perderam o interesse em Sarah e a deixaram escapar.

Sarah fora sortuda. Ela sobrevivera porque os vampiros se chatearam. Isso – e mais o fato de que ela não tinha visto Nikolas – a deixou grata.

Era quase cinco da manhã quando Caryn terminou de consertar o braço. A curadora se moveu para lidar com os inúmeros arranhões, machucados e entorses de Sarah quando Dominique Vida voltou da caça e foi ver sua filha ferida. Enquanto ela examinava a condição de Sarah, sua expressão era calma, mas marcada com distinta desaprovação.

— Você foi descuidada — Dominique disse, depois de ouvir os detalhes da noite de Sarah. — Você foi até aquele grupo despreparada, e você ficou depois da meia noite.

Sarah baixou o olhar, mas deixou que sua expressão confiante cair.

Finalmente Sarah falou, sua voz firme apesar da censura de Dominique.

— Nikolas estava lá — Dominique poderia reclamar o quanto quisesse do descuido de Sarah, mas se Nikolas era parte daquele grupo, então elas tinham uma pista para encontrá-lo.

— Nikolas? — A voz de Dominique era afiada. — Você o viu? — Sarah balançou a cabeça.

— Uma de suas presas – marcada.

— Isso não ajuda muito a não ser que você tenha visto o vampiro em pessoa — Dominique ressaltou secamente, e Sarah segurou o queixo para não argumentar. — E agora não tem como rastreamos ele. — Sarah não se preocupou em entregar o convite que tinha recebido. Depois de ter provocado e liberado o caçador que encontrou no meio deles, os vampiros seriam espertos o suficiente para dar uma festa para a qual ela tinha sido convidada por engano.

— Pronto — Caryn disse, sua voz normalmente quieta subiu para interromper a conversa. Ela deu uma palmadinha na tala no braço de Sarah gentilmente. — Você vai precisar

de aproximadamente uma semana para se curar completamente, e até lá eu recomendo que você vá com calma. Tudo bem? — O final da frase foi dito com um olhar afiado para Dominique.

A matriarca Vida concordou com a cabeça.

— Obrigada por sua ajuda, Caryn. Desculpe te incomodar tão tarde.

Caryn deu de ombros, sua fadiga visível.

— Sem problemas. Eu estava no bairro, em um hospital SingleEarth.

Dominique não reagiu à observação, e Sarah entendeu o rosto neutro de sua mãe. SingleEarth. A organização estava crescendo rapidamente, com humanos, bruxos, vampiros, e metamorfose se juntando, todos trabalhando por uma causa em comum: unir todas as criaturas na Terra. Apesar do objetivo nobre, isso nunca vai acontecer. Vampiros eram caçadores, maus por natureza, e a maioria era incapaz de conter as necessidades por derramamento de sangue. Mesmo os vampiros da SingleEarth, que sobreviveram se alimentando de animais ou doadores voluntários, admitiram que era doloroso viver sem matar.

— Acho que provavelmente você não vai para a escola amanhã? — Caryn perguntou enquanto saía.

Sarah olhou para a mãe, mas não viu simpatia.

— Estarei lá — não importa quão dura a noite seria para Sarah, Dominique não permitiria que sua filha faltasse à escola, nem por alguns dias para que ela pudesse começar em sua nova escola na segunda-feira. Sarah começaria brilhante e cedo na quarta-feira de manhã.

Sarah fora expulsa de sua última escola por brigar nos terrenos da escola. Enquanto exterminava um vampiro, alguma propriedade da escola foi quebrada, e a

administração não foi particularmente compreensiva. Só o raciocínio rápido da irmã de Sarah, Adianna, evitou que descobrissem o corpo.

Depois do incidente, Dominique decidiu afastar a filha da constante emoção da cidade e leva-la para um subúrbio tedioso de Massachusetts chamado Acton. Caryn e família moravam lá.

Dominique subiu as escadas para voltar a dormir, e Caryn pegou o braço bom de Sarah.

— Devo te avisar. Há alguns vampiros na escola — depois do olhar de Sarah, ela adicionou de forma severa. — Eles são inofensivos, e eles têm todo o direito de estar lá. Se você machucar algum deles...

— Se eles são inofensivos, vou ignorá-los. De qualquer forma, não posso me dar o luxo de ser chutada de outra escola. Tudo bem? — Sarah perguntou. Caryn concordou com a cabeça.

O orgulho de Sarah, já reduzido a pó, esvaziou mais ainda quando a porta abriu outra vez e sua irmã entrou em casa.

— Ei, maninha — Adianna a cumprimentou. Percebendo a tala, ela acrescentou — Noite difícil?

Adianna Vida, mais velha que Sarah um ano, era quase tão perfeita quanto a mãe – inteligente e controlada. Ela se formou no ano passado, mas estava tirando um semestre de folga antes de começar a faculdade para treinar mais, e para —cuidar” da irmã mais nova.

O cabelo loiro de Adianna estava despenteado, e Sarah viu uma mancha de sangue na calça jeans azul como se ela tivesse limpado uma faca. Ela obviamente estava lutando, e tinha obviamente ganhado.

Adianna deu um tapinha no ombro da irmã enquanto passava em direção às escadas.

— Descanse. O mundo vai sobreviver sem você por uma semana, mais ou menos.

Capítulo 03

SETE E TRINTA E CINCO é um horário desagradável para começar a escola, Sarah pensou, enquanto abria o armário. O sinal tocou e ela suspirou. Com esperança, ser a garota nova seria uma desculpa para o atraso dela. Isso certamente não tinha outros privilégios. Ela pensou fugazmente nas companhias de caça que ela deixara para trás, com quem tinha acabado com festas e espreitava as esquinas mais sombrias da cidade. De manhã, raramente uma espada sobrava limpa.

Ela fez força para banir tais pensamentos. Ela estava aqui agora, e era hora de começar esta nova vida.

Sua primeira aula era História Americana, e apesar de ter achado facilmente, a aula já tinha começado quando ela passou pela porta.

— Sarah Green? — O professor confirmou quando Sarah entregou o passe cor-de-rosa dobrado da secretaria. Sr. Smith era um homem careca com cara de cansado, cuja calça bem passada e camisa pareciam fora de lugar na escola. Ele fez um gesto em direção à sala. — Sente-se... tem um lugar vazio ali do lado do Robert...

— Na verdade, tem alguém sentado lá — um dos garotos no fundo da sala falou. Enquanto a atenção de

Sarah se voltava para Robert, ela percebeu que ele parecia vagamente familiar, mas não conseguia localizar o rosto dele em sua memória. Ele tinha levantado o olhar tempo suficiente para ver quem entrava, e estava agora escrevendo algo em um caderno. A mesa ao lado dele parecia vazia para Sarah; a cadeira estava vaga.

Sr. Smith pareceu surpreso, mas ele passou os olhos pela sala outra vez.

— Tem um lugar aqui — outra pessoa falou, e Sarah lançou o olhar para ver quem falou.

Cabelo preto, pele clara, olhos *negros*. Vampiro. Ela o reconheceu na hora, mas Sr. Smith já a estava empurrando para o lugar vazio.

— Christopher Ravena — o parasita disse, se apresentando enquanto ela escorregava na cadeira. Ele acenou em direção à sala. — Aquela é minha irmã, Nissa — a garota que ele mostrou acenou levemente. Apesar do cabelo dela ser um tom mais claro, a semelhança entre os semblantes era marcante – inclusive a suave aura vampírica.

— Prazer em te conhecer — ela respondeu educadamente, embora ela fizesse uma careta por dentro. *Esse ano pode ser muito longo.*

A aura do vampiro do lado dela era tão fraca que a pele dela nem estava ficando arrepiada. Ele era ou muito jovem ou muito fraco, e ela sabia que ele não se alimentava de presas humanas. Provavelmente do SingleEarth, inofensivo como Caryn tinha dito. A irmã dele era quase tão fraca quanto ele, e apesar de sua aura insinuar um pouco de

sangue humano – provavelmente de uma das pleitoras de humanos no SingleEarth querendo mostrar as gargantas – era obvio que ela não matava quando caçava. Nenhum deles seria capaz de sentir a aura de Sarah, então a menos que eles a conhecessem de vista, eles presumiriam que ela era mais uma humana.

O Sr. Smith estava falando com ela outra vez, e ela tornou a atenção para ele.

— Sarah, como você verá, gosto de começar a aula com uma conversa sobre eventos atuais, para nos manter envolvidos no presente tanto quanto na história — levantando a voz para chamar a atenção dos estudantes, ele perguntou: — Agora, quem tem algo a partilhar?

A quantidade de mãos levantadas – nenhuma – não era completamente surpreendente. A maioria dos alunos parecia que ainda estava dormindo.

— Sei que é cedo — ele disse, encorajando-os, — mas vocês podem acordar a qualquer hora agora. Quem viu as notícias ontem? O que aconteceu no nosso mundo?

Finalmente algumas mãos se levantaram, mas a maioria dos alunos tinha mais o que fazer. A garota sentada na frente de Sarah estava lendo um livro que mais parecia uma tarefa de inglês. Perto dela, outro aluno fazia a lição de espanhol. O professor ou era distraído, ou ele simplesmente não ligava. De qualquer forma, a história que estava sendo repetida por uma garota na primeira fileira não era tão fascinante.

— Você acabou de se mudar? — Christopher perguntou, com a voz baixa para evitar a atenção do

professor. Ele tinha um leve sotaque – não era uma pronúncia lenta, mas era suave e sem pressa, com um toque sulista.

Sarah mexeu a cabeça, tentando manter uma pequena porção de sua atenção na conversa tediosa da aula, enquanto mantinha o resto nos dois vampiros.

— Minha mãe arranhou um novo emprego, dando aula na cidade do lado — era uma mentira plausível, que ela inventara mais cedo.

Sr. Smith voltou no tempo até a Guerra Civil, e Sarah fez anotações furiosamente como desculpa para evitar as tentativas de conversa de Christopher. A aula era chata, e ela já sabia a maior parte da informação, mas se ela fizesse uma boa impressão agora, era provável que o Sr. Smith não dificultasse as coisas depois.

O silêncio de Christopher só durou até o sinal.

— Como você machucou o braço? — Ele perguntou enquanto Sarah enfiava os papéis desajeitadamente na mochila depois da aula.

— Caí de um cavalo — Sarah mentiu sem esforço. — Ela geralmente é uma criatura doce, mas algo a assustou — enquanto ela levantava a mochila pesada, ela se perguntou como os humanos podiam carregar essas coisas o dia inteiro. Seu sangue de bruxa fazia Sarah mais forte que a média dos humanos – seu corpo de um metro e sessenta e sessenta quilos podia levantar cento e trinta quilos – mas ela se perguntou como os humanos faziam.

— Você precisa de ajuda com isso? — Christopher se ofereceu, apontando para a mochila. — Qual é sua próxima aula?

— Química — ela respondeu. — Eu consigo.

— Não quis dizer que você não consegue — Christopher respondeu suavemente. — Você não tem que se importar. Minha próxima aula é biologia, então nossas salas são uma do lado da outra.

Ela examinou a expressão dele, mas ele parecia sincero. Pelas reações dele, ele estava honestamente tentando bancar um adolescente humano – um singularmente educado, mas humano, contudo.

Ela não queria fazer uma cena, então se rendeu à mochila, e Christopher carregou sem esforço, o que não a surpreendeu. Se ela podia levantar cento e trinta quilos, como um vampiro ele podia levantar uma locomotiva sem tanto esforço.

— Obrigada — ela forçou, feliz pelas palavras saírem sinceras.

Apesar da aula de química ter sido abençoadamente humana, a irmã de Christopher estava na aula de escultura com Sarah na terceira aula do dia.

As habilidades de Sarah eram mínimas; ela tinha se inscrito nessa aula principalmente para que pudesse fazer algo que não estressasse e sem lição de casa. Ela estaria feliz se conseguisse fazer uma bola. Nissa, por outro lado, tinha um grande talento, o que ajudou Sarah a localizá-la de uma

forma que a fraca aura da garota não localizou: a linhagem de Kendra.

Kendra era a quarta aprendiz de Siete, criador de todos os vampiros. Apesar de Sarah nunca tê-la conhecido, diziam que a mulher era estonteante na forma e feroz no temperamento. Ela era uma amante de todas as artes, como eram todos os seus descendentes. Kaleo, com quem Sarah tinha tido um encontro desconfortável na noite anterior, foi o primeiro aprendiz de Kendra.

Todos esses pensamentos passaram pela mente de Sarah rapidamente enquanto ela observava Nissa fazendo a figura de um jovem na suave argila, cantando quietamente para si mesmo enquanto trabalhava. Ele estava sentado em um banco rústico, um violino empoleirado no ombro. O arco era uma espiral fina de argila apoiada por um pedaço de arame no pescoço.

Nissa olhou para cima e percebeu Sarah observando.

— Isso é muito impressionante — Sarah disse, surpresa por achar as palavras completamente sinceras.

— Obrigada — Nissa sorriu, voltando a olhar para a forma. — Mas eu não consigo deixar o rosto direito — ela indicou o globo sem forma onde as feições deveriam estar, cercada por cabelo cuidadosamente gravado.

— Melhor que o meu.

Nissa sorriu levemente.

— Considerando que você começou hoje e só está trabalhando com a mão esquerda, não está mau.

A vampira cuidadosamente embrulhou a figura em plástico para que não secasse, e então se voltou para oferecer sugestões para o projeto de Sarah, que era um cão de argila com aparência de doente. Elas trabalharam juntas pelos últimos dez minutos de aula, tempo em que Sarah quase se esqueceu com quem estava falando.

— Você podia por um arame no rabo dele para não cair assim. Que raça de cão é? — Nissa perguntou. Sarah deu de ombros.

— Não sei mesmo. Minha mãe não gosta de cães, então eu nunca tive um.

Na verdade, Dominique odiava cães. Ela era contra animais e bruxos se misturando; a linhagem Vida era uma das poucas que nunca usava familiares em sua magia.

— Podia parecer com um labrador, se você achatasse o nariz — a garota sugeriu. Sob a ajuda experiente de Nissa a suave argila branca se transformou em um animal quase reconhecível.

— Qual é seu próximo período? — Nissa perguntou enquanto ela embalava o cão no plástico.

— Almoço, acho.

— Ótimo! Você está comigo e com Christopher — a exuberância da garota era contagiante, mas mesmo assim Sarah hesitou com o convite contido de Nissa. Ela podia ser sociável durante as aulas, mas havia páginas de leis nos livros Vida detalhando quão longe poderia ir qualquer relação com vampiros. Enquanto a cafeteria da escola não era

mencionada pelo nome, Sarah tinha plena certeza que isso seria considerado uma associação desnecessária.

Mesmo assim, Nissa andou com ela pelo corredor, e até seguiu Sarah ao seu armário quando ela tentou usar isso como uma desculpa para afugentar a vampira.

Dentro do armário, na prateleira superior, Sarah percebeu algo que não tinha posto lá: um pedaço de papel branco, onde um perfil havia sido desenhado a lápis. Ela imediatamente reconheceu a figura como si mesma; o cabelo caído nos ombros e na mesa enquanto escrevia.

Nissa simplesmente mexeu os ombros quando viu o desenho e deu um sorriso compreensível enquanto Sarah lia as iniciais assinadas em letras leves no canto inferior. CR. Era de Christopher; ele provavelmente tinha desenhado enquanto estava sentado do lado dela na aula de história, quando Sarah tentava ignorá-lo.

Capítulo 4

NISSA MOSTROU O CAMINHO até a mesa onde ela e o irmão geralmente se sentavam; Christopher já estava lá. Sarah pensou outra vez como era sortuda por nem Christopher nem Nissa serem fortes o suficiente para ler a aura dela.

Sortuda... é, certo. Se ela fosse sortuda, ela seria reconhecida e evitada desde o começo. Do jeito que estava, ia precisar encontrar um jeito de quebrar a amizade que eles obviamente estavam tentando formar – preferivelmente sem espalhar sua herança aos dois vampiros que ela sabia que não sabiam de nada.

— Sarah, sente-se — disse Christopher. — Como foi a aula de escultura?

— Muito mais interessante que a palestra de história do Sr. Smith — Sarah respondeu vagamente. Ela hesitou do lado da mesa, mas enquanto Nissa empurrava sua mochila para a cadeira, Sarah relutantemente pegou um lugar para ela.

— Ei, Nissa... — um garoto humano se aproximou de Nissa, mas hesitou quando viu Sarah. Ela reconheceu-o como Robert, o garoto da primeira aula. O olhar que ele direcionou a ela era tudo exceto amigável. Ele se virou para Nissa. — Estava pensando... se você vai para o baile esse fim de semana.

Nissa olhou de Robert para Sarah.

— Eu vou sozinha.

— Oh, hum... — ele parou, então disse algo rapidamente que deve ter sido — Te vejo lá — antes de escapar para a massa de estudantes.

— O que foi isso? — Nissa perguntou assim que o garoto foi embora. — Você matou a irmãzinha dele ou algo assim? Robert geralmente vai longe com as coisas — ela brincou.

— Eu nunca o vi antes de hoje — Sarah respondeu honestamente, observando seu cabelo castanho claro sacudir pela multidão. Christopher deu de ombros.

— Não se preocupe, não está perdendo nada — ele disse levemente. — Robert vem dando em cima de Nissa desde que a viu pela primeira vez, e ele é realmente muito chato.

Sarah não ignorou a interação tão levemente quanto Christopher e Nissa, mas ela deixou que mudassem de assunto, enquanto sua mente continuava concentrada no incidente.

Sarah tinha a altura média humana, e uma bela forma de um metabolismo alto e vigorosa rotina de exercícios. Seu cabelo loiro era longo, com tamanho suficiente que caía em suas costas em suaves ondas, e seus olhos azuis eram estonteantes. Ainda por cima, sua aura era poderosamente carismática, e humanos eram arrastados para ela. Apesar de ter ouvido sobre os humanos que ficavam naturalmente ansiosos perto de vampiros e outros predadores da humanidade, obviamente não era o caso do Robert; e

enquanto Sarah tinha recebido diversos números de telefone de garotos estranhos, ela *nunca* tinha conhecido um que instintivamente não gostasse dela.

A única possibilidade que ela conseguia pensar era que Robert de alguma forma fosse ligado aos vampiros. Sarah terá sentido uma ligação de sangue, mas talvez... o pensamento se desviou com nojo. Havia humanos que eram viciados em vampiros. Eles não precisavam ser ligados pelo sangue a um monstro; eles davam o sangue voluntariamente a qualquer um que quisesse. Contato suficiente com os parasitas, e ele poderia ter formado o mesmo tipo de aversão instintiva aos bruxos que a maioria dos humanos tinha pelos vampiros.

— Sarah? — A voz de Christopher a puxou de volta para o mundo real. Em sua cabeça ela revisava a conversa que tinha perdido.

— Sim, claro — e então, — Espere, não. Não posso.

Eles perguntaram se ela iria ao baile que a escola ia dar no sábado – o baile de Halloween, que, de acordo com Nissa, era o único baile da escola que valia a pena ir até o baile de formatura na primavera.

— Por que não? — Christopher perguntou, obviamente decepcionado.

Nissa adicionou:

— Se você está preocupada em conseguir uma fantasia, tenho certeza que podemos encontrar algo para você, e eles vendem os bilhetes na porta.

— Não, não é isso. É só que... minha família vai chegar no fim de semana, e minha mãe nunca me deixaria sair.

— Pena — Christopher suspirou, um pouco triste. — Família legal, ou família do tipo 'queria que você os perdesse'?

Na verdade, a —família" incluía muitos dos bruxos da região – o resto da linhagem Vida, alguns parentes de Caryn Smoke, e alguns rapazes da linhagem Marinitch. Até os humanos Wiccans celebravam Samhain, o Ano Novo dos Bruxos, e para a raça de Sarah, era um dos poucos feriados que sobraram que eles podiam comemorar sem irritar o mundo humano. Dominique Vida apresentava um círculo no dia trinta e um de outubro todo ano, aberto para todos os descendentes dos Macht – a mãe imortal da raça de Sarah.

— Alguns legais, alguns pouco toleráveis — Sarah respondeu, pensando nas bruxas Smoke no segundo grupo. As curadoras pacíficas tinham a tendência de pregar sobre paz e união – uma ideia que teria sido tolerável, se não incluísse os vampiros. Com sorte, a própria Caryn, junto com muitos de seus seguidores mais ofensivos, comemorariam no SingleEarth em vez de passar o feriado com os caçadores.

Mesmo enquanto ela pensava com desprezo na associação de Caryn com os vampiros, aqui estava ela com dois parasitas que poderiam ou não pertencer à dolorosamente crescida SingleEarth.

Ela tinha que acabar com isso. *Alguma associação tolerante é necessária para preservar a segurança humana e paciência, mas amizade e amor com tais criaturas enquanto você caça é impossível, perigoso, repugnante, e como tal,*

proibido. Ela poderia citar as leis de Vida de trás para a frente, e essa linha ficou presa em negrito em sua memória. Ir além dos limites do que era necessário para mantê-la coberta na escola poderia manchar sua reputação; outros caçadores não confiariam em alguém que tinha ficado amiga de monstros. Na pior das hipóteses, Dominique podia convocá-la para julgamento, e isso seria um desastre.

— Tenho que ir — Sarah disse abruptamente.

Os dois vampiros pareceram assustados, mas não tentaram pará-la.

— Até mais — disse Christopher amavelmente.

Capítulo 05

SARAH DORMIU MAL aquela noite. Com o braço quebrado, ela se sentia como um leopardo enjaulado com muita energia e nada com o que gastar. Eram quase três da manhã quando finalmente caiu no sono, e mesmo assim ela estava sem descanso, aborrecida por pesadelos.

Quando chegou na escola, ela se sentiu menos como um leopardo e mais como uma lesma. Era uma pena que drogas humanas se neutralizassem por seu sistema na absorção, porque ela podia ter usado uma dose séria de cafeína.

Ela precisou de duas tentativas para acertar a combinação do armário, e enquanto empurrava o casaco para dentro, ela esbarrou em algo na prateleira de cima.

O vaso estilhaçou com o impacto com o chão sujo da escola, espalhando água, vidro e três rosas brancas. O som do vidro quebrando deu um arrepio na espinha de Sarah, trazendo de volta todos os sonhos da noite anterior vividamente.

Lembranças da morte do seu pai assombravam seu sono. Apesar de ela ter tentado esquecer aquele dia, para aperfeiçoar seu controle do modo que Dominique e Adianna

aperfeiçoaram, ela não estava forte o suficiente, e ela nunca esteve.

Aos sete anos de idade, ela tropeçou no corpo do pai morto no degrau da frente de casa. Os vampiros tinham pegado o caçador e o mantido por semanas, tirando um pouco de sangue a cada dia. Beijos de sangue marcavam os braços dele onde os parasitas cortaram a pele para que pudessem lamber o sangue.

Adianna tinha lidado com a notícia calmamente, assim como Dominique. Cada caçador sabia como sua vida era perigosa, e estava preparado para a morte. Mas Sarah era tão nova, e quando tinha cambaleado no corpo morto do pai, quando o sangue dele tinha coberto sua mão, ela perdeu o controle.

Ela quebrou uma janela, demolindo vidro por vidro até Dominique arrastá-la, horrorizada não pela morte do marido, mas pela reação da filha.

A morte se tornou uma lição. Dominique limitou os poderes de Sarah por uma semana depois daquilo, tanto como punição quanto para ensiná-la a como lidar com a dor. Ela se curou tão devagar quanto um humano, de três dedos quebrados e inúmeras lacerações no braço e na mão. Enquanto isso, Dominique a fez treinar com os caçadores mais velhos, lutando até sua mão tremer e cada músculo doer. Embora o fato de limitar a magia dela não poder tirar os anos de treinamento, seus reflexos, ou mesmo a maior parte de sua força, a perda a deixou abalada e suas habilidades sem sentido. Aquela fraqueza que a aterrorizou desde então.

Afastando-se da lembrança, Sarah se arrastou de volta para o presente. Ignorando o vidro, ela cuidadosamente pegou as rosas e o cartão que tinha sido amarrado ao vaso com uma fita branca.

As flores brancas eram lindas, perfeitas com o doce cheiro que rosas de talo longo não tinham. Um desenho feito com lápis de carvão profissional acompanhava – um par de olhos moldado com os cílios pálidos que Sarah via sempre que olhava no espelho.

Ela leu o poema pelo menos dez vezes antes de chegar na sala, e finalmente resolveu falar com Christopher.

Azul como safira sob o sol da manhã,

Queimando com o fogo de uma alma cristalina.

Uma risada que nunca alcança o interior,

Onde os segredos resistem como ouro intocado.

As palavras eram lindas – e mais verdadeiras do que Christopher imaginava. Se ele soubesse mesmo o mais leve dos segredos de Sarah, ele nunca teria falado com ela pra começar.

Ela se firmou para falar com ele assim que chegou na aula de história, mas o Sr. Smith imediatamente dividiu a sala em grupos para um projeto. O grupo dela incluía dois humanos que ela nunca tinha encontrado antes, e o misterioso Robert, que não estava escondendo melhor sua hostilidade hoje.

— O que você tem? — Um membro do grupo deles perguntou depois de ele ter recusado todas as ideias deles.

— Se você não quer ajudar, então fique com a boca fechada. Não faça o seu dia ruim ser o meu.

Quando a aula terminou Sarah estava feliz por se afastar de Robert -- o humano estava emanando ondas de desprezo e receio fortes o bastante para fazer seu estomago revirar. Ela precisaria falar com ele logo, mas não ali, não na frente de outros humanos.

Ela se acalmou lentamente com a aula de escultura, onde continuou trabalhando no doentio cachorro que Nissa tinha chamado de Splotch. Nissa terminou sua figura. Sob suas mãos experientes, o violinista ganhou feições claramente romanas, olhos simpáticos, e lábios cruéis e sensuais.

— Alguém que você conhece? — Sarah perguntou. O rosto era tão vivido, tão vivo, ela achou que deveria reconhecer.

Nissa concordou, pausando o trabalho.

— É — sua voz era suave, triste.

— Quem é ele?

— Um... — ela baixou a voz, como se nenhuma das palavras que ela pensasse fosse funcionar. — Alguém que amei. O nome dele é Kaleo.

O coração de Sarah pulou quando ela ouviu o nome. Kaleo tinha uma reputação de arruinar vidas com extravagância e transformar jovens moças em vampiras com quem ele se fantasiava apaixonado.

Se Nissa fosse uma aprendiz de Kaleo, Sarah tinha que sentir pena da garota.

— De qualquer forma, acabou — Nissa afirmou. — Sinto falta dele algumas vezes, mas... acabou.

— Então por que você está esculpindo ele? — A pergunta era mais afiada do que Sarah queria que fosse.

— Ele é bonito — a garota disse com saudosismo. Então ela pulou quando o sinal do almoço tocava.

Elas não se falaram enquanto limpavam as estações, e Nissa ficou para trás para falar com o professor enquanto Sarah se virava para o armário. Dentro ela achou outro presente de Christopher – um desenho de sua mão esquerda, que ela usava para escrever desde que tinha quebrado o braço direito.

Suas unhas estavam curtas para que não a atrapalhassem para segurar a faca; havia uma pequena cicatriz no dorso causada pelo vidro que ela quebrou no dia em que o pai dela foi assassinado. Parecia com uma pálida lágrima.

No verso do desenho havia mais um poema.

Pele como marfim, perfeita; Uma deusa, ela deve ser.

Dedos pequenos, sem adornos; bela simplicidade.

Uma lágrima solitária; quando ela caiu?

Poderia essa deusa ser mortal, depois de tudo?

Se ele ao menos soubesse, Sarah pensou secamente. Aquela cicatriz foi feita no momento menos feliz de sua vida.

E de alguma forma Christopher tinha deixado aquele defeito bonito, não mais um crachá de sua desonra, mas um mistério para um artista desvendar.

Capítulo 06

— CHRISTOPHER... foi você quem fez? — Ela perguntou na hora do almoço, com cuidado para manter o tom de voz leve enquanto colocava dois desenhos com poemas na mesa. Os olhos de Christopher desceram até eles, e ele sorriu.

— Sim.

Ele não perguntou se ela tinha gostado, e não parecia embaraçado.

Sarah estava lisonjeada, e de alguma forma surpresa pela fácil confiança de Christopher. Mesmo assim, a suspeita natural dela veio à tona.

— Por quê?

— Porque, — ele respondeu seriamente, — você é um grande tema. Seu cabelo, para começar, é como uma cachoeira trêmula. É tão loiro que ele capta a luz. Faz você parecer com um halo na cabeça. E seus olhos – eles têm uma cor pura, não lavados, profundos como o oceano. E sua expressão... intensa e de alguma forma destacada, como se você visse mais do mundo que o resto de nós.

Desorientada, ela não conseguia pensar em alguma forma de responder. Ele acabou de dizer tudo isso sem

pensar direito? Só o seu controle estrito dos Vida não deixou ela corada.

Enquanto isso Nissa entrava na cafeteria. Ela começou a se sentar, e então olhou das figuras para Christopher e para Nissa.

— Eu devo ir a algum outro lugar?

Christopher acenou para a cadeira, respondendo com facilidade.

— Sente-se. Não estamos trocando segretos obscuros... ainda.

Nissa deu um olhar provocador para o irmão enquanto se sentava.

— Como irmã dele, sinto a necessidade de te informar, Sarah, que Christopher tem falado de você incessantemente — Christopher sorriu, desembaraçado.

— Acho que tenho mesmo.

— Principalmente de seus olhos – ele nunca se cala sobre seus olhos — Nissa confidenciou, e dessa vez Christopher deu de ombros.

— Eles são lindos — ele disse casualmente. — A beleza deve ser olhada, não ignorada. Tentei capturar isso no papel, mas isso é impossível com seus olhos, pois eles têm uma vida que nenhum porta-retratos estático poderia capturar.

A voz de Sarah estava amarrada tão apertada que ela pensou que só seria capaz de falar no próximo ano. Ninguém

nunca tinha falado sobre ela – ou com ela – com tanta admiração.

Com sorte, Nissa mudou de assunto.

— Christopher é um artista incrível, mas ele se recusa em ter aulas.

Christopher riu, balançando a cabeça.

— Eu desenho quando eu vejo algo que eu preciso desenhar; não consigo desenhar sob ordens. Nissa me convenceu a tentar uma aula de artes uma vez, e não deu certo.

Eles conversaram casualmente durante o resto do almoço. Sarah se percebeu relaxando na companhia deles enquanto eles contavam piadas e se provocavam naturalmente. Visões de vidro quebrado sumiam de sua mente, substituídas por gracejos leves. Isso era fácil; essas pessoas eram legais. O que poderia ser mau nessa amizade?

— Sarah? — A voz atrás de seu ombro esquerdo era questionadora, um pouco afiada.

— Adianna — os músculos do pescoço de Sarah se apertaram tão forte que ela sentiu que eles se romperiam quando se virasse.

— Posso falar com você? — O tom de Adianna era agradável, para que os vampiros não suspeitassem, mas a expressão que brilhava em seus olhos era perigosa.

— Já volto — Sarah pegou a mochila, deixando os dois desenhos na mesa para que não chamassem a atenção de Adianna, e ela seguiu a irmã até o corredor.

— O que estava acontecendo lá?

— Eles estão em algumas das minhas aulas — Sarah respondeu, se forçando a ficar calma apesar do fato de que sentia como se estivesse num julgamento da Inquisição Espanhola. — Eles são perfeitamente inofensivos.

— Para os humanos talvez — Adianna respondeu imediatamente. — Não para a nossa raça. E se a Mãe descobrisse? Você honestamente acha que ela os veria como 'inofensivos'?

— Ela não vai descobrir — Sarah respondeu, suavemente. — Podemos ter essa conversa lá fora? Se eles tentarem, eles vão conseguir nos ouvir aqui.

Adianna concordou e continuou em silêncio até chegarem na colina do lado de fora da escola.

— Sarah... — ela suspirou. — O que você está tentando fazer para você? Mãe ficaria furiosa se soubesse que você está andando com a raça deles. Até eu mal consigo suportar pensar nisso.

— Dominique não precisa saber de tudo que eu faço durante minha vida...

— Sarah! — A voz de Adianna foi afiada, mas Sarah sabia que era mais pela surpresa e preocupação do que censura. — Não entendo porque você iria querer passar seu tempo com eles, menos ainda quebrar a lei Vida por isso. Quanto ao que Mãe precisa ou não saber — Dominique é quem decide quais informações são da conta dela, e você sabe bem o que ela pensaria sobre você ter amigos vampiros.

— Você vai contar para ela? — a voz de Sarah era suave, tranquila. Ela não poderia deter Adianna se ela insistisse em contar a Dominique, mas ela deixou bem claro pelo seu tom de voz que não perdoaria facilmente a traição.

— Sarah, entendo o que você está passando — Havia um esforço obvio por trás do tom tranquilo de Adianna. — Eu passei por isso. Você não é uma dos humanos. Você não tem amigos aqui. Você acabou de perder alguns de seus parceiros de caça mais velhos quando se mudou para cá, e encarou um dos encontros mais próximos que teve com a morte. É compreensível que você tenha dúvidas.

— Não tenho dúvidas — Sarah precisou tomar fôlego para se controlar antes de continuar. — Eles não sabem o que eu sou – eles acham que sou humana. Eles não são uma ameaça — depois de uma pausa ela decidiu falar a verdade. — Você nunca quis alguém para conversar sobre algo além de matar? Alguém que não faz ideia sobre seu poder e é simplesmente um amigo? É bem legal, Adianna. Ter alguém me tratando como uma garota humana em vez de uma assassina é muito, *muito* legal. O que é melhor é que não preciso me preocupar toda noite se alguma besteira minha os matar. Não tenho que ficar me vigiando a todo momento...

— Isso é exatamente porque as leis dizem que você não pode fazer amizade com eles — Adianna interrompeu. — Porque você baixa a guarda. Eles são *assassinos*, Sarah. Não ligo se eles não matam agora, ou se eles nunca tocaram em um humano e sobrevivem de sangue animal. Eles matam por natureza, e eventualmente essa natureza destruirá os pedaços de humanidade que eles podem ter

deixado para trás. Se a essa altura eles ainda forem seus 'amigos', isso só significará que você é acessível para um lanche.

Adianna parou para se recuperar, e acrescentou mais sutilmente.

— Não quero te perder, Sarah. Não quero que você seja morta por esses dois quando eles se virarem para você — e note que eu digo quando, e não se. Mas pior, não quero que você seja morta por esses dois. Você liga tanto para eles a ponto de arriscar ser renegada?

— Adianna...

Adianna balançou a cabeça, parecendo cansada.

— Não posso impedir você fisicamente de falar com eles, mas eu não vou deixar você ser morta por uma amizade com parasitas — ela afirmou claramente. — Não vou contar a Mãe o que eu vi até agora, mas se vocês três se aproximarem, eu conto, enquanto ainda há uma chance que ela largue do seu pé com um aviso — ela se virou para ir embora, então acrescentou. — E, Sarah? Se eles te machucarem, seja diretamente ou porque Dominique descubra que você esteve conversando com eles, eu mesma mato eles.

Sarah quis responder com raiva, mas pensou melhor. Adianna estava largando do pé dela facilmente, então ela simplesmente concordou.

— Se você se importa com eles com diz, deixe seus novos amigos — Adianna sugeriu em uma rara demonstração de compaixão. — Lembre deles

afetuosamente se você se importa, mas se afaste deles, ou todos vocês acabarão mortos.

Adianna olhou de volta para a escola.

— Lamento ter de ameaçar você, Sarah. Não foi por isso que eu vim.

— Imaginei.

— Vim pra te dizer que Dominique vai viajar essa tarde para treinar um grupo de caçadores amadores, e acabei de receber uma ligação para cuidar de uns parasitas em Chicago. Nós duas voltaremos no feriado — Sarah recebeu a notícia sem surpresa. Se não fossem os esforços de Adianna para manter a irmã informada, ela nunca saberia onde a família estava. — Você vai ficar bem? — Apesar de entonada como uma pergunta, a última frase era uma afirmação. Sarah passava muito tempo sozinha em casa quando Adianna e Dominique estavam fora em suas várias missões.

— Cuidado — Sarah disse à irmã.

— Você também — Adianna respondeu seriamente.

Elas se separaram, Sarah entrando na escola, e Adianna indo para o estacionamento.

O sinal tinha tocado enquanto Sarah conversava com Adianna, então ela foi imediatamente para a sala, chegando atrasada. Com sorte, o professor era tolerante porque ela era nova na escola; Sarah não estava com humor para uma noite de detenção. Tinha muita coisa em sua cabeça.

O que ela iria fazer com Christopher e Nissa?

As preocupações de Adianna eram legítimas – pelo menos as que envolviam a Mãe e as leis Vida. Se Dominique descobrisse sobre sua amizade com dois vampiros, ela os mataria.

Sarah flexionou a mão. Uma dor ilusória a lembrou de outro perigo. Sarah teve seus poderes limitados uma vez; ela não podia imaginar como seria tê-los eliminados para sempre.

Sarah quase se convenceu de abrir mão de seus novos amigos, para a segurança deles assim como a sua própria. Ela cuidou de evitar os olhares questionadores de Christopher na aula de cálculo aquela tarde, e ela não falou nada além de uma saudação casual em resposta ao olá dele depois da aula.

Christopher teve de ficar depois da aula para conversar com o professor, e Sarah escapou antes que ele ficasse livre. Ela estava em casa, sentada na cama, antes de encontrar seu próximo presente enfiado no caderno de cálculo; ela não fazia ideia de como ele tinha colocado lá.

Era outro desenho – ela, usando um vestido pálido. Sobre sua mão esquerda esticada, o sol e a lua estavam suspensos; ela segurava a Terra com a mão direita. Uma faixa estava amarrada em sua cintura, bordada com estrelas. Em uma escrita elegante, um poema foi escrito na página do lado esquerdo do desenho.

Fantasia, uma deusa brilhante,

Ela controla as marés.

Fantasia, uma deusa de diamante.

Ela controla nossas vidas.

Fantasia, uma deusa de ouro –

Em suas mãos está a luz.

Fantasia, uma deusa de prata –

Em suas mãos está a noite.

Sarah se levantou e pegou o cartão na mesa. Na próxima vez que visse Christopher ela diria a verdade – sobre sua família, e sobre as leis que estava quebrando. Ela diria a ele a verdade, e ele poderia esquecê-la sem se machucar.

Capítulo 07

— SARAH, ALGUMA COISA ESTÁ ERRADA? Nissa perguntou no dia seguinte durante a escultura. — Christopher disse-me que você estava evitando ele ontem à tarde... ele estava certo que tinha feito alguma coisa que ofendeu você".

Christopher? Ofendeu? Ela duvidou que ele fosse capaz de tal coisa.

Sarah procurou alcançar, e em seguida perdeu, uma improvável mentira. — Olha, eu...não é nada realmente, certo? Sarah disse sem jeito. — Eu realmente não posso explicar.

— Isso está bem. — A voz de Nissa era suave, compreensiva. — Isto não é da minha conta, eu não vou ser um tormento. Mas não basta livrar-se de Christopher – ele é um cara legal, e ele merece uma explicação se você não está interessada.

No momento em que Sarah viu Christopher na hora do almoço, sua resolução de romper a amizade oscila. Ele a cumprimenta com um sorriso e um olá, não perguntando sobre seus esforços para ignorá-lo no dia anterior.

— Hei, eu sinto muito sobre ontem –

— Não é grande coisa, — Christopher responde facilmente. — Eu estava meio preocupado sobre você,

mas... bem, se você está falando comigo hoje se novo, não pode ter sido qualquer coisa tão terrível.

— Eu sinto muito de qualquer jeito. — Mas suas leves palavras e confortável confiança fazem Sarah sorrir novamente.

— Christopher —

— Olha, nós temos que parar de esquivarmo-nos das responsabilidades longo para encontrar nossos parceiros sobre aquele projeto de história, — Nissa justifica-se antes que Sarah possa terminar sua sentença. — Você tem certeza que não vai ir a festa de Halloween este final de semana? Vai ser muito divertido.

Sarah balança sua cabeça. Dominique vai enviar um ataque se ela perder as celebrações do feriado. — Eu realmente não posso. — Ela debateu pedir-lhes para encontrar com ela depois do projeto, em algum lugar privado onde ela poderia dizer-lhes e estar terminado com tudo, mas eles já estavam em seu caminho a fora antes que ela pudesse compor em sua mente.

Christopher tocou o ombro de Sarah, enquanto ele caminhou por ela, um gesto casual que no entanto a fez hesitar; contato físico com um vampiro faz sua pele ferver, não importa quão fraco ele era. Se ele percebeu o recuo, Christopher não reagiu a isto.

— Vejo você mais tarde.

— Sim.

Um teste os impediu de falarem na aula de cálculo naquela tarde, mas Christopher apanhou Sarah depois.

— Como foi?

O vampiro girou seus olhos para o céu. — Matemática não é meu negócio. — Mudando de assunto, ele disse, — Eu tenho que correr para uma reunião no clube de

drama, então eu não posso falar muito agora, mas...bem, desde que você não pode ir ao baile, eu estava imaginando se você não podia querer ir almoçar no Sábado.

— Eu não sei. — Ela não sabia, na verdade, a resposta foi — Absolutamente não. — Passar tempo com vampiros na escola, onde ela tinha pouca coisa a fazer, era uma coisa; passar tempo com eles de outra maneira, quando ela podia estar treinando ou caçando, era deturpar as leis mais longe do que até mesmo ela poderia racionalizar.

— Dê-me um telefonema um dia desses, ok? — Ele anotou seu número de telefone em um pedaço de folha de papel, e apressou-se longe para sua reunião.

Sarah correu os olhos no papel depois a esquerda para Christopher, e depois dobrou dentro do bolso.

Nove horas daquela noite Sarah encontrava-se no telefone, tentando sem sucesso terminar com Christopher ou Nissa. Nissa estava certa – ambos os dois mereciam mais do que obter um simples ignorar. Ela tinha decidido telefonar, arranjar um tempo onde eles pudessem conversar, e dizer a eles todas as coisas.

Beep...beep...beep...

O doente Bemol do sinal de ocupado cortou através dela mais outra vez, como foi toda vez que ela tinha ouvido do outro lado nas últimas duas horas.

Ela desligou o telefone com um suspiro, e arrancou as páginas amarelas locais para encontrar o endereço dos Ravenas. Sua mente estava composta, e ela não queria arriscar recuar por medo novamente. Ela deu um tapinha no bolso do seu casaco para ter certeza que suas chaves estavam no local, e instintivamente verificou por sua faca em suas costas – uma caçadora nunca vai a lugar algum sem ela – então saiu para seu carro.

Enquanto ela dirigia, encontrou a si mesma loucamente esperançosa que Christopher e Nissa dissessem a ela que eles eram parte do SingleEarth. Se eles fossem, então nem mesmo Dominique poderia proibir Sarah de associar-se com eles – seria um insulto contra as bruxas que dirigiam aquela organização. Dominique estaria furiosa com sua filha, mas ela não podia mata-los, ou repudiar Sarah.

Considerando o quão fraco ambos os dois são, eles são provavelmente parte do SigleEarth, Sarah tentou reassegurar a si mesma. Por favor, deixe eles serem da SigleEarth.

Ela pulou, desviando-se, quando um esquilo lançou-se em frente de seu carro. Calma, Sarah. Foco.

Esforçando-se o mais o quanto podia, seu rigoroso controle foi estilhaçado. Ela tinha sido puramente cabeça-de-vento toda a noite, e estava agradecida que não estava esperando uma luta hoje à noite.

Quando ela estacionou na garagem particular de Christopher e Nissa, pensou ter ouvido uma música fraca da casa, mas isto poderia ter sido sua imaginação. Preparando a si mesma, ela bateu na porta.

Capítulo 08

ALGÉM QUE SARAH NÃO CONHECIA abriu a porta. Olhos negros entregaram-o como um vampiro, mas o brilho de sua aura mostraram que ele era quase tão fraco quanto Nissa.

— Venha para dentro — o vampiro a cumprimentou. Sarah só podia assentir silenciosamente quando percebeu o que estava acontecendo. Ela tinha acabado de entrar numa celebração.

— Obrigada, — ela respondeu, estupefata. O vampiro deu a ela um estranho olhar, mas Sarah não prestou atenção nele, porque sua atenção acabou de ser puxada para um casal sentado em uma poltrona.

Um convidado mais ingênuo podia supor que eles estavam ficando um com o outro. Uma mão pálida estava enrolada em torno do pescoço do garoto, e os longos cabelos da garota caíam ao redor de seu rosto, bloqueando a visão da linha de junção entre seus lábios e a garganta do garoto humano. Seus olhos estavam semicerrados, e uma mão torcendo distraidamente os cabelos do vampiro, segurando a garganta dela. Sarah reconheceu o cabelo negro, a forma esguia, e ela desejou que ela não o fizesse. Nissa.

Forçando sua atenção para o resto da sala, sua aura escaramuçou sobre as outras, Sarah selecionou os

vampiros facilmente. Esta multidão era fraca, não assassinos – e pelo que ela agradeceu muito ao deus e a deusa que ela nunca tinha ouvido a identidade – mas que ela não reconheceu nenhum deles da SingleEarth, tampouco.

Isso significava que havia algum perigo aqui para ela. Mesmo vampiros que não matam com frequência ficariam nervosos na presença de Vida, e ingressar num grande grupo deles, mal armada e enfraquecida por um ferimento, parecia uma má ideia.

Ela estava prestes a sair, mas o vampiro que tinha aberto a porta estava falando de novo.

— Eu não tinha visto você por aqui antes, — ele disse, — Quem convidou você?

Embora seu tom não fosse exatamente desconfiado, ela podia dizer que o vampiro estava desconfortável ao redor dela. Ter alguém perguntando sobre ela era pouco comum, a maioria das festanças que tinha indo de encontro, os vampiros não se preocupavam quem o convidado era, desde que ela poderia sangrar.

— Ela está comigo. — Sarah virou, apenas checando seu instinto de puxar a sua faca, enquanto ela sentindo alguém se aproximar atrás dela.

O vampiro que tinha feito a pergunta suspirou. — Eu deveria ter saber. — Ele afastou-se.

Christopher passou sua mão através de seu cabelo curto preto, nervoso. — Sarah...Eu tinha convidado você, mas... — Ela podia adivinhar seus pensamentos. Como você *explica alguma coisa como esta para alguém que você supõe que é humana?*

— Você não tem que explicar, — Sarah ofereceu na tentativa de salvar o vampiro de um desconfortável início de

conversa. Ela pode sentir o choque de Christopher mesmo através de seus olhos meia-noite.

— Eu não preciso?

Pelo canto do olho, Sarah viu Nissa liberando o humano, que tinha estado alimentando-a. Ele voltou a sua posição, um pouco atordoado, mas ele parecia estar bem; se havia alguma coisa que um vampiro sabia, era a quantidade de sangue que um ser humano poderia oferecer perder sem ser prejudicado.

A garota olhou para cima, e seus olhos se arregalaram quando viu Sarah em pé com Christopher. Ela limpou seus lábios claros do sangue com as costas de sua mão.

— Eu já sei o que vocês são. — A sentença tinha sido dirigida para Christopher, de qualquer forma Sarah estava ocupada lendo as feições de Nissa. Ver sangue na boca de sua amiga tinha enervado-a.

— Porque nós não vamos lá para cima por um minuto? — Christopher sugeriu, olhando de sua irmã para sua convidada inesperada. Nissa assentiu.

— Isto soa bem, — Sarah respondeu. Christopher liderou o caminho, e Sarah viu Nissa rapidamente agarrar uma menta na mesa próxima da poltrona antes da parede cotar a visão dela.

Poucos momentos depois, os três se reuniram no quarto de Nissa, que não estava aberto para convidados. Sarah hesitou na porta de entrada quando Nissa e Christopher faziam-se confortáveis.

O quarto era surpreendentemente normal. Enquanto Sarah tinha pensando em avançar na expectativa de um caixão, morcegos e janelas fechadas a tijolos, ainda era surpreendente ver a dispersão dos livros escolares

espalhados na escrivaninha. Um livro de composição tinha sido jogado em um canto em meio a uma agitação de papéis amassados e canetas, e as paredes azul pastel estavam decoradas com pôsteres de musicais como *Rent*, *Les Misérables* e *West Side Story*.

— Bem, então, — Nissa respirou, e Sarah capturou o cheiro de menta mal disfarçando o fedor de sangue fresco.

Sarah pretendia falar instantaneamente, dizendo-lhes quem ela era, mas Christopher antecipou-se, perguntando hesitantemente, — Você é parte do SingleEarth? Ou...

Ela mal conseguiu não rir daquela questão. Sarah Vida, um membro do SingleEarth? Oh, Dominique teria um ataque do coração a mera sugestão.

No entanto, ela estava aqui, falando com dois vampiros, dois amigos que somente aconteceu de serem monstros sugadores de sangue.

Ela ficou lisonjeada pelo menos que ele a considerou da SingleEarth ante as alternativas. Ele ainda pensava que ela era humana, e se ela era tolerante com sua espécie, então é evidente que era também parte da SingleEarth, ou uma daquelas patéticas criaturas que perseguia aos vampiros ordenando ter seu sangue retirado.

— Não, eu não sou, — ela disse de vagar, tentando decidir qual a melhor forma de contar a verdade. Ela preferia ter estado em qualquer outro lugar também, em qualquer outro, mas no meio de uma casa cheia de vampiros que ela não conhecia e dos quais o comportamento não podia predizer. — Eu não sabia que você tinha um circuito, — ela parou.

— É de Nissa, — Christopher respondeu, meneando a cabeça para sua irmã. — Ela é a anfitriã. Eu só sai fora.

As festanças de vampiros que Sarah com frequência perseguia seguiam um padrão. Os membros de cada circuito de festas alternando os anfitriões de forma a manter os caçadores a adivinhar onde a próxima seria. Tudo o que Sarah tinha presenciado tinha sido violência, mortal para qualquer ser humano que participasse, mas ela tinha ouvido sobre umas como esta, onde o ser humano convidado simplesmente era isto – convidado, não um prato principal. Eles doavam sangue, ocasionalmente, mas não arriscavam suas vidas.

— Você vai a festas com frequência? — Nissa perguntou a ela de seu poliero na cama.

— Quando eu posso, — Sarah respondeu verdadeiramente desejando saber como – e se – ela devia entrar no tópico que tinha vindo discutir. A presença de vários vampiros desconhecidos no andar de baixo a fez hesitar um pouco em revelar sobre si mesma.

Christopher encolheu-se, tormento em seus olhos. — Nem todos eles são seguros como o grupo de Nissa.

— O pior é o circuito de Kendra. — Nissa advertiu. — Se você tropeçar em um deles, eles provavelmente vão matar você sem pensar. — Suavemente, ela adicionou, — Este é um de Kaleo. — O nome parecia golpear como um acorde ambos os vampiros, e Sarah lembrou-se da escultura de sanguessuga de Nissa.

Pare de esquivar-se, Sarah, ela ordenou a si mesma, mesmo quando ela comentou — Você estava contando-me sobre Kaleo na escultura.

— Kaleo...foi quem me transformou, — Nissa disse hesitantemente. Ela deu uma olhada para seu irmão, que apenas encolheu os ombros.

— Se você quer contar-lhe, esta é sua história, — ele assinalou.

— Nós crescemos no Sul, pouco depois da Guerra Civil, — Nissa começou suavemente. — Nosso pai trabalhava perto de uma plantação e cuidava sozinho de suas duas filhas, enquanto meus irmãos trabalhavam cuidando de cavalos para um ou outra rica família. Nós não éramos ricos, mas nós éramos felizes. Minha mãe morreu quando Christopher e seu irmão gêmeo ambos eram muito jovens, e eu mais ou menos eduquei eles”.

Com um suspiro, ela continuou — Nós éramos uma família de artistas. Eu era uma cantora, embora ambos os meus irmãos tivessem talento na área também. Christopher escreveria canções e poesia. Mesmo quando ele dizia graças à noite, suas lágrimas podiam trazer lágrimas.

— Isto é o que nos amaldiçoou – música e arte, — Nissa Continuou. — Porque ela chamou Kaleo para mim. Ele era um artista também. Se ele não tivesse aprendido sobre meu talento, ele nunca teria dado-me mais do que um olhar de passagem. De qualquer forma, ele apaixonou-se por mim...e eu por ele. — Aquilo soou uma confissão dolorosa. — Eu estava com dezessete anos, uma romântica e otimista, e Kaleo era – é – muito bonito, e muito charmoso, especialmente quando ele tem em sua mente conquistar alguém. — Nissa pausou sobre sua história.

Quando ela continuou, sua voz era mais do que um suspiro. — Por um tempo, nosso relacionamento era maravilhoso, mas eu aprendi o que ele era quando eu o encontrei alimentando-se de uma mulher para qual eu trabalhei. — Com dificuldade, Nissa explicou, — Ele não teve tempo de machucá-la antes de eu interrompê-lo. Ela acordou mais tarde, ilesa e eu estupidamente presumi que

Kaleo não era perigoso, que ele não havia machucado-a mesmo se eu não tivesse interferido.

Sua voz ondulou enquanto ela confessava, — Eu o predoei, e até tornei a amá-lo mais. Então ele ofereceu-me a imortalidade, e eu disse não — Nissa tomou uma profunda respiração para manter a sua calma. Um sinal de raiva entrou em sua voz, revestida com tristeza.

— Eu pensei por um tempo que nós poderíamos continuar como antes, mas Kaleo não aceitou um não como resposta. No final das contas ele tornou-se tão insistente que nós discutíamos a cada vez que nós estávamos juntos, e finalmente eu disse-lhe para deixar-me sozinha. — Um momento de silêncio passou antes dela continuar. — Meus irmãos estavam com doze anos e eu mal tinha completado dezenove anos quando Kaleo matou nosso pai. Eu podia ter parado-o, se eu tivesse estado em casa um minuto mais cedo, ao em vez de eu correr para dentro momentos depois que ele o matou. O gêmeo de Christopher estavam lá, ele viu tudo. Kaleo deixou muito claro que ele não hesitaria em quebrar o pescoço de meu irmão se eu recusasse novamente.

— Então, eu concordei. — As palavras pareciam prender-se, como se Nissa sufocasse de volta as memórias. — Eu fiquei com meus irmãos por poucos anos, mas minha espécie não existe facilmente no mundo humano. Houve...um acidente. Eu mudei meu irmão, e ele mudou Christopher na noite seguinte. E agora nós estamos aqui.

— O que aconteceu com seu outro irmão? — Sarah perguntou. Num instante as palavras estavam saindo de sua boca, a expressão de Christopher a fez arrepender-se da questão.

— Ele não veio conosco, — Nissa respondeu calmamente. Estava claro que ela não queria entrar no tópico, e Sarah decidiu não pressionar.

Um pesado silêncio pairava, ambos os vampiros obviamente contemplando sua história dolorosa. A mente de Sarah foi levada de volta para seu propósito aqui, mas ela não podia contar a eles agora. Não quando eles tinham acabado de abrir seu coração para ela. Ela não podia trair a confiança desse jeito, mesmo se não tivesse pedido por ela.

Ninguém parecia saber exatamente como chegar de volta a uma conversa, então Sarah levantou-se e caminhou ao redor do quarto um pouco. Mais uma vez ela percebeu os livros textos escolares.

— Por que você vai para escola? — ela perguntou. — Se você tem... idade, então porque se preocupar? — Ela não ai querer usar a matemática para calcular exatamente sua idade.

— Se você passa muito tempo longe dos humanos, você esquece a sua própria humanidade, — Nissa disse, sua voz distante. — Fica mais difícil lembrar que você costumava ser um deles, mais fácil pensar neles como...gado, — ela terminou desculpando-se. — A maioria de nossa espécie é assim. Eles não vêem nada de errado em matar humanos. Christopher e eu decidimos que nós precisávamos lembrar.

Sarah lembrou com desconforto o comentário de Adianna sobre o sangue de vampiro destruir de vagar o último resquício de humanidade, e estava satisfeita que ela não foi diretamente convidada para falar. Nissa continuou com o que soou como um brilho forçado, — É legal de verdade ser parte do mundo humano um pouco, embora eu suponha que poderia imaginar lugares mais glamurosos do que o ensino médio. — Com um breve olhar para alguns

folhetos sobre a escrivaninha, ela adicionou, —F alando nisso, você está certa que não quer vir para o baile de Halloween? Vai ser muito divertido?.

Sarah começou a discutir, mas em vez disso acabou encolhendo os ombros. *Que inferno, ela pensou, eu posso fazer isto uma última vez, não posso?* Dominique ficaria furiosa, mas o baile seria cedo o suficiente para ela fazer a cerimônia da meia-noite. Como Nissa tinha dito, às vezes era bom fazer parte da multidão humana por um tempo.

Ela ouviu a si mesma responder, — Certo. Eu vou encontrar uma maneira de ir.

Capítulo 09

SÁBADO À NOITE, Sarah escreve um bilhete para Dominique: *eu vou ir para o baile da escola, mas estarei de volta em tempo de sobra para a cerimônia. Sarah.*

Ela vestiu-se cuidadosamente, adicionou uma alusão de maquiagem, e fixou as mangas de seu vestido para ocultar a bainha da faca acionada por uma mola em seu pulso esquerdo. Outra faca estava em suas costas. Ela confiava em Christopher e Nissa, mas um caçador de vampiros não sai desarmado, especialmente nesta época do ano. A lua estava cheia, era o Ano Novo das bruxas, e sua aura cintilou ao redor dela, forte e brilhante. Ela tinha muitos inimigos vampiros no mundo que poderiam reconhecê-la.

Sarah encontrou com Christopher e Nissa só do lado de fora das portas da escola.

— Sarah, você parece incrível! — Nissa exclamou.

A saia pregueada de Nissa ondulou em torno dela quando ela cruzou a pista de dança. Ela estava vestida com um vestido verde esmeralda estilo Renascentista preso com laços nas costas e exibindo sua figura perfeita. Christopher estava vestindo como um Gypsy¹, com uma veste colorida e um lenço multicolorido ao redor de sua cintura.

¹ Roupas ciganas.

Sarah estava usando o mesmo vestido que ela usaria para a cerimônia mais tarde, um leve, vestido de algodão prateado que fluía em torno de suas pernas quando ela movia-se. Em torno de sua cintura, no lugar do cinto de prata que ela usaria à meia-noite, estava uma cinta de esmeraldas que combinava com seus olhos. Estava adornada com estrelas de prata que ela tinha escondida em algum lugar no fundo do seu armário. Ela não as usara por muito tempo; tinham sido um presente de sua irmã, antes do tempo que Adianna tinha renunciado tais coisas frívolas como provocação de irmãs e presentes de aniversário regulares para seguir os passos emocionantes de Dominique.

As constelações um pouco desbotadas na cinta lembravam a Sarah da imagem desenhada por Christopher. Desde que ela dificilmente poderia sair ao redor segurando planetas, ela usou sol e lua de brincos.

Quando os três encontraram-se do lado de fora do ginásio, os olhos de Christopher disseram que ele reconheceu a roupa.

Então eles entraram para o baile juntos, o feixe de luz da aura de outra bruxa causou a Sarah um espalhar por feixe de poder e tentar localizar sua fonte, mas a multidão de estudantes era tão espessa que não podia.

Uma música lente começou, e Christopher olhou para ela. — Quer dançar? — Ele perguntou enquanto pegava a mão dela.

Ela viu um fio de nervosismo na expressão de Christopher quando ela hesitou, e antes que pudesse pensar sobre isso, ela respondeu, — Claro.

Ela ficou tensa quando Christopher tocou-a. Estendendo seus sentidos para localizar a outra bruxa que tinha tornado-a hipersensível para a aura vampírica dele. Ele

parecia tão humano. Tão frágil, e mesmo assim sua presença fez cada sentido dela aguçar em advertência.

Ela distraiu-se para focar na outra bruxa. O poder que ela sentiu era familiar o suficiente que a fez desconfortável. Ela não imaginava estar aqui, mas Dominique não teria vindo buscá-la, teria? Se ela estava no baile, ou se Adianna estava aqui...

Alguma coisa sobre este momento estava errado. Nesta distância entre eles, neste momento, a aura de Christopher corria sobre a sua pele como milhares de patas de aranha correndo através de sua carne nua.

Ela parou de dançar ao mesmo tempo que viu Adianna na multidão. Distraída como devia ter estado ela não reconheceu a presença de sua irmã.

— Eu não posso fazer isso, — ela sussurrou recuando de Christopher, balançando sua cabeça violentamente. Se Adinna o visse, depois de ter dado sua advertência...

— O que? O que eu fiz? — Christopher. A dor em seu olhos era tão crua que ela queria conforta-lo.

Mas — Eu sinto muito— era tudo o que ela podia dizer antes que fosse para longe. Ela quem haviam ensinado a lutar até o fim, ganhar ou perder, agora correu de uma das muitas criaturas que ela caçou.

Recostada contra a parede do lado de fora, completamente sozinha, Sarah sentiu-se melhor. Um momento depois as portas abriram de novo e Adianna saiu, seus olhos movendo-se afiadamente ao redor da área enquanto checava alguma possibilidade de ameaça.

— Sarah, Mamãe está fazendo um ajuste. Ela pediu-me para encontrar você. O que está fazendo aqui? — Adianna estremeceu com a respostas óbvia quando a porta abriu de novo e Christopher seguiu-as para fora.

Christopher congelou, sem dúvida sentindo o perigo, mas não o entendendo totalmente.

— Por favor, Adia, deixe-me cuidar disto, — Sarah pediu baixinho, agarrando o pulso de Adianna antes que a outra caçadora pudesse se mover.

Sarah – Adinna disse, tocano-a com sua mente.

Respondendo da mesma forma, Sarah interrompeu, eu vou contar toda a verdade a ele, e então eu vou para casa. Eu me preocupo com ele, e com sua irmã. Eu não quero qualquer um deles machucado. Apenas deixe-me dizer adeus a minha maneira. E não conte para Dominique.

Adinna não podia ler a aura de Christopher quase tão bem quanto Sarah podia, e sabia que o vampiro não era uma ameaça física. Ela assentiu com a cabeça. Se Sarah estava indo contar a ele quem ela era, e terminando a amizade, então Adianna podia deixá-la fazer isso.

Adianna recuou, mantendo seu olhar fixo no vampiro antes dela deslizar em torno do canto em frente ao edifício.

Capítulo 10

— O QUE FOI AQUILO? — Christopher perguntou, confuso.

— Adianna...não gosta de você. — Foi o máximo que ela podia pensar para dizer. — Venha aqui – longe da porta. Eu preciso conversar com você e não quero ninguém perambulando em torno de nossa conversa. — Ela levou-o para trás do edifício.

— O que eu fiz? — Christopher perguntou quando ela hesitou em explicar.

Você é um sugador de sangue — Não fez nada errado, — Sarah respondeu. Ela tomou uma respiração para dar força a si mesma para suas próximas palavras, pois eles desejariam esperançosamente não acabar com a coisa mais próxima que ela tinha alguma vez tido de uma verdadeira amizade. — Mas eu preciso que você deixe-me em paz. — Só dezessete anos como filha de Dominique Vida mantendo sua própria dor fora de sua voz. Ela não podia continuar com esse vida dupla, e Christopher estaria mais seguro nada sabendo. — Eu quero que você fique longe de mim, — ela continuou, pressionando a faca na bainha. — Você não pode falar comigo. Não pode vir perto de mim. Jamais olhar para mim.

— Se é assim como você se sente, — ele respondeu, sua voz mais fria do que a um momento atrás, embora ela

pudesse ainda ouvir a mágoa nela. Ela tinha escondido o suficiente de suas próprias emoções em sua vida para reconhecer que ele estava tentando fazer o mesmo.

— Eu sinto muito.

— Não sinta, você não é a primeira a rejeitar-me, e provavelmente não será a última.

— Eu não quero a machucar você, Christopher. — Ele deu de ombros, afastando-se, como se não se importasse.

— Isto é mais difícil fazer do que se poderia pensar, — ele respondeu amargamente.

As palavras deram a ela um momento de dor. — Christopher, vire-se. — Ela não podia deixá-lo assim, sem entendimento. Ela estava tentando protegê-lo; ela não queria machucá-lo.

— Eu estou saindo. Eu não vou incomodar você.

— *Christopher, olhe para mim!*

Ele se virou, seu rosto completamente neutro, exceto por um fio de raiva atrás de seus olhos.

— O que? — Sua voz estava fria, controlada – muito diferente do Christopher que Sarah tinha vindo a conhecer. Ela perguntou a si mesma quando em sua vida ele tinha precisado aprender como não mostrar nada se seus pensamentos, nada de seus sentimentos.

— Não é você, — ela disse calmamente. Ela não podia ficar ali e o deixar ir sem contar a ele suas razões. — Não, não é quem você é...e não é mesmo o que você é. Bem de uma forma é, mas... — Ela souou como uma idiota desajeitada, mas as palavras necessárias não vinham facilmente para ela. — Não é apenas o que você é. É o que eu sou.

Christopher começou a fazer uma pergunta, então parou.

— Christopher, eu sou uma bruxa. Uma Filha de Caçadora, — ela elaborou. Diferente das modernas Wiccans², sua espécie não era humana, nunca tinha sido humana.

— Eu não mi importo se você é Dominique Vida em si, — Christopher declarou audaciosamente.

As palavras de Christopher causou uma riso histórico que se enroscou na garganta de Sarah. Sua mãe era mais famosa – ou dentro de círculos vampiros, ou anônimos – a caçadora de vampiros nascida em centenas de anos.

Em resposta, ela desembainhou a faca de suas costas; a lua cintilou seu cabo de prata. Christopher xingou baixinho sob sua respiração, e ela sorriu ironicamente. — Christopher, Dominique é minha mãe.

Agora ele olhou para ela com um pouco mais de cepticismo, e era a última coisa que ela esperava. A maioria dos vampiros era muito mais precavido com a espécie dela. — Você? Mas você é...

Ela embainhou sua faca, tentando mostrar que ela não significava nenhuma ameaça para ele. — Eu sou o que?

— Eu tinha encontrado muitos caçadores em meu tempo, Sarah... — Ele levantou a mão, gesticulou vagamente. — Você não parece com o tipo.

Dando um passo para frente, ela colocou sua mão direita plana e espalmada contra o peito dele e a esquerda sobre sua garganta, empurrando ele de volta à parede.

Choque encheu as feições de Christopher, mas então ela disse, — Minha faca ainda está em suas costas, e

² É como são conhecidas as bruxas modernamente.

se esta fosse uma luta real, nos dois sabemos que eu poderia matar você antes que você pudesse alcançá-la.

Ela fechou seu pulso direito, atraindo para si a atenção de Christopher para a posição sobre seu coração, e então moveu sua mão para parede.

Com sua mente ela alcançou e colocou em funcionamento a mola da faca que ela usava no seu pulso, e a lâmina moveu-se para fora, cortando dois centímetros dentro dos painéis de madeira na parede.

— Não me subestime, Christopher.

— Você vai matar-me, Sarah? — ele perguntou, mas não havia medo em sua voz – apenas um fio de raiva. Ele estava ficando na defensiva, tentando não deixar sua mágoa transparecer. Ela reconheceu o ato, raiva era muito menos doloroso de se sentir do que tristeza.

— Eu não vou matar você. E minha *família* não quer também.

— Eu posso tomar conta de mim mesmo. — Tão corajoso. A maioria dos vampiros tinha medo da minha espécie, mas Christopher não parecia nenhum pouco preocupado.

— O que quer dizer? Se minha mãe ou irmã atacarem você, você vai matá-las? Não há uma boa situação aqui, exceto por você deixar-me em paz. Eu não sou certa para você.

— Sarah, eu não me importo com quem você é, — ele repetiu. — Eu tomei a faca de uma de sua linha antes. Eu tenho uma cicatriz, mas eu ainda estou vivo, se alguém ataca-me, eu saí. Isto é como eu sobrevivi por mais de cinquenta anos.

Ela hesitou. Como ele tinha pegado a faca de uma Vida e viveu?

Aquela questão foi empurrada de sua mente enquanto ela processava a questão sobre — cinquenta anos. — De acordo com a história que Nissa tinha contado, ele tinha facilmente três vezes aquela idade.

Ela refreou de volta suas questões, e focou no assunto em questão.

— Christopher, talvez você não se importe, mas eu tenho que fazer.

— Você é uma adolescente – é seu trabalho agir contra seus pais. O que é o pior que eles poderiam fazer para você? — A questão era espantosamente ingênua.

— O pior? Christopher, você não entende. Eu sou Sarah Tigress Vida, a Filha mais jovem de Vida. Se minha mãe descobre que tenho protegido um vampiro, ela vai renegar-me. Eu vou perder meu título, meu nome, minhas armas e até mesmo minha mágica.

— Isso pode ser difícil, mas você é forte o suficiente para passar por isso, — disse Christopher, ainda não entendendo.

— Eu vou estar indefesa. Eu tinha matado muitos de sua espécie antes. Eu tenho feito muitos inimigos. Se eu não puder lutar, eu estou morta. Se minha linha renegar-me, seria mesmo assim morta por eles.

— Isto é o porquê você quer que eu a deixe em paz?

Ela parou só por um momento. — Eles vão matar você, também, se eles virem você comigo de novo. Talvez você esteja disposto a arriscar. Mas eu não estou. Eu irei odiar a mim mesma por fazê-lo, mas eu preciso defender-me, então se você chegar perto de mim novamente, eu vou ter que agir.

Por um instante, algum troque de sombra combinado com a culpa de Sarah fez Christopher parecer não como um

amigo que tinha sido traído, mas como um inimigo que tinha sido injustiçado.

— Bem, — ele respondeu, e agora sua voz era como uma porta de aço, fechando alguns dos melhores momentos que Sarah já tinha tido.

Capítulo 11

Assim que Christopher estava fora de vista, Sarah correu do pátio da escola, saltou dentro do banco do motorista de seu carro, e colocou a chave na ignição. Suas mãos estavam tremendo; tão logo quanto ela percebeu, o movimento cessou.

Sarah Tigress Vida não era perfeita, mas nunca perdeu o controle antes desde que seu pai tinha morrido, e ela não intencionava agora.

Mas absolutamente ela não podia enfrentar a sua família direito agora. Dominique e Adianna eram as últimas pessoas que ela queria ver. Tampouco a importar-se em ver o outro caçador de vampiros com quem sua família estaria celebrando o Ano Novo.

Perto das onze horas, ela arrastou-se para dentro do terreno do estacionamento claramente iluminado da SingleEarth Paraíso. A mistura de auras brilhantes saía para fora da proteção mágica do edifício – vampiros, metamorfos, bruxas e humanos.

Ela encontrou Caryn perto da porta. A curandeira deu uma olhada em Sarah e levou-a para uma sala vazia.

— Por que a tristeza? — Caryn perguntou gentilmente, quando Sarah desmoronou sobre a cama.

Quando Sarah não respondeu, Caryn colocou a mão em seu ombro, amigavelmente, apesar do fato de que elas

nunca tinham sido amigas. A aura da outra bruxa era como uma brisa quente, gentil e calmante enquanto ela tocava sobre da pele de Sarah.

— Sarah, o que está errado?

— Posso ficar aqui está noite? Eu não posso encarar minha mãe direito agora. — Sarah fez uma careta. — Se eu não voltar para casa hoje à noite, ela vai querer saber onde eu tinha estado. Ela vai estar chateada se eu perder a reunião, mas não é contra a lei para mim estar aqui.

Caryn sentou na cama próxima a confusa caçadora. — Enquanto você estiver aqui pacificamente, você será bem vinda para ficar. Mas eu iria achar que você gostaria de passar o Ano Novo com sua família.

Sarah fechou seus olhos, tentando limpar sua mente da expressão de Christopher. — Há algumas coisas que eu preciso pensar antes que eu as veja de novo. E eu não quero brigar com Dominique no feriado.

Caryn afagou-lhe a mão. — Fique o tempo que você quiser. Se você for capaz de enfrentar isto, você devia vir para baixo, encontrar algumas dos outros. Mesmo um caçador precisa de paz em sua vida algumas vezes.

— E como a SingleEarth iria reagir a uma caçadora em seu meio? — Sarah perguntou secamente.

— Se você entrar lá, alguns vampiros vão ficar nervosos, mas eles darão a você uma chance. — Sarah sorriu, mas Caryn saiu dizendo, — É o esforço que importa, cada vampiro, cada bruxa, ainda tem uma alma humana".

Sarah hesitou, mas passar a noite sozinha em um pequeno quarto, escutando a música do andar de baixo e olhando pela janela, não era como alguém gostaria de passar seu feriado.

Caryn conduziu-a para o andar de baixo, onde a festa da SingleEarth estava agitada com a atividade. Humanos misturados com vampiros e bruxas, sorrindo e divertindo-se juntos como se eles fossem todos da mesma espécie.

Sarah girou seus ombros, tentando trabalhar a tensão entre suas omoplatas. Não importava quão leve e feliz os foliões estavam, ela tinha a expectativa de ter uma faca em suas costas.

— Solte-se, Sarah, — Caryn encorajou-a. — Apresente-se para alguém, e convide-o para dançar. Apenas se divirta. SingleEarth é segura, um local neutro – ninguém vai morder.

Apesar do estímulo de Caryn, o sentimento de Sarah de estar no lugar errado recusava-se a desaparecer. Ela não se juntaria a festa, mas assistiria do canto, até que perto das duas horas da manhã houve excitação do lado de fora. Alguém agarrou o braço de Caryn, puxando-a através da porta de entrada.

O quintal era brilhante, e Sarah reconheceu a figura que estava levando Caryn em direção a um canto escuro. Ela rastejou atrás discretamente, não querendo falar com Christopher se pudesse evitar, mas não disposta a deixar Caryn sozinha com qualquer vampiro que não da SingleEarth, mesmo um que ela conhecia. Christopher tinha sangue em seu braço, e um pequeno traço em sua bochecha como se ele tivesse tirado seu cabelo fora de seu rosto sem perceber sua mão ensangüentada.

Christopher tinha dirigido para festa, o que era curioso em si mesmo, mesmo ele, parecendo o mais fraco dos vampiros, poderia ter viajado mais facilmente com sua mente. Ele estava dirigindo um lustroso branco Le Sabre³ que

³ Figura <http://www.google.com/imgres?imgurl=http://www.seriouswheels.com/pics-1960-1969/1967-Buick-LeSabre-Green-Convrt-1280x960-sy.jpg&imgrefurl=http://www.seriouswheels.com/1960-1969/1967-Buick-LeSabre->

Sarah nunca tinha visto antes. Ela compreendeu instantaneamente, entretanto, quando ele abriu a porta para o banco de trás para revelar uma humana ferida.

Sarah relaxou um pouco quando ela percebeu que Christopher estava aqui para ajudar uma amiga humana, mas então suas suspeitas cresceram. Como a garota tinha sido ferida em primeiro lugar?

Caryn escorregou para dentro do carro ignorando o sangue, enquanto Christopher ajoelhou-se ao lado da porta aberta.

— Aparentemente ela estava em uma celebração, e ela entrou em uma briga — ele explicou depressa. — Um dos vampiros lá pediu-me para conseguir sua ajuda.

— Por que ele mesmo não a trouxe? — Caryn perguntou, sua voz desfalecendo, enquanto a maioria de sua concentração ia para examinar a humana.

— Apenas ajude-a, — foi tudo o que Christopher disse em resposta.

Um segundo mais tarde, Sarah ouviu Caryn assoviar uma respiração com surpresa. Curiosa, Sarah deu um passo adiante para olhar dentro do carro.

A garota estava naturalmente serena, a pele escura marcada por pelas contusões e feridas superficiais, e Sarah podia dizer que a vítima estava inconsciente, o maxilar estava provavelmente quebrado. Ela estava sangrando em variados lugares, e sua respiração era rápida e superficial.

Sarah podia somente ver o braço direito da garota, mas isso foi suficiente. Cicatrizes desbotadas marcavam sua pele – num rosa em seu ombro direito e um torcer de fios de

hera em seu pulso. A garota era uma das vítimas de Nickolas. Tinha Nickolas a mordido, ou teria um outro vampiro causado as lesões mais recentes?

— Sarah, Christopher me dêem algum espaço, — Caryn ordenou. Sua voz era gentil, mas a autoridade era inconfundível. Sarah podia sentir a pulsação suave da magia emanando da curandeira – um quente e pacífico, irradiar de alegria, tão diferente da dolorosa magia Vida.

Sarah podia ver a tensão nos movimentos de Christopher quando ele escorregou passando por ela sem uma palavra, e movendo-se para adicionar uma maior distância da luz.

— Quem é ela?

Christopher pausou. — Seu nome é Marguerite, — ele respondeu cautelosamente. — Eles pediram-me para levá-la, porque a ninguém do grupo é permitido estar uns cem metros da SingleEarth.

— Por que você?

— Provavelmente porque eles podiam achar-me. — Sua voz estava tornando-se mais fria. — Sangue chama sangue – muitas poucas pessoas em minha linha são daquele circuito. — As palavras pareciam um desafio, como se ele expusesse sua conexão com os assassinos.

Ela olhou para o carro, onde Caryn ainda estava trabalhando. — O que aconteceu com ela?

Christopher balançou sua cabeça. — Eu não vi isso. Tudo o que eu sei é que um outro vampiro insultou Nickolas, e Marguerite deu um soco nele. Ela quase conseguiu se matar antes de alguém arrastar os dois separando-os.

Então Nickolas não foi o único que a machucou, Sarah pensou, quase decepcionada. Se Nickolas tinha causado isso, Sarah podia provavelmente conseguir alguma

informação da garota, mas se ela tinha atacado um vampiro para defender Nickolas, então Marguerite não ia provavelmente contar muita coisa para a caçadora.

— Você conhece Nickolas, então? — ela perguntou em voz alta.

— Não, Sarah. — A voz de Christopher era tão confiante, e deixava muito claro que ele não tinha a intenção de dizer nada a ela.

— Você estava na celebração?

— Você acha que eu sou o que bateu nela? — Christopher perguntou, sua voz calma, mas tensa com raiva.

Não, ela não pensaria jamais que Christopher machucaria um ser humano. Mas se ele estava aparecendo em torno de Nickolas e outros assassinos, então ela teria que começar a se perguntar se suas impressões eram corretas. — Você fez?

— Eu não machuquei-a, — ele disse, afastando-se. — Eu não estava na celebração. Eu não sigo aquele circuito. — Ele soou magoado.

— Eu tinha que perguntar. — Mas aquilo era uma mentira. Ela podia ler sua aura, e mais do que isso, ela conhecia Christopher. Ele não era um assassino.

Sarah não tinha nada mais para dizer a ele. Dominique ou Adianna teriam tido uma faca em sua garganta imediatamente, exigindo informação sobre Nickolas e seu grupo. Ele tinha estado falando com alguma Filha de Vida, mas Sarah, Christopher não estaria vivo pelos próximos cinco minutos.

A silenciosa tensão durou por vários momentos, até Caryn chamou Christopher para levar a garota para casa. Marguerite precisava descansar, mas ela ficaria bem.

Sarah não sabia o que a irritava mais – que Christopher tinha sido tão frio, ou que ela estivesse visto duas pessoas que poderiam ter lhe dado informação sobre Nickolas afastar-se dela.

Capítulo 12

CHRISTOPHER NÃO ESTAVA NA AULA na segunda-feira. O assento ao lado de Sarah estava dolorosamente vazio. Sem novos poemas aparecendo em seu armário ou em sua mochila.

Na aula de escultura, ela evitou Nissa. Ela sabia que se ela permitisse a si mesma manter até mesmo um casual relacionamento dentro da escola com os vampiros, ela nunca seria capaz de manter a distância necessária que a lei Vida exigia.

No almoço ela estava surpresa ao perceber que já sentia falta deles ferozmente. Ela nem mesmo saiu da cafeteria, mas trouxe seu sanduíche para o pátio externo e comeu na grama, sozinha.

Em cálculo, ela começou a se preocupar com Christopher. De novo ele não estava na aula. Vampiros não ficam doentes e necessita-se muito mesmo para machucá-los. Embora fosse possível que Christopher já tivesse decidido evitar a escola – e ela – ela esperava que esse não fosse o caso, não queria pensar que ela tinha afugentado ele para longe daqui.

É claro, se ele não tivesse planejado estar ausente, então ela não gostaria de pensar sobre o porquê ele não estava aqui. Enquanto mito humano frequentemente

relacionam aos vampiros o título de — imortal, Sarah bem sabia que eles poderiam ser mortos.

Resolvida a não falar com Nissa, Sarah deveria ter mantido-se firme, se ela não tivesse colidido com a garota no terreno do estacionamento. Ela estava correndo para reunir-se com Caryn para ter seu lance eliminado quando ela quase colidiu com Nissa.

Saltando para trás, ela perguntou, — Christopher está bem? As palavras estavam fora de sua boca antes que ela tivesse uma chance de pensar sobre elas.

Nissa hesitou, aparentemente surpresa, — Eu penso que sim. Ele...estava chateado depois do baile, e foi visitar seu irmão. Ele voltou para casa estraçalhado um pouco antes do nascer do sol esta manhã.

— Seu irmão? — Sarah repetiu tudo o que ela disse, seu estômago caindo. Ela inclinou-se contra um carro próximo, correndo suas mãos através de seu cabelo. Eles tinham deixado claro antes que o gêmeo de Christopher tinha decidido não seguir o mesmo caminho pacífico como seu irmão e irmã. — Olha, Nissa — .

— Desculpe-me. — Sua voz estava seca, e decididamente infeliz. Sarah virou-se para ver Robert, em pé de mau-humor a poucos pés atrás. — Esse é meu carro que você está inclinando-se contra.

Nissa agarrou o braço de Sarah e puxou ela para longe do carro. Robert foi ao redor para o lado do motorista e bateu no porta-malas.

— Eu não sei o que fazer com Robert, — Nissa disse sobre sua respiração, suavemente de maneira que o humano não ouviria por acaso. — Christopher tropeçou nele na noite passada na celebração quando ele foi ajudar Margarite.

Depois daquilo, Sarah parou prestando atenção, porque muito de repente, ela percebeu onde ela tinha visto Robert antes que ela tivesse encontrado-o na escola. Seu braço mal cicatrizado era um testemunho da noite.

— Desculpe-me, Nissa. — Não importava o que aconteceu, ela era uma caçadora em primeiro lugar. Robert tinha estado na celebração onde Sarah encontrou por acaso uma das vítimas de Nickolas, bem como na celebração onde Marguerite tinha estado. Se era parte do circuito, então tinha uma chance de conseguir isto dele.

Ela virou suas costas para Nissa e apressou-se para o carro de Robert, onde ele já estava abrindo a porta do lado do motorista.

— Robert! — Ela fechou a porta com um trivial toque com a palma da mão, e o humano pulou, movendo seus dedos em apenas tempo suficiente para evitar que eles batessem com violência na porta.

Ele tentou ignorá-la, alcançando a maçaneta, mas ele não tinha conotado com a força dela. Ela não era tão forte quanto um vampiro, mas podia facilmente derrotar um ser humano puro sangue.

— O que você quer? — ele finalmente perguntou.

Sarah olhou para baixo onde Nissa tinha estado, mas a garota tinha desaparecido. Com ninguém para ouvir, ela perguntou a questão honestamente para Robert. — Eu quero saber o que você estava fazendo na celebração na noite de Halloween.

— Eu fui convidado, — Robert retrucou.

— Por quem?

— Você não pode apenas ler minha mente ou algo assim? — Ele empurrou com os ombros ela para o lado, e a

mistura de suas palavras e o movimento forçou-a fora de equilíbrio suficiente para ela deixá-lo.

Ele pensou que ela era um vampiro. Oh, era magnífico. Perto de rir, ela segurou a porta antes que ele tivesse a chance de entrar no carro.

— Deixe-me, sozinho.

— Eu não sou um vampiro. — Sua mente estava funcionando rapidamente. Ele tinha visto-a na celebração, e tinha feito uma suposição óbvia. O que ela não podia imaginar era o porquê, se ele pensou que ela era um vampiro, ele a tinha odiado quase à primeira vista. Embora houvesse sempre abundância de humanos que eram convidados para uma celebração puramente como pratos de entrada, a maioria repetia convidados que tomavam parte porque eles gostavam de ser o alimento. Robert obviamente não era parte do primeiro grupo, mas sua aversão por ela provou que ele não era parte do segundo também.

Os únicos ouros humanos que participavam das celebrações eram os ligados por sangue, ou os que pensavam em si mesmo como caçadores. Sarah teria sentido a ligação de sangue.

— Então o que você é? — Robert pressionou. — Você com certeza absoluta não é humana.

— Eu sou uma bruxa.

Robert bufou. — E os porcos voam.

Ele tinha apenas começado a deslizar no assento quando ela adicionou. — E eu sou uma caçadora de vampiros.

Finalmente ele parou, e novamente ela sentiu-o medindo-a.

Tecnicamente, Sarah devia ter pedido permissão a Dominique antes de contar a qualquer humano que ela era uma bruxa. Dependendo de como Robert suportaria sua revelação, Sarah ainda teria que limpar sua mente para fazê-lo esquecer que ela tinha dito qualquer coisa – alguma coisa que era difícil, mas possível – ou ela poderia ser capaz de recrutar sua ajuda.

Robert olhou ao redor do terreno do estacionamento, onde outros estudantes estavam reunindo-se no período pós-escola num alvoroço de atividades. — Entre no carro, — ele finalmente diz. — Diga-me o que você sabe.

Ele arranca para fora do local do estacionamento antes que Sarah pudesse pensar em como começar. Seu silêncio perecendo fazê-lo desconfortável, então ele fala antes. — Olhe. Só porque eu estou escutando você não necessariamente quer dizer que eu acredito em você. Mas talvez se contar-me o que você estava fazendo na celebração...

— Você deve ter saído mais cedo se você não sabe a resposta para essa questão, — Sarah disse, pensando no desastre que a noite tinha se tornado.

— Aproximadamente dez, — Robert respondeu, com um aceno de cabeça. — Eu não pude achar a pessoa que eu estava procurando, então fez sentido circular em volta.

— Quem você estava procurando?

Robert estava dirigindo sem rumo, aparentemente, mas agora ele parou no lado da estrada. Voz fria e leve apesar da suspeita, ele perguntou, — Por que você se importa?

Sarah podia ver que ele não estaria dando informações de graça, e diferente dos vampiros, ela não tinha a capacidade alcançar dentro de sua mente e encontrar o que ela precisava saber. Ela tinha que contar a ele alguma

coisa — Eu quero alguém morto, e você deve se capaz de ajudar-me, — ela explicou.

Robert hesitou por apenas uma fração de um bater de coração. — Você está no encalço de Nickolas. — Quando Sarah assentiu, ele olhou para ela com absoluto cepticismo, medindo sua pequena figura. — Você realmente acha que pode pegar aquela...criatura?"

— Eu estou tentando, — ela falou ríspida e rapidamente antes que pudesse conter a si mesma. Sua dedução tinha feito lembrar alguma coisa, mas Robert não sabia o que ele estava falando aproximadamente, mas ficar furiosa com ele não iria ajudar as coisas. Ela forçou a si mesma a controlar seu tom na próxima vez que falasse. — E não estou planejando uma queda de braços com ele, Robert, e eu não sou tão indefesa quanto você pensa. Eu não sou humana; eu sou mais forte do que sua espécie, e eu tenho mais poder. E eu tenho sido treinada para matar vampiros minha vida inteira. Eu sei o que eu estou fazendo.

— Bem, boa sorte, — Robert respondeu sarcasticamente. — Eu tenho matado minha cota de vampiros, mas eu tenho estado atrás desse bastardo por meses.

Ela tinha que evitar a si mesma de rir de sua bravata enquanto percebia que Robert não tinha elaborado o exato número de sanguessugas que ele tinha atravessado uma faca. Ela não estava surpresa. Ele era somente um humano, afinal de contas, e apesar dela não ter visto-o lutar, sua ignorância de sua espécie disse a Sarah que ele provavelmente era relativamente novo em empunhar uma faca. Ele era sortudo por não ter topado com Nickolas ainda, ou sua pequena atividade extracurricular já o teria matado.

— Quanto tempo você tem estado caçando-o?

— Desde que Nickolas... — Sua resposta era curta, mas clara.

— O que ele fez para você?

Robert tomou uma profunda respiração, seu olhar fixo em algum lugar do passado no ombro esquerdo de Sarah. — Não para mim...minha irmã. — Ele falou devagar, considerando suas palavras cuidadosamente antes delas emergirem. — Seu nome era Christine.

— Era? — Sarah estaria longe da surpresa ao saber que o sanguessuga tinha abatido a pobre garota.

— Nós a chamávamos de Kristin, agora. Ela não responde a seu nome real. — Ele pausou. O silêncio foi por um longo tempo que Sarah começou a perguntar se ele tinha terminado, mas finalmente ele continuou, — Uma de suas amigas, Heather, levou-a pra uma festa.. .Eu não sabia então, mas era uma celebração de Nickolas. Ela não voltou para casa a noite, ou na manhã seguinte. Minha mãe chamou a polícia, e eles devem ter checado os hospitais. — De novo ele tomou uma profunda respiração como se para dar força a si mesmo, e ela podia ver a visão se formando em seus olhos. — Ela tinha perdido muito de sangue. Ele tinha gravado seu nome sobre seu braço, então deixou-a perto da morte em frente a um gramado de um estranho.

Enquanto ele falava, emoções surgiam através da aura de Robert – fúria, frustração, ódio. Ele forçou seus pulmões a tomarem uma profunda respiração de ar para acalmar a si mesmo. Ele não deixou-nos chamá-la de Christine nunca mais, e ela fica em seu quarto o tempo todo. Se você perguntasse a ela, ela falaria sobre Nickolas, sobre quão...bonito e gentil ele era. — As últimas palavras eram cuspidas como uma maldição. — Ela sempre descreveu-o como preto e branco, e depois de um tempo ela ficou dessa

forma também. Ela estremece longe de qualquer coisa colorida, e ela grita quando vê alguma coisa vermelha.

Sarah não gostava de fazer isto, mas ela sondou sua memória ferida por informações úteis. Robert teria que lidar com a dor se ele queria ajudar sua irmã. — Isso é tudo o que você sabe?

Só que ela fica pior a cada dia. — Nenhum médico tem sido capaz de ajudá-la. — Ele balança a sua cabeça. — Eu fui para a casa onde a celebração tinha sido uma poucos dias depois de Kristin voltar para casa, mas ela estava ruindo em chamas. Havia este velho homem observando o fogo – ele morava na casa seguinte, e convidou-me para um chá gelado. Disse que os vampiros tinham vivido ao seu lado por anos. Habitualmente, ele disse, não objetava a menos que eles colocassem a música dentro realmente alta. Mas quando eles deixaram Kristin em seu gramado, ele ficou de saco cheio e incendiou o lugar... — Amargamente, Robert adicionou, — Ele sabia a um longo tempo o que eles eram, e o que estavam fazendo lá dentro. Mas ele não tinha ficado zangado antes que eles pisaram no jardim dele quando eles deixaram Kristin. Isto foi quando ele agiu.

Sarah encontrou puxando a si mesma para trás para longe do humano, que estava tremendo com uma forte raiva suficiente para fazer sua cabeça girar. No entanto ela se forçou a dizer, — Robert, eu preciso falar com Kristin.

Ele deu a ela um olhar de você-tem-que-estar-brincando-comigo. — Ela não fala com ninguém, nem mesmo comigo.

Sarah queria discutir mais adiante, mas conteve-se de volta. Uma visita agora seria arruinada. Ela precisava de tempo para pensar em uma forma para aproximar-se de Kristin então a garota iria falar com ele.

Robert deu a ela uma carona para casa, e quando eles chegaram Sarah pegou um bloco de papel de sua mochila. Rabisco o seu número de telefone, ela rasgou fora a folha e entregou-a a Robert. — Dê-me um telefonema de vez em quando. — Hesitantemente, ela adicionou, — Você realmente devia falar com minha mãe, também. Ela pode treinar você para lutar. — Sarah não sabia se o humano iria admitir que ele precisava de ajuda, mas Robert não estaria vivendo muito se não fosse treinado.

Então ela deslizou para fora do carro, Robert segurou se braço. — Espero só um segundo. — Ele parou, então parecendo construir sua decisão. — Se você realmente pensa que tem uma chance com ele, eu tenho alguma coisa para você.

Ele arrancou de seu bolso o papel onde ela tinha escrito se número, e anotou em baixo um endereço. — Eu fui a celebração aqui de Halloween. Eu sai quando um briga eclodiu, mas eu estive lá por tempo suficiente para saber que é sua casa. É aproximadamente duas horas de distância.

Sarah sorriu, contente pelo primeiro pedaço de verdadeira informação útil que Robert tinha sido capaz de fornecer. Logo ela estaria enfrentando uma das mais longas caçadas por um vampiro dos registros Vida. Nem mesmo Dominique e Adianna seriam capaz de menosprezar aquela luta.

— Obrigada.

— Conte-me como foi?

Com um aceno de cabeça, ela fechou a porta do carro. Ela estava contente que seu arranjo ia sair hoje à noite.

Capítulo 13

SARAH NÃO FOI PARA A ESCOLA no dia seguinte. Fazendo-se de sua mãe, ela ligou mais cedo e se dispensou.

Nenhum caçador bem treinado era louco o bastante para perseguir um vampiro em seu próprio território à noite. Mesmo que vampiros reais não ficassem confinados a sonos parecidos com coma e trancados e caixões sempre que o sol estava no céu, eles eram naturalmente noturnos. Christopher e Nissa eram ótimos exemplos que os vampiros podiam funcionar no mundo diurno, mas conforme o vampiro ficava mais forte, mais irritável à luz do sol ele se tornava, e menos natural o seu horário diurno se tornava.

Então ela tinha bastante certeza que às dez da manhã, Nikolas estaria dormindo. Pelo menos estaria sozinho, e não sendo o anfitrião de uma festa. Ela não era suicida o bastante para se aproximar dele em um grupo de sua espécie, mas ela acreditava que podia lidar com um vampiro sozinha – até mesmo o legendário Nikolas.

Quando ela chegou ao endereço que Robert havia dado a ela, passou por ele uma vez, verificando as luzes e os sons. Era difícil dizer por cima da aura vampírica que saturava a área, mas ela pensou ter sentido humanos lá dentro.

Da próxima vez que ela passou pela quadra, ela estacionou no final da rua. Ela parou o Jaguar no limite entre

duas propriedades, para que nenhum dos donos das casas visse-a, cada um iria presumir que ela era convidada do outro.

Invadir uma casa às dez horas da manhã não era geralmente uma boa idéia, mas de alguma forma, ela duvidava que fosse bem vinda se ela simplesmente batesse na porta. Envolvendo-se em magia, se aproximou pelo quintal lateral. Se um humano olhasse na direção dela, ele iria ver o seu movimento como uma farfalhar de folhas em uma brisa. Ela não era invisível, mas os humanos viam várias coisas que eles não notavam conscientemente. Ela esperava que a sua mágica a mantivesse segura da detecção dos humanos ligados pelo sangue também, já que se qualquer um deles a visse, os vampiros iriam seguir em breve.

A casa era de classe média alta, indescritível a não ser por uma série de clematites que florescia com uma cor violeta brilhante ao redor da caixa de correio e da varanda que circundava a casa. Árvores cresciam bastante neste bairro, proporcionando muita sombra onde as plantas simples cresciam. Alguém havia dedicado tempo à jardinagem.

A imagem de um vampiro há muito tempo caçado praticando horticultura era divertida o bastante para trazer um sorriso ao seu rosto, apesar de ela duvidar que ele fosse o jardineiro.

Do quintal, ela observou a casa. Era de três andares, quatro se tivesse um porão. O andar no topo possuía uma grande janela de sacada no lado norte, mas cortinas brancas bloqueavam a vista de Sarah.

Depois de uma rápida verificação para ter certeza que todas as suas facas estavam no lugar, Sarah pulou para a varanda, seus tênis mal fazendo barulho. Uma curta explosão

de risada a alertou pouco antes de duas garotas contornarem a esquina da casa. Concentrando-se em seu poder, Sarah jogou uma explosão dele nas duas, o equivalente mágico a uma martelada na cabeça. Ambas as garotas desmaiaram, instantaneamente inconscientes. Elas iriam acordar um tempo depois, grogues, mas ilesas.

Respirando profundamente para recuperar a sua concentração, Sarah passou pelas duas garotas e deslizou pela porta aberta que elas haviam saído.

Instantaneamente ela sentiu-se daltônica. *Preto e branco*, Robert havia dito. Ela estava no lugar certo.

O carpete da sala era um preto de pelúcia. As paredes eram brancas, mas com desenhos abstratos que haviam sido pintados nelas de preto. Os móveis eram uma combinação de preto e branco.

Sua cabeça quase rodou com a mudança abrupta de cenário, Sarah mal conseguiu evitar bater em um vaso de rosas brancas em uma mesa preta. Suas folhas verdes eram a única coisa com um pouco de cor no cômodo.

Ela passou pelo primeiro andar rapidamente, satisfeita com facilidade, pois estava vazio. No segundo andar passou por uma porta na qual atrás ela havia sentido a presença de outro humano. Este estava provavelmente dormindo, mas Sarah não arriscou checar. O resto da casa estava vazia exceto pelo vampiro que ela sentiu no último andar, provavelmente no quarto com a janela com a sacada.

Subindo outro lance de escadas, ela o sentiu muito próximo. Se ele estava dormindo, ela ainda teria uma chance de surpreendê-lo. O mais provável era que ele já havia sentido-a da mesma forma que ela havia sentido ele, e estava esperando uma luta.

Ela abriu a porta que ela sabia que devia guiar para o quarto do Nikolas, mas o que ela encontrou lá tirou completamente o seu equilíbrio.

As paredes eram puramente arte, cobertas com pinturas feitas com uma tinta preta cuidadosamente aplicada, como um esboço ampliado para se tornar um mural.

E ela reconheceu as pinturas. Kaleo e Kendra, e outros assassinos vampíricos da alta-sociedade, cada um em retratos distantes, enfeitavam as paredes. Pior, ela reconheceu seus amigos – Christopher e Nissa.

Ainda aturdida, ela se virou quando ela sentiu alguém atrás dela.

Christopher?

Ele estava vestido inteiramente de preto – botas pretas, jeans preto, e uma camiseta preta. Seu cabelo era muito mais longo do que havia estado quando o viu pela última vez, e as ondas de ébano estavam tingidas de preto.

Ele parecia exatamente o mesmo com exceção do cabelo, mas algo estava muito errado.

Sua expressão era escura e raivosa, em oposição àquela aberta e sorridente que ela havia se apegado tanto. Mas a iniquidade não alcançava seu cérebro até que ele a empurrou para a parede, forçando a respiração de seus pulmões. A aura do vampiro a lavou como água gelada – muito forte, muito escura. Christopher não se alimentava de humanos, mas este vampiro sim, e provavelmente havia se alimentado por mais do que cem anos.

Então este é o irmão, ela se encontrou pensando. Ela se lembrava como Nissa e Christopher havia se fechado quando ela havia tentado perguntar sobre o gêmeo de Christopher. *Seria bom saber antes de vir parar aqui.*

Tarde demais – ela havia hesitado por aquele vital instante e agora Nikolas tinha a vantagem. Ele havia agarrado os seus dois pulsos com uma de suas mãos e a segurava contra a parede, cuidadosamente evitando a faca de mola que ela estava usando no seu braço esquerdo. Ele parou ao seu lado, cuidadosamente fora do alcance para um chute.

Sarah estava se concentrando, preparando-se para atacá-lo com a sua mente, quando a mão livre dele veio de lugar nenhum e a atingiu.

— Não tente, Sarah. — Sua voz era similar a do Christopher – um sotaque leve do sul, tão similar aquele que ela veio a confiar.

Ela afastou sua mente da família de Nikolas – ele era uma ameaça, e era só isso que importava.

No entanto ele não estava fazendo nada ameaçador no momento. Ao invés disso, ele estava contemplando-a com curiosidade. — Sarah Vida, eu presumo? — ele perguntou, voz civilizada.

— Tendo certeza que as apresentações sejam feitas antes de lutarmos? — ela perguntou petulantemente.

— Eu admito que eu esteja lisonjeado de ter uma caçadora tão prestigiada me perseguindo, — ele respondeu calmamente, mas eu não tenho a mínima idéia de como lidar com você.

Isso baixou a guarda dela. Até onde ela sabia, havia uma única maneira que os vampiros ‘lidavam com’ caçadores que entravam em seus covis.

— Quer ouvir minha sugestão? — ela perguntou, a voz leve, as palavras uma cobertura enquanto ela começava a juntar o poder novamente.

Ele levantou uma sobrancelha. — Eu não acho que nós... — ele parou de falar e bateu nela novamente, o golpe fazendo sua cabeça girar. — Eu disse para não tentar.

Então ele podia senti-la juntando seu poder; esse tanto era óbvio. Ela iria simplesmente ter que esperar por uma chance quando ele estivesse distraído, o que significava que ela teria que esperar que ele a mordesse.

— Se você vai me matar, vá em frente. Se você está esperando que eu grite ou implore, as suas expectativas estão bem descabidas.

— O seu controle é assim tão bom? — Ela escutou na voz dele que ele havia tomado as palavras dela como um desafio.

Era um desafio que ela sabia que podia ganhar. Ele poderia quebrar o seu pescoço facilmente se ele quisesse, mas se ele quisesse ouvi-la gritar, ele teria que machucá-la. Seriamente. Isso levaria tempo, e tempo daria uma chance para ela escapar. — Sim, é.

Nikolas tirou uma faca de seu bolso: um canivete com cabo de marfim com uma rosa incrustada feita de pedra negra. Abrindo-o, ele o pressionou contra o seu pulso esquerdo, só com força o suficiente para ela sentir a agudeza de lâmina contra a sua pele.

— Se isso é para ser uma ameaça, não funcionará, - ela o informou enquanto ele olhava seu rosto como se estivesse avaliando a sua expressão. — Um corte aí iria sangrar rapidamente. Se você quer se alimentar de mim, você não desperdiçará tanto sangue.

— E se eu só quiser te matar: — ele perguntou.

— Você já teria feito isso, — ela respondeu, sua voz calma apesar de sua incerteza.

— Você tem certeza que não vai implorar? — ele perguntou, oferecendo a ela uma última chance de evitar a dor.

— Certeza absoluta.

Ainda segurando os seus pulsos com a mão direita, ele segurou a faca com a sua mão esquerda, e pressionou a lâmina em seu ombro – um corte afiado, mais ou menos um centímetro de extensão.

Seu músculo se contraiu enquanto a faca o cortava, mas Sarah se recusou a deixar mostrar a dor em seu rosto. Ela usou o seu treinamento para não reagir, já que ele estava esperando uma reação. Ela conseguia agüentar bastante dano e se curar. Mais cedo ou mais tarde, ele iria cometer um deslize, e então ele estaria morto.

Ele empurrou a faca para cima, este corte fazia uma inclinação ligeira com o último, e depois para baixo novamente, como se estivesse fazendo um Z.

Ou um N.

O próximo corte era bem ao lado da última linha da primeira letra, uma linha de meio centímetro, e o próximo era uma linha paralela à segunda letra. Ela sabia o que ele estava escrevendo, e suspirou, percebendo que esta poderia ser uma longa noite. Mais duas linhas curtas seguiram a mais recente, fazendo um K, e então um círculo acidentado e meio quadrado.

Nikolas.

Se fizesse uma cicatriz, ela iria ficar realmente incomodada.

— O seu controle é realmente bom assim, ou você é secretamente uma masoquista? — Nikolas perguntou enquanto ele cortava o rabo do S, um sublinhado irregular.

— É uma coisa de ritual, ou você é apenas sádico? — ela respondeu, impaciente. Apesar de ele estar gostando de seu trabalho, ele não estava concentrado o bastante para Sarah agir.

— Ambos, — ele respondeu, rindo, enquanto ele se virava para o outro braço. — Você pode me pedir para parar a qualquer hora agora. — Ela entendeu o que ele realmente queria dizer — *Você pode se desesperar e implorar.* — Ou eu devo continuar?

— Apresse-se, que tal? — Ela bocejou. — Eu tenho que chegar na farmácia antes que feche. Nós estamos sem band-aids na minha casa.

Nikolas riu. — Não se preocupe com isso — você não precisará deles.

As pétalas da rosa eram mais difíceis, e Nikolas não disse nada enquanto ele trabalhava nelas. Quando ele se seguiu para a hera, ela respirou fundo, preparando-se. O tronco da hera era torcia-se no pulso; para cortar o desenho inteiro, Nikolas precisaria mudar o seu aperto.

Seus braços estavam entorpecidos pelo abuso e por ficarem suspensos acima de sua cabeça por tanto tempo, o que na verdade era uma coisa boa. A dor era anulada.

— Eu espero que esta lâmina esteja limpa. Eu odiaria que isso inflamasse. — Ela falou para quebrar o silêncio e manter a sua bravata.

Como ela previu, Nikolas afrouxou seu aperto por meio segundo, e Sarah aproveitou seu momento, contorcendo seus braços para baixo e puxando a sua faca ao mesmo

tempo. Nikolas mal conseguiu evitar a lâmina de prata enquanto ela a balançava em sua direção.

— Você não é tão rápida quanto uns parentes seus, Sarah, — ele a informou, apenas fora de alcance de seu ataque.

Ela riu de leve. — Rápida o bastante.

— Mais rápida do que a Elisabeth? — ele inquiriu, e os olhos dela se estreitaram enquanto ela se lembrava das longas horas de história. Nikolas era um dos poucos vampiros que haviam matado um Vida e sobrevivido para contar.

— O quanto ela lutou? — Sarah quebrou. — Ela pelo menos enfiou uma faca em você antes de morrer?

— Não em mim. — As palavras eram quase um grunhido. — Saia da minha casa, Sarah. Eu te verei em breve.

Ele desapareceu antes que ela pudesse reagir.

Enquanto ela relaxava, a faca caiu de seus dedos amortecidos. Ela a pegou com a sua mão esquerda, que não estava muito melhor.

Ela se inclinou contra a parede e esticou a sua consciência. Enquanto ela esteve ocupada com Nikolas, os humanos na casa haviam fugido – até aqueles que ela havia nocauteado haviam sumido.

Seu estômago se revirou com uma náusea desagradável que vinha com a perda de sangue. Depois de fazer uma bandagem em seus braços o melhor que fosse possível com suprimentos escassos que ela mantinha no carro, ela pegou seu celular e ligou para Adianna.

Capítulo 14

ADIANNA LEVOU SARAH para a casa de Caryn Smoke, para ser enfaixada pela segunda vez em menos de um mês. Sarah havia conseguido afastar as perguntas de sua irmã somente com um silêncio estóico até agora.

— Nós vamos ter que lavar o sangue antes que eu possa ver os cortes. — Caryn explicou enquanto ela desenrolava as bandagens brutas que Sarah havia feito com os poucos suprimentos de primeiros-socorros que ela mantinha em seu carro.

Ela havia limpado a maior parte do sangue da hera antes que pudesse ver o bastante para dizer qual era o desenho inteiro.

— Oh, Deusa... — A curandeira olhou para cima, seus pálidos olhos azuis arregalados de choque e cheios de perguntas.

— O quê? — Adianna deu um passo para a frente para ver o que a curandeira havia visto.

— Me dê um pouco de espaço, — Caryn a ordenou, sua voz firme.

Adianna assentiu, e se inclinou contra a parede do lado oposto.

Caryn se virou para a rosa. Quando ela chegou ao outro ombro, ela limpou ao redor do ferimento, revelando mais do dano.

Nikolas. Caryn sussurrou o nome, e Sarah viu o olhar de Adianna chicotear na direção delas quando ela ouviu.

A caçadora estava de pé instantaneamente. — É dele que você estava atrás hoje? — Sarah assentiu uma vez, e viu os olhos de Adianna percorrendo os cuidadosos desenhos. Finalmente ela perguntou para Caryn a pergunta que Sarah esteve evitando. — Vai cicatrizar?

O rosto de Caryn estava sério quando ela disse, — Sinto dizer que sim. Eu posso curar o dano mais profundo para que não haja nenhum ferimento permanente nos músculos, mas os machucados já são ruins o bastante para que eu não possa fazer muito mais que isso.

— Minha irmãzinha foi atrás do Nikolas, — Adianna afirmou com alguma surpresa em sua voz. — Ele fugiu, não foi? — De novo Sarah teve que assentir.

— Ele tem caçadores atrás dele por mais de cem anos, Adianna, ele é esperto, e podia sentir quando eu tentei acumular poder para lutar com ele. Eu não tive chance.

Sim, você teve, outra parte de sua mente discutiu quando ela se lembrou de seu momento de hesitação quando ela o viu pela primeira vez. Mas ele parecia com o Christopher, então você não aproveitou.

Adianna só balançou a cabeça, tornando seus sentimentos claros: Se Sarah não teve chance de lutar, significava que ela havia feito besteira de alguma forma. De novo.

Capítulo 15

CARYN ENFAIXOU OS BRAÇOS DE SARAH para a escola no dia seguinte. Sarah não queria explicar as marcas. Sua história, quando alguém perguntasse, era que ela esteve em um pequeno acidente de carro.

Ela estava feliz que o Christopher não estava na escola novamente. Ela não tinha vontade de confrontar seu amigo sobre o seu inimigo. Então em seu armário naquela tarde, ela estava surpresa de ver o mais novo presente. Uma única rosa branca com um pequeno cartão do florista.

Rua Ash, 129, 4 de Novembro

Ela leu as palavras duas vezes, sem acreditar nelas.

Ela, a filha mais nova de Vida, havia sido convidada para uma festa... *intencionalmente*.

Olhando para cima, ela viu Nissa, que estava falando com alguns de seus amigos humanos. Fechando seu armário, Sarah andou até Nissa e agarrou o braço da vampira.

— O que é isso? — ela exigiu, mostrando o cartão. Os amigos de Nissa se afastaram, incertos do que fazer.

— É um...

— Eu sei o que é. Eu quero saber por que estava no meu armário.

— Eu não tenho a mínima idéia, — Nissa respondeu, suas sobrancelhas se juntando em uma careta intrigada. — Christopher me disse o que você falou, e eu nunca... eu posso ver?

Sarah entregou o cartão e Nissa ficou mais pálida, se fosse possível, do que o seu tom já sobrenaturalmente pálido.

— Você não pode ir. Diga-me que você não irá.

— Por que não?

Nissa olhou para o cartão de novo. — Onde você arrumou isso?

— Estava no meu armário. Se não é seu ou do Christopher, então quem iria colocar lá? E por que te assusta tanto?

Nissa olhou de volta para os seus amigos humanos, e então arrastou Sarah para longe, abaixando sua voz para que os humanos não as ouvissem. — Eu estive em uma festa neste circuito antes, mas eu nunca voltaria. Sarah, eles vão te matar. Se eles sabem quem você é...

— Quem são eles? – Sarah pressionou.

— É...é uma das mais cruéis dos circuitos de festas, — Nissa explicou. — Tizoc Theron vai nelas, - ela acrescentou, nomeando um dos mais conhecidos vampiros assassinos no mundo. — Kaleo, Jessica Shade, Chalkha, Kamerine, Jega... até mesmo Kendra pode estar lá. – Sarah absorveu os nomes, tentando combiná-los com os rostos que ela havia visto na última festa que ela havia ido. Nissa continuou, - Até eu tenho medo de ir a uma de suas festas, e eu não tenho sido humana há um longo tempo. Estes vampiros *não são legais*, Sarah. Eu tenho conhecimento de que eles convidam caçadores de vampiro descaradamente só para se divertir. Se eles te convidaram, então eles sabem quem você é, e eles planejam te matar.

— O Nikolas é parte deste grupo?

— O quê? —Nissa perguntou, muito suavemente.

— O Nikolas estará lá? — Sarah exigiu novamente.

— Ele... — Os olhos de Nissa tremularam para as bandagens no braço de Sarah. — Meu Deus, Sarah... eu quero saber o que está aí embaixo?

— Eu acho que você já sabe.

— Você irá, não é? Assassinar o meu irmão. — Nissa se inclinou para trás pesadamente, acertando os armários com um tinido metálico. — Aquele grupo vai te matar, Sarah.

— Eles não conseguiram fazer isso da última vez. — Esta não era uma conversa que ela queria ter. Não importa o quão pacífica, Nissa com certeza não gostaria de ouvir os planos de Sarah para o seu irmão. — Não se preocupe, eu levarei amigos.

— Não.

— Eu não vou deixá-lo se safar com isso.

— Sarah, eu... não leve mais ninguém. Você... — Nissa respirou para se estabilizar. — Se Nikolas te marcou então ele está te observando. Qualquer um que você leve junto, ele já sabe... eles seriam jogo justo. Se você insistir em ir, vá sozinha.

— Até eu não sou tão tola para ir com aquela galera que você descreveu sozinha.

— Eles não vão te machucar, — Nissa disse quietamente.

Sarah riu.

— A maioria das pessoas naquele circuito ou estão com medo de Nikolas, ou são leais a ele, — Nissa discutiu. — Se ele te marcou significa que ele te reinvidicou. Ninguém irá te tocar contanto que Nikolas permaneça vivo.

— Ótimo... eu o matarei e então irei embora rapidamente. Que tal?

— Nikolas sozinho é perigoso não importa o quanto de treinamento você tem. — Nissa continuou enquanto sua voz

tomou um tom mais suplicante. —Até mesmo os humanos lá irão se virar contra você logo que você tentar lutar com ele.

— Nissa, eu sei que ele é o teu irmão, mas você tem alguma idéia de quantas pessoas ele já matou? —Sarah exigiu. — Se eu o deixar ir porque eu estou com medo dele, ele irá continuar matando.

— Você acha que eu não sei? — Nissa respondeu, sua voz tensa. — Fui eu que dei a ele sangue de vampiro, Sarah. Por cada morte que ele faz, eu me sinto culpada.

Capítulo 16

— O QUÊ? — Claro que ela sabia, mas escutar Nissa confirmar tão abruptamente era um choque.

— Eu o transformei para salvar a vida dele. Ele estava na cadeia, esperando para ser enforcado por assassinato. — Em resposta à expressão horrorizada de Sarah, Nissa continuou, — Ele era meu *irmão*, Sarah.

As palavras de Nissa começaram a vir rapidamente, como se ela tivesse esperado muito tempo para contar a história para alguém, e agora ela simplesmente precisava tirar tudo para fora.

— Nicholas e Christopher eram gêmeos, como você sabe... Christopher na verdade nasceu primeiro, mas o Nicholas sempre agia como mais velho. Depois que o meu pai foi morto, Nicholas... ele se tornou mais protetor. Christopher mal entendia o que havia acontecido, mas Nicholas... — Ela parou de falar. A realidade do que Nicholas não precisava ser detalhada.

— Quando eles tinham dezoito, a filha do empregador deles retornou da escola da Europa. Ela era rica, e linda, e meus dois irmãos a adoravam, apesar de que Nicholas nunca teria desafiado Christopher para nada.

— Ela, claro, não estava interessada. Nós éramos muito pobres e muito sem cultura para seus ares de alta-sociedade. A única razão para ela reconhecer a existência dos meus

irmãos era porque a divertia provocá-los. Ela estava sempre tentando colocar os gêmeos um contra o outro.

O olhar de Nissa estava perdido no passado, mas Sarah pegou um lampejo de raiva enquanto ela descrevia a garota. — Seu nome era Christine.

Nissa pausou um momento e então continuou, — Foi em um piquenique do Dia de Maio que as coisas mudaram. Kaleo era bem respeitado na cidade e ele havia conseguido um convite para nós. Nicholas e Christopher estavam tão bonitos, bem arrumados. Eles haviam tido um cuidado a mais para estar bem para Christine.

— Christopher a chamou para dançar. — A voz de Nissa entregou a próxima parte da história antes mesmo dela dizer as palavras. Ela respirou pesadamente e então continuou, — Christine o rejeitou. Pior, ela riu dele. As coisas que ela disse para o meu irmão... eu a teria matado eu mesma, se eu tivesse a chance.

— Nicholas enlouqueceu — ele era tão protetor, e ele atacou Christine, furioso que ela havia magoado o Christopher. Ele a matou, na frente de toda a cidade, e ele foi sentenciado a ser enforcado.

— Ele era o meu irmão. — Os olhos de Nissa imploravam por entendimento. — Eu já havia perdido o meu pai, e eu não poderia suportar perder o Nicholas, também. Não quando eu podia salvá-lo.

— Eu transformei o Nicholas, mas depois disso... a única coisa que eu estive grata pelo Kaleo é que a primeira vez que ele me levou para caçar, ele não me deixou matar. A polícia estava procurando por Nikolas, e enquanto eu estava tentando lidar com ele, Nikolas acordou. Foi no meio do dia, bem mais cedo do que ele deveria ter acordado. Ele correu, e teria morrido se um da minha espécie não tivesse o levado

com ele. — Nissa balançou a cabeça. — Kendra o levou para caçar, e ela o ensinou a matar.

— Ele transformou o Christopher na noite seguinte. Ambos desapareceram da minha vida por meses. Kaleo fez todo mundo que ele conhecia procurar por eles, mas ninguém conseguia encontrá-los.

— Durante aquele tempo, eles fizeram a decisão de desistir de tudo que os lembrava de suas vidas humanas, e isso incluía a mim. Eles até mudaram a assinatura de seus nomes. — Ela tomou fôlego, seus olhos doíam. — Eles nunca me contataram. Eu nem sabia que eles ainda estavam vivos até que descobri um ano depois que eles haviam matado uma bruxa, Elisabeth Vida. Depois disso... bem, eles pareciam estar em todos os lugares de uma vez.

Nissa encontrou o olhar de Sarah, sua voz dura. — Se você matar uma vez, a sede de sangue retorna duas vezes mais forte. Machuca, e depois de você estar vivendo da morte por mais de cem anos... machuca muito. Você não tem ideia de quão difícil foi para Christopher desistir, não tem ideia de quão tentador cada ser humano nessa escola inteira é.

— Eu dei tudo para os meus irmãos, e ambos salvaram a minha vida mais de uma vez quando eu não era forte o bastante para me defender dos outros da minha espécie. Eu provavelmente nunca me perdoaria por machucar um amigo – e eu considero você uma amiga, Sarah – mas se você machucar o meu irmão, eu vou te matar, ou morrer tentando.

Sarah vacilou com a paixão na voz de Nissa. — Eu não posso deixar o Nikolas viver.

— Sarah, por favor... — Nissa parou de falar, como se soubesse que não havia nada que ela pudesse dizer. A

vampira desapareceu, mas Sarah não permitiria que a sua determinação fraquejasse.

Ela jogou fora a rosa que Nikolas havia mandado com o convite. Nissa havia pegado o cartão, mas Sarah lembrou-se da informação necessária. A festa seria esta noite, Rua Ash, 129. Não era a mesma casa que ela havia encontrado antes, mas considerando a idade dele e sua notoriedade, Sarah não estava surpresa que o Nikolas tivesse mais de uma.

Ela não perderia isso por nada nesse mundo.

Se Nissa estava dizendo a verdade, então Sarah somente estaria em perigo com Nikolas... até que ela o derrotasse. Não havia necessidade para por em perigo outros caçadores. Se Nikolas soubesse quem seus aliados eram, ele iria alertar o grupo imediatamente, e os outros caçadores não teriam sequer a proteção escassa que a marca de Nikolas dava a Sarah. *Que irônico*, Sarah pensou sombriamente. As marcas de Nikolas iriam permitir que ela o matasse.

Capítulo 17

SARAH SENTIU-SE UM POUCO CULPADA enquanto ela mentia para Adianna, contar para ela que ela iria caçar na relativamente segura cidade.

Ela usou jeans preto e uma blusinha branca, e sua jaqueta escondia as bandagens, e ainda a faca no seu pulso esquerdo. Sua faca principal estava em suas costas, e ela tinha duas pequenas facas de prata em suas botas.

Nikolas estava brincando com ela, o que significava que ele iria dar uma chance a ela de lutar. Logo que ela tivesse essa chance, ela iria usá-la. Desta vez não haveria hesitação.

* * *

A casa parecia estar escura quando Sarah se aproximou. Todas as cortinas estavam abaixadas, mas ela podia escutar a melodia da caçada de dentro, uma mistura de dor e solidão. A porta abriu bem na hora que ela alcançou a maçaneta, e ela foi novamente confrontada com o peculiar – e poderoso – mundo de Nikolas.

Preto e branco.

As paredes eram pretas com desenhos brancos que corria por elas, mergulhando em espiral, as linhas levemente

erráticas, atraindo o olho a formas aparentemente impossíveis. A outra casa que ela havia visto tinha sido nítida em sua falta de cor; a abstração nesta havia feito a visão de Sarah girar, então ela virou-se para o vampiro que tinha aberto a porta para ela.

A camisa vermelho de Kaleo no interior preto-e-branco da casa de Nikolas era um borrão surpreendente de cor. Sarah ficou tensa enquanto ela se lembrava de seu último encontro com ele.

— Sarah Vida, bom te ver novamente, — ele disse, sua voz com um ritmo sarcástico enquanto ela encontrava o seu olhar negro sem medo. — Nikolas nos disse para te esperar. Você pode relaxar, tirar a sua jaqueta, e ficar confortável. É somente onze horas.

— Eu não fico confortável em um lugar assim, — ela respondeu, e ele somente riu e se esticou para a porta atrás dela.

— Sarah, tão bom ver você.

Ela olhou na direção da voz, mas seus olhos levaram um momento para diferenciar a figura lá daquela no fundo.

Nikolas estava vestindo calça branca e uma camisa de seda negra, e seu cabelo estava preso com uma fita negra. Ele ainda não havia se alimentado esta noite, e a pele que ela podia ver estava quase branca, igual pérola.

Preto e branco, sem cor, ele combinava com o cômodo perfeitamente. *É assim que a sua mente é?* Ela se perguntou. *Somente grandes contrastes sem cor ou emoção?*

— Bem vinda à minha casa, Sarah. Por favor, afaste-se da porta. Posso pegar a sua jaqueta?

Esta era a vez dela rir. — Você pode parar o show, Nikolas.

— Não há show, Sarah. Atuar, assim como mentir, é uma arte que eu nunca aperfeiçoei. Venha para a minha sala de estar.

— Disse a aranha para a mosca, — Sarah terminou para ele, e ele sorriu, pegando a sua jaqueta.

— Eu nunca matei até a hora, Sarah.

— Eu realmente deveria acreditar nisso? — ela perguntou ceticamente.

— Eu nunca minto.

Ele pendurou a jaqueta dela no armário e virou suas costas para ela, guiando-a mais profundamente na casa. Ela queria tanto colocar uma faca nas costas dele imediatamente, mas suas próximas palavras a desencorajaram.

— E quanto a você, Sarah? Eu não mato até a meia noite. Pois é, eu não tenho certeza se eu até planejo matar você. Você tem algumas regras para você mesma, ou nós devemos esquecer todas as boas maneiras e nos jogarmos a mercê do caos?

— Você quer que eu espere até a meia noite para te matar? — ela perguntou incrédula, e Nikolas se virou para encará-la.

— Se é isso que você planeja fazer esta noite, então sim, eu gostaria que você esperasse até a meia noite para *tentar*. Você é uma convidada aqui desta vez – você deve aceitar as nossas regras.

— Dificilmente. — Ela se inclinou contra a parede, cruzando seus braços. Sua mão direita descansava em cima do cabo da faca presa ao seu pulso esquerdo, e ela estava acalmada pela sensação fria da prata embaixo das pontas de seus dedos.

— Honra, Sarah, — Nikolas suspirou. — A linha Vida não ensina mais às suas crianças honra? Eu te convidei, e você aceitou o convite. Seria bastante antidesportivo estragar o jogo só porque você está impaciente.

— Eu nunca sou impaciente.

— Da mesma forma como você nunca grita, — ele respondeu. — E nunca chora, mesmo quando você torna os seus amigos seus inimigos. Sim, me disseram sobre a sua conversa, - ele disse antes que ela pudesse perguntar. — Então, você seguirá nossas regras?

— Eu posso esperar até meia noite.

— Eu tenha a sua palavra nisso? — ele perguntou, seu olhar intenso.

Ela não respondeu imediatamente. Quando uma Vida dava sua palavra, ela a mantinha, então Sarah cuidou em como ela iria frasear a sua resposta. – A menos que você me ameace, eu irei esperar até meia noite para te matar. Você tem a minha palavra nisso.

Nikolas sorriu, e por um instante a expressão a lembrou de Christopher. — Muito bem, então. Aproveite a festa – você provavelmente nunca irá a outra.

Capítulo 18

ÀS ONZE E MEIA, Sarah havia sido apresentada a outros, alguns humanos, alguns vampiros. Ela se perguntou o quanto mais precisava ser feito antes destes assassinos deixariam seu desapego social e retaliassem, e se o Nikolas até mesmo se importava que o assassino de seu estivesse entre os convidados.

— Não até a meia noite. — A voz de Kaleo deslizou pelo barulho do cômodo, uma ponta de riso em seu tom, e Sarah reprimiu um arrepio. Ela olhou para ver uma jovem olhando para Kaleo com a intensidade do amor – ou terror.

— Falta apenas meia hora para a meia noite, - ela discutiu.

— Está com pressa, querida? — Kaleo inclinou sua cabeça para beijar o pescoço de sua vítima; ela suspirou, inclinando sua cabeça para trás, e quando ele se endireitou novamente ela se inclinou contra uma parede, claramente desapontada.

Sarah pulou quando ela sentiu mãos em seus ombros. — Eu pensei que você nunca reagia, — Nikolas disse, rindo.

— Eu estou de pé em um matadouro onde o gado está implorando para se tornar carne. Eu tenho o direito de estar assustada.

— Ah. — Nikolas seguiu o olhar de Sarah. — Heather é a favorita de Kaleo. Ela está freqüentando estas festas há mais tempo do que eu estou vivo.

— Deus, — Sarah sussurrou, doente. Um humano ligado pelo sangue não envelhecia. Esta garota poderia permanecer viva, a presa pessoal de Kaleo, por milhares de anos a menos que ele se cansasse dela e a matasse. Ou, Sarah pensou, formando um ódio instantâneo pelo vampiro, *até que eu o mate*.

— Bem vindo ao meu mundo, Sarah, — Nikolas respondeu. — Por que você está vestindo isso? — Ele esticou a mão até as bandagens em seu braço direito enquanto ela se afastava. — Você está envergonhada do que elas escondem?

— Envergonhada? — ela ecoou, incrédula. — Eu deveria estar orgulhosa de mostrar ao mundo que você fatiou seu nome na minha pele?

Nikolas riu. — Olhe ao seu redor.

O comentário foi bem feito. Sarah já havia visto vários humanos com as marcas de Nikolas neles. Quando ele entrou no cômodo, eles o cumprimentaram com adoração. Enquanto eles eram discretos na sociedade humana, no covil pessoal de Nikolas eles usavam roupas curtas ou com vestidos sem mangas, esforçando-se para mostrar as marcas.

— Pessoalmente, eu prefiro queimá-las, — ela grunhiu.

— Se você realmente quer isso, você sempre pode fazer isso mais tarde, no entanto, eu ouvi dizer que é doloroso, — Nikolas comentou, aparentemente sério. — Claro, eu não acho que você iria se importar com um pouco de dor, não é?

Antes que ela pudesse reagir, ele agarrou seu pulso, puxando-a em sua direção com força o bastante que ela tropeçou e precisou se segurar no braço de um sofá que havia ao lado.

— Eu pensei que você jogasse de acordo com as regras, — ela sibilou, puxando de volta o seu próprio pulsos quando ele tentou alcançá-lo.

— Eu jogo. Eu estou simplesmente removendo isso, — Nikolas respondeu, cuidadosamente desenrolando as bandagens no pulso que ele tinha segurado.

— Me solta.

Ele soltou seus braços, mas continuou a desfazer as bandagens até que cada uma de suas marcas estivessem reveladas.

O movimento repentino havia aberto um dos cortes em seu ombro, e ele inclinou sua cabeça para baixo até o ferimento. Ela sentiu a sensação suave de seus lábios em sua pele e tentou se afastar, mas Nikolas agarrou seu braço direito e a segurou no lugar.

Pressionando sua mão esquerda no peito dele, com a ponta do canivete de molas a apenas centímetros do coração dele, ela disse, — Eu considero isso uma ameaça. Deixe-me ir, ou eu vou matá-lo onde você está.

— Você está certa, — Nikolas disse, erguendo sua cabeça e soltando-a. O gosto do sangue dela, mais forte e mais doce do que o de qualquer humano, havia feito a expressão dele escurecer com a sede de sangue. — Não é meia noite ainda, não é?

Capítulo 19

— Droga, SARAH.

Ela girou em direção a familiar voz, e quase xingou quando reconheceu sua irmã. Kaleo, descansando contra uma das paredes, assistiu ao confronto com um malicioso prazer, ele deve ter deixado Adianna entrar.

— Você realmente tem conseguido se meter em problemas desta vez, não é, irmã? — Adianna perguntou, avaliando a situação.

— O que você está fazendo aqui? — Sarah exigiu, frustrado pela presença de sua irmã. Adianna iria conseguir obter-se morta.

— Irritada hoje, não estamos? — Adianna respondeu.

— Como você sabia onde eu estava?

— Eu queria saber o que estava acontecendo com você. Eu perguntei isso , — ela fez um gesto para Nikolas — coisa de irmã Christopher, e ele me disse que você estava aqui.

Sarah se encolheu interiormente. Adianna não conversava com os vampiros, se eles tinham informações que ela precisava, ela iria forçá-lo a partir deles. Sarah esperava que Christopher ainda estivesse vivo. Evidentemente, Nikolas tinha o mesmo pensamento, porque Sarah viu um ódio imediato em seu rosto. Ele adiantou-se um ritmo e Adianna puxou a faca.

— Venha mais perto, e você não ficará satisfeito com os resultados, — advertiu Adianna.

— Vou lhe dizer algo, — Nikolas disse lentamente, olhando de Adianna a Sarah e depois de volta. Os outros vampiros desapareceram, deixando Nikolas sozinho com os dois caçadores e um punhado de seres humanos espalhados groguemente; Sarah poderia dizer que ele estava ganhando tempo. — Só Sarah está no meu plano para esta noite. Eu vou deixar você sair com segurança, se você fazer isso agora.

Adianna não esperou que ele continuasse, mas atacou imediatamente. Nenhuma hesitação, nenhum pensamento, apenas pura habilidade Vida.

Nikolas se esquivou, mas Adianna virou rapidamente, cortando seu lado. Sarah tinha acabado de pegar sua faca para entrar na briga quando algo atingiu-a por trás, fazendo-a tropeçar. Mais surpresa do que assustada, ela virou para o humano que a tinha atacado, derrubando a menina com uma pequena explosão de energia.

Um rápido exame revelou dois seres humanos mais em seus pés e pronto para lutar, se necessário, mas Nikolas não precisava de ajuda. Sarah ouviu algo no braço de Adianna quebrar quando o vampiro bateu as costas na parede.

— Nikolas, deixá-la ir! — Sarah gritou.

— Por quê? — Ele perguntou, sua mão sobre a traquéia de Adianna, pronto para esmagá-la.

— Adianna não está envolvida nisto, ela só veio porque soube que eu estava aqui. Deixá-la ir.

— Christopher não teria lhe dito onde estava a menos que ela machucou-o — Nikolas rosnou.

Sarah avançou, com o cuidado de manter os humanos na suas costas, e o aperto de Nikolas na garganta Adianna apertou.

— A hora passou, Sarah -Eu poderia matá-la antes que você pudesse chegar perto o suficiente para me machucar, e você sabe disso.

— Então, se eu sair agora, enquanto você está ocupado com ela? — Sarah blefou. — Isso iria arruinar seus planos para esta noite, não é?

Nikolas hesitou. — Suponho que seria muda-los um pouco.

— Deixe-a ir, Nikolas. — Adianna estava se tornando azul pelo agarre de Nikolas, e isso garantia que Sarah não iria para o ataque.

— Você não está na posição de fazer exigências, Sarah, mas vou fazer um acordo com você de qualquer maneira. Marguerite?

Um dos seres humanos respondeu. — Sim? Sarah piscou os olhos e reconheceu a garota do SingleEarth. As marcas de Nikolas na sua pele morena parecia pérola incrustadas.

Não era estes desenhos, porém, que enviaram pavor na espinha de Sarah. Havia mais dois no braço esquerdo, que deve ter sido imposto sob a menina quando ela tinha sido trazida para SingleEarth: uma era uma lágrima, e a outra era uma segunda assinatura.

Kristopher.

— Sarah, — Nikolas disse: — Dê suas facas, todas elas para Marguerite, para que ela possa levá-los lá em cima, e eu vou deixar sua irmã ir com segurança.

Ela acreditou nele. Em algum lugar dentro da mente distorcida de Nikolas tinha um senso de honra. Claro, se ela abandonasse todas as suas armas, Nikolas provavelmente a mataria. E era *completamente* contra as regras Vida entregar armas a qualquer sanguessuga.

— Tudo bem, — ela respondeu, tirando a primeira faca das costas.

Nikolas soltou seu aperto na garganta de Adianna o suficiente para que ela pudesse respirar, e Adianna imediatamente disse através de seus dentes, — Sarah, o que você está *fazendo*? Ela não respondeu.

Adianna nunca tinha quebrado as regras. Ela não tinha sido amiga dos vampiros ou feito acordos com eles. Ela não tinha revelado os seus poderes a um menino humano. Mais forte e mais fria, Adianna tinha a maior probabilidade de sobreviver depois dessa noite, e assim Sarah tinha que fazer o que poderia para ajudá-la. A linha Vida tinha que seguir, e Adianna era uma Vida melhor do que Sarah poderia ser. Parecia passar um longo tempo antes de Sarah ter acabado de despojar-se das armas, mas foi tudo muito rápido quando Nikolas pediu a Marguerite para trazê-los lá em cima, e Sarah ficou em pé diante do vampiro, desarmada. Nikolas puxou Adianna para longe da parede e desapareceu com ela. Ele reapareceu sozinho em um instante. Com sorte, ele simplesmente colocou alguma distância entre Adianna e esta casa. Com menos sorte, ela estava em algum lugar na Europa, tentando encontrar um telefone para ligar para Dominique arrumar-lhe um voo para casa.

Capítulo 20

— AGORA O QUE? — Sarah perguntou.
— Sem luta, Sarah? Sem palavras corajosas? — Ele perguntou, dando um passo em sua direção. — São todas as suas facas que lhe dão coragem?

Minha facas são necessárias para matar seu tipo, — respondeu ela. — Mas elas não são a minha coragem. Eu não estou implorando por minha vida, de qualquer modo.

— Você nunca vai, não é? — Ele perguntou quando pegou seu braço direito. Ele inclinou a cabeça para baixo para a rosa e lambeu a longe a linha fina de sangue que haviam se reunido na haste. Então seus lábios se moviam em sua garganta.

Mais uma vez ela começou a se afastar, mas desta vez ela não tinha facas para ameaçar e o agarre de Nikolas ficou mais apertado. Suas presas escovavam em sua garganta e ela se preparou para a dor.

Ele levantou a cabeça para olhar nos olhos dela.

— Não faz mal, Sarah, — ele disse, como se estivesse lendo sua mente. — E eu não vou matar você. Do que você tem tanto medo?

Do desconhecido, Sarah pensou. O que exatamente esta criatura tinha planejado? Mas ela não ia perguntar, porque realmente não queria saber. — Basta ir em frente.

Com a mão livre, ele inclinou sua cabeça para trás, correndo os dedos pelos cabelos, estranhamente delicado.

— Nikolas, deixá-la ir.

Nikolas ergueu a cabeça, permitindo a Sarah apenas o suficiente, para olhar para o falante.

— Christopher. — Os olhos de Nikolas iluminaram-se quando ele sussurrou o nome de seu irmão. — Quer se juntar a mim?

— Deixe-a ir, ou eu vou tirá-la de você, — Christopher ordenou, com voz firme.

— Você não pode, — Nikolas respondeu. — Você *poderia*, fisicamente, você sabe que eu não iria brigar com você, mas você não pode por lei. — Nikolas fez um gesto para a fina linha de sangue do seu lado onde a faca de Adianna tinha perfurado a pele. — A irmã dela tirou meu sangue. Eu tenho direito sobre Adianna e suas relações.

Reivindicar o sangue era uma das poucas Leis vampíricas regularmente seguida. Em troca do sangue que Adianna tinha tirado de Nikolas, nenhum vampiro outro era permitido interferir se ele queria prejudicá-la ou alguém de sua família.

Christopher fechou os olhos por um momento, tomando uma respiração profunda. — Não machuque-a.

— Quem disse que eu iria machucá-la? — Ele parecia tão inocente, o que deixou Sarah nervosa.

— Eu conheço você, Nikolas, — Christopher argumentou.

— Uma vez que você conheceu, — Nikolas disse calmamente, com tristeza. — Nós não eu, fomos os mais temidos da nossa espécie. Roma, Paris, Nova York, todas as

idades do mundo eram nossas. O que aconteceu com Kristopher e Nikolas, que caçavam lado a lado, compartilhando sangue, dançando nas ruas?" Nikolas fez um gesto para as feridas nos braços de Sarah. — Estas marcas são nossas, não minha, e todos sabiam disso. Agora, mesmo os caçadores se esqueceram de você. Quando foi a última vez que vi você colocar sua marca em sua presa?

— Marguerite, — Christopher respondeu, perdido na memória. Ele adiantou-se até que estava em pé na frente de seu irmão. — Ela foi a última.

— Por quê? — Nikolas perguntou, a voz quase inaudível.

— Deixe isso, Nikolas, — Christopher ordenou, sua voz tremendo ligeiramente. — Isso foi 50 anos atrás.

— Eu posso ver isso nos seus olhos, Christopher, — Nikolas sussurrou para seu irmão. — Você se lembra. Por que você me deixou?

— Eu parei de matar, Nikolas — Você parou de viver! — Nikolas gritou, sua emoção quebrando qualquer controle que ele tinha. — Eu olho para você, e tudo que eu vejo é a dor. Por você eu tentei sobreviver com tudo exceto o sangue de seres humanos, mas eu não podia suportar a dor. Eu não podia caminhar à luz do sol. Eu não poderia ficar perto de seres humanos. Um dia eu vi uma garota humana na rua, e antes que eu percebesse ela estava morta em meus braços. Uma *garota inocente e humana*, Christopher, que não merecia morrer.

A confusão de Sarah aumentou. Desde quando é que Nikolas se importava se suas vítimas eram inocentes ou não?

— Você sempre foi mais forte, — Nikolas terminou. — Eu não tenho o seu controle. Christopher parecia qualquer

coisa, exceto forte. Sarah podia ver a sede de sangue próxima da superfície. Ela ainda estava presa nos braços de Nikolas, e suas feridas havia aberto o suficiente para que o sangue corresse em torno das bordas. O cheiro do sangue de bruxa estava no ar, misturado com poder e uma pitada de perigo.

— Por que você me deixou, Christopher? — Nikolas perguntou quando ele chegou em torno de Sarah para tirar as mãos do seu irmão. Ela estava presa entre os dois vampiros, e não sabia como reagir. O controle de Christopher estava, obviamente, deslizando - se ela lutasse agora, iria destruir isso completamente. Ela não queria que a vida de Christopher fosse o preço de sua fuga.

— Você se lembra de Marguerite, — Nikolas disse. — Pegou-nos. Ela sabia o que éramos e o que ela queria — Ela disse que queria morrer, — Christopher sussurrou. A memória era tão forte em sua voz que Sarah quase podia imaginar a cena, e a visão fez com que ela puxe a aderência de Nikolas por um momento antes de se forçou a parar.

O controle de Christopher era tão fina. Se ele pudesse conter a sede de sangue o suficiente para convencer seu irmão a deixá-la ir, ela ficaria muito grata. Se perdesse, ela lutaria.

Já não importava quem estava falando quando eles continuaram o conto, ambos se perderam na memória. — Dois de nós, como um espelho. Nós dois alimentados com ela, você do lado esquerdo, e eu à direita. Você marcou primeiro, colocando a sua assinatura para sempre em sua pele, e então eu segui.

— E quando ela acordou ela estava com medo, mas lá havia paixão também. Ela recebeu os melhores vinhos, as

mais suaves sedas para usar, alimentos requintados, chocolates.

— Nós aproximamo-nos dela novamente, nós dois, tomando o seu sangue, mas desta vez só teve um gosto — E então nós dois nos cortamos, aqui, logo abaixo de nossas gargantas, e ela se inclinou para beber.

Desgosto brilhou na mente de Sarah, quando percebeu que cada palavra dos irmãos era uma dica de sua próxima ação. Então a menina queria morrer. Em vez disso, tinha ligado a menina com sangue, lhe dando tudo, exceto a imortalidade.

Nikolas puxou seu irmão para a frente, e depois colocou a mão de Christopher sobre a pele sem cortes no pulso esquerdo de Sarah.

— Por que não há nada aqui, Christopher? Ambos os irmãos pareciam fascinados pelo seu passado. Finalmente, Sarah.

— Você disse que não ter caçado desde Marguerite, Christopher, — ela disse, em voz alta, em uma tentativa de quebrar o feitiço. — Por quê?

Christopher piscou e olhou para Sarah como se ele a visse pela primeira vez. — Nissa o levou para longe de mim, — Nikolas respondeu mal-humorado. — Nissa precisava de mim, — respondeu Christopher cansado. — Você viu como ela estava, Nikolas. Ela não tinha se alimentado em uma semana. Se eu não tivesse..

A voz de Nikolas estava quieto quando ele interrompeu. — Você não sabe quão solitário é a caça sem você?

— Não, — Christopher respondeu, ainda olhando para seu irmão. — Eu não sei. Eu nunca cacei sozinho.

Nikolas, mais uma vez puxou seu irmão para a frente, desta vez colocando a mão de Christopher um pouco acima do pulso na garganta de Sarah. Ela impediu sua reação de se empurrar para trás, sabendo que uma tentativa de fugir só iria trazer para fora os instintos predatórios que Christopher estava lutando.

— Não é possível sentir a vida lá, Christopher? — Nikolas pressionado. — Você não quer isso? Christopher fechou os olhos, virando a cabeça longe.

— Christopher...

— Sarah, não fale, — Christopher disse rapidamente, parecendo magoado. Ele sacudiu a mão para fora do alcance de Nikolas e recuou.

— Christopher, não me deixe de novo, — Nikolas confessou, infantil no seu medo da solidão. — Eu não quero estar sozinho novamente. Nissa precisou de você, mas eu preciso de você agora.

— Vamos, deixe Sarah ir. — Voz de Christopher vacilou. — Ela te *machucou*, — Nikolas argumentou. — Eu vi você depois que ela foi para longe. Você nem sequer falou comigo. Eu não suporto ver você em dor, Christopher. Nos velhos tempos teríamos caçado-a juntos.

— Eu não quero matá-la, — Christopher disse. Ele finalmente reuniu forças para enfrentar o olhar de seu irmão novamente. — E eu não vou deixar você fazer isso.

— Eu não vou matá-la se você não quer que eu faça, se eu estava disposto a fazer isso, ela estaria morta no instante em que entrou na minha casa. Mas você sabe que eu não posso simplesmente solta-la. Ela me caçou uma vez. Você realmente acha que ela iria ficar longe se eu deixá-la ir? Você realmente acha que sua família não iria

rastrear você e Nissa se não pudessem me encontrar? — A voz de Nikolas estava fria, mas cheia de dor.

— Nikolas..

Nikolas tirou a faca do bolso e abriu-a.

— Nikolas, o que você está fazendo? — Christopher exigiu, mas seu irmão não respondeu como pegou o pulso direito de Sarah em um aperto que não poderia quebrar, e desnatado a lâmina nas costas de sua mão, desenhando uma fina linha de sangue novo.

— Pô, Nikolas! — Christopher gritou, girando fortemente afastado assim que o sangue não estava em seus olhos. — Não faça isso comigo!

— Só uma vez, Irmão, seja o Kristopher que eu conheço. Christopher estava tremendo enquanto lutava contra a sede de sangue.

— Por favor, Irmão. Por mim, acabe com a dor. — Segurando Sarah pelo pescoço com uma mão, Nikolas estendeu a mão e virou o irmão com o outro. Os olhos de Christopher imediatamente caíram sobre o sangue que escorria das mãos de Sarah.

— Christopher, não...

— Cale-se, Sarah! — Christopher gritou quando ela tentou argumentar, com a voz tensa. Ele se virou para seu irmão. — Nós dois estamos condenados. Você sabe disso, não é? E, em seguida, Christopher pegou a mão de Sarah, levantou a ferida nos lábios, e lambeu o sangue.

— Christopher, eu sou sua amiga..

— Não, Nikolas. — Rogou Kristopher empurrou-se para longe dela, enviando Sarah de volta para Nikolas. Ela podia vê-lo tremer com o esforço que o levou a parar.

— Kristopher, você se esqueceu de tudo? —
Nikolas perguntou, a dor claramente em sua voz.
— Por favor, Nikolas, deixá-la ir.
— Por quê? — Voz de Nikolas era de uma criança magoada. — Você foi o primeiro, — lembrou seu irmão, — a pegar uma faca.

Sarah sentiu o agarre de Nikolas sobre seus pulsos diminuir à medida que ele se concentrou em seu irmão, se continuasse a se distrair, ela teria uma chance de sair. Ela tinha perdido a esperança de que Christopher iria ajudá-la, ele não era forte o suficiente para ignorar a sua sede de sangue.

— Por favor, Kristopher, — Nikolas implorou.

— Não Sarah.

Esse argumento, por último, quase doloroso fez com que ela hesitasse, mas mesmo quando puxou os braços do agarre de Nikolas, ela tinha feito sua decisão. Sobrevivência. Ela se jogou para frente, e antes de qualquer um dos vampiros pudesse reagir, ela levou Christopher para o chão, uma mão sobre sua garganta.

— Sarah..

Ele não teve outra chance de falar antes que ela violentamente puxasse o poder de Christopher para ela. Ele engasgou, incapaz de lutar para trás, e ela estremeceu com a dor que sabia que sua magia lhe causou. Havia nove centros de energia no corpo, chamados chakras, que as bruxas poderiam usar para manipular as energias do outro, geralmente para curar. Sua linha tinha aprendido uma outra maneira de usá-los, uma bruxa jamais usaria isso em outra criatura mortal: para infligir dor, e para matar. Foi uma jogada desesperada. Qualquer vampiro forte o suficiente para controlar sua própria força podia se afastar

da linha que ela tinha aberto e atacá-la, e ela não teria defesas.

Mas Christopher não haviam se alimentado de seres humanos por muito tempo. Ele estava impotente contra o mais mortal de seus ataques. Nikolas congelou quando ouviu o grito do irmão. Sarah o viu hesitar enquanto tentava descobrir o que ela tinha feito.

— Deixe-me ir, Nikolas, — Sarah exigiu. — Chame aquela garota de volta para baixo e a diga para trazer minhas facas agora, ou vou drenar cada gota de energia do corpo de seu irmão.

— Você não iria, — Nikolas respondeu suavemente, uma pequena quantidade de medo em sua voz.

— Ele lambeu o sangue da minha mão, — ela resmungou. — Isso me dá a motivação para causar alguma dor excepcional, se você não me der de volta o que é meu e me deixe sair daqui. — Ela não queria matar Christopher. Ela nem queria magoá-lo. Mas a escolha era entre deixá-lo ir e ter Nikolas matando-a e machucá-lo e viver através desta noite.

Nikolas se adiantou e ela mais uma vez alcançou o poder de Christopher e forceu o que ela encontrou lá. Ele gritou de dor e Nikolas recuou, parando.

— Eu posso matá-lo em menos de um segundo, se você fizer outro movimento em direção a mim, — alertou, e era verdade. Tão dentro do poder de Christopher como ela estava, ela poderia fazê-lo chorar, se contorcer, ou destruí-lo com um pensamento.

— Marguerite, pegue as facas, — Nikolas sussurrou, e a humana que estava observando da porta correu lá em cima. Sarah tinha visto o medo no rosto da menina, medo pela vida de Christopher, pelo vampiro que havia

alimentado em seus anos atrás, quando ela queria morrer, e depois dado a ela esta vida em troca do que ela havia abandonado.

Nikolas deu um passo para trás, mas Sarah podia ver o puro ódio lá em seus olhos quando ele fez isso. Marguerite voltou e segurou facas para Sarah. Mantendo sua mão direita sobre a garganta de Christopher, ela voltou todas as facas para seus lugares de direito com a mão esquerda. Ando segurando Christopher pelo pescoço, ela ficou em pé.

— Vou deixá-lo ir, e você vai me deixar em paz. Será que temos um acordo, Nikolas?

— Eu vou te matar a primeira chance que tiver, — ele rosnou de volta, e Christopher, mais uma vez gritou de dor.

— *Temos um acordo, Nikolas?*

— Para esta noite, vou deixá-la sair de forma segura, — ele respondeu.

— Temos um acordo, — ela disse, quando relaxou seu controle sobre Christopher, que desabou no chão. — Ele vai morrer se não for alimentado em breve, Nikolas, — alertou, antes que ele tivesse a chance de fazer um movimento. Sem hesitação Nikolas levou Christopher a sua própria garganta.

Capítulo 21

— O QUE NO MUNDO você achou que estava fazendo? — Adianna exigiu a Sarah no instante que entrou na casa.

Sarah empurrou a irmã, sem responder. Ela estava cansada demais para lidar com essas questões hoje à noite. Adianna seguiu em silêncio, esperando que ela falasse até que elas estavam quase no quarto de Sarah. — Você não é invencível, Sarah, e você bem sabe disso. No entanto, você está sempre jogando-se em tais situações, indo onde nenhum caçador iria sozinho em seu juízo perfeito.

— Eu não poderia levá-la, — Sarah interrompeu cansada. — Eu não posso explicar, mas isso não foi só porque gosto de fazer as coisas sozinha.

— Você não tem que me proteger, — Adianna afirmou.

— Desta vez eu fiz. Isso é algo entre Nikolas e eu.

— Não, não é, — Adianna argumentou. — Você é uma filha de Vida, Sarah. Uma bruxa. Uma caçadora. Ele marcou você, e é por isso que está procurando vingança. Mas isso não é o por que você está aqui. Você está aqui para proteger os seres humanos que não podem se proteger. Para não se matar por um insulto pessoal.

— Eu ouvi a palestra antes, — Sarah quebrou, seus nervos desgastados arruinando o último de sua paciência. — Agora, por favor, deixe-me sozinho.

—Você está agindo como suicida, Sarah.

— Boa noite, Adianna. — Sarah escorregou em seu quarto e fechou a porta em sua irmã. Adianna bateu um par de vezes, mas finalmente desistiu e deixou Sarah sozinha. Nissa era com quem ela estava preocupada. A menina não tomou refeições de sangue humano, mas se os outros caçadores soubessem sua relação com Nikolas, ela nunca seria capaz de descansar com segurança. A última coisa que Sarah queria era os caçadores empurrando Nissa para matar para se defender.

Christopher... o que ela estava indo fazer sobre Christopher? Ela poderia ter apenas ajudado Nikolas a convencer seu irmão começar a matar de novo, mas era o que ela precisava fazer para sobreviver.

Não era culpa dela. Ela nunca pediu nada disso. Ela nunca tinha pedido qualquer coisa mais complexa do que as simples definições do bem e do mal que tinha sido imposto a ela.

Tudo o que conseguia pensar era que ela foi marcada, que Nikolas tinha assinado o seu nome em sua pele como se fosse algum tipo de objeto, e agora ele estava caçando-a. Tudo para defender seu irmão. Não deveria ela ter feito o mesmo, pior na verdade, se alguém tivesse ferido Adianna? Ela balançou a cabeça violentamente, tentando deixar de lado esses pensamentos perigosos, e se jogou na cama, na esperança de um sono que escapou dela.

Ela iria matá-lo.

Se ela pudesse. Se ela pudesse transformar o seu coração em pedra e tornar sua faca a única moralidade, se ela pudesse matar Christopher e Nissa quando eles viessem vingar a morte de Nikolas, se ela poderia estar viva depois de matar seus amigos, então ela mataria Nikolas.

Capítulo 22

SARAH INTERCEPTOU ROBERT com seu carro no final do dia letivo seguinte.

— O que foi?

Ela estava consciente de que parecia muito diferente de quando se falaram pela última vez. Calça jeans preta e camisa branca eram simples, não exatamente o estilo dela, mas usava-os porque ela planejava visitar alguém que não gostava de cores. Sua jaqueta de couro cobria os braços. Ela não se preocupou em substituir os curativos após a noite passada. Seu cabelo loiro estava para baixo, um pouco selvagem. Seus olhos ardiam com intensidade e propósito.

— Eu preciso falar com sua irmã.

— Não é provável. Eu já te disse, Kristin não fala com ninguém. Ela quase não vê mais ninguém. Sarah recostou-se contra a porta do carro, e repetiu-se. — Eu preciso falar com Kristin, e eu tenho certeza que ela vai falar comigo.

Ele bufou. — Eu não estou te levando para ela. Se ela perceber você, ela só vai surtar.

— Robert

— Deixe-me em paz, ok? — Retrucou. — Eu entendo. Eu não sou tão... importante... como você é. Sou humano, sim,

tudo bem. Conversei com sua mãe, e ela deixou isso muito claro. Agora me deixe em paz.

— Não, — ela respondeu calmamente. Ela se sentia um pouco culpada sobre o envio de este ser humano à sua mãe, mas ele não tinha recebido boas-vindas mais frio do que qualquer outro caçador tinha. — Eu preciso falar com Kristin, e eu pensei que seria mais educado pedir do que entrar em sua casa.

Desta vez ele tentou passar por ela, empurrando-a para o lado. Ele era maior do que ela era, mas ele não contava com sua força, seu empurrão nem mesmo tirou-a de seu equilíbrio.

— Robert. . . — Ela Disse. Havia apenas uma maneira de chamar sua atenção. Mostrar e contar. Ela colocou o ombros fora da jaqueta de couro e observava os olhos de Robert ampliarem ante a visão de suas feridas frescas. — Eu sei muito mais sobre ele do que você faz. Eu lutei com ele duas vezes, e sei que ele planeja tentar me matar em breve. Eu preciso saber o que Kristin sabe, e se ela sabe alguma maneira de feri-lo.

Robert hesitou, então deu um passo atrás com relutância. — Tudo bem. — Ele entrou em seu lado do carro e estendeu a mão para abrir a porta do lado do passageiro. — Não posso garantir que ela vai falar com você, mas se você acha que ela pode ajudá-la a pegar esse monstro. . . "Ele parou. "Entra no carro."

Capítulo 23

EMBORA HOUVESSE COR NISSO, a casa de Robert parecia branqueada de vida.

— O quarto de Kristin é no andar de cima, — Robert disse calmamente, e levou Sarah pelas escadas com carpete azul-cinza. Do lado de fora da porta de sua irmã, ele falou de novo. — Se você pode ajudá-la, ou levá-la para ser ajudada, tudo bem. Mas Kristin... não está tudo lá. Ela provavelmente não vai nem perceber você. Não a pressione ela, ela não precisa de mais abusos.

Kristin estava vestido com uma camisola longa e branca com gola alta. Seu cabelo tinha sido pintado de preto, embora o natural marrom mostrasse cerca de uma polegada nas raízes.

O quarto era desprovido de cinza - preto cobria cada ponto que poderia ter sido colorido, e até o punho da escova que Kristin estava usando. A casa de Nikolas casa tinha sido assim tão incolor, mas tinha sido puro, de alguma forma artística, este era apenas doente.

— Kristin, eu preciso falar com você. — A menina não olhou para cima, mas continuou escovando os cabelos. — Kristin? — Ainda não houve reação da garota. — Eu preciso falar com você sobre Nikolas.

A escova pausou.

— Kristin... — A menina voltou a escovar os cabelos, e Sarah suspirou.

Sarah ajoelhou-se, movendo-se as marcas em seus braços na linha de visão de Kristin e, finalmente, a menina olhou para ela.

— Ele te mandou? — Ela perguntou, e a esperança nos olhos dela era forte.

Havia dor na voz de Sarah quando ela respondeu: — Não. Mas eu preciso falar com você sobre ele.

— Eu. . . Eu não sei muito. Foi apenas uma festa...

— Apenas me diga o que aconteceu lá.

— Eu não me importo— Ela olhou para seu irmão e estremeceu quando seus olhos caíram sobre sua desbotada camisa azul, ele levou tirou, atirando-a para fora do quarto.

— Melhor, Kristin?

Ela balançou a cabeça lentamente e Robert saiu para pegar uma camisa diferente.

— Esta menina Heather me convidou para a festa. Ela disse que as pessoas eram legais, e a música foi incrível, e o cara que ela estava saindo com foi completamente sexy. . . o que era estranho, porque Heather é tão fria, realmente não se importa com nada. . .

Sarah sufocou sua repulsa. A Heather quem Kristin estava falando era provavelmente a que Sarah tinha visto na festa de Nikolas, pedindo para Kaleo mordê-la. Que tipo de humano convida outro ser humano indefeso para esse tipo de lugar?

Kristin tinha parado. — Conte-me sobre a festa, Sarah solicitou, e Kristin assentiu.

— A casa. . . havia tanta cor nela, como andar em um caleidoscópio. . . um quarto era todo vermelho. . . isso me assustou. . .

— Nikolas estava lá?

— O povo. . . era estranho, os dois grupos. Alguns deles eram como eu. Eles não pareciam saber o que estava acontecendo, realmente, e estavam um pouco nervosos. Outros eram como Heather. Eles tinham conexões. E outros, de modo individual, assim. . . — Ela balançou a cabeça, incapaz de encontrar a descrição que ela estava procurando.

— E então havia ele, Nikolas. . .

— Ele era tão bonito, completamente em contraste com todo o resto. . . sua pele era tão pálida, e ele estava usando tudo negro. . . bonito. Ele me perguntou meu nome e eu lhe disse que era Christine. . . ele não gostou disso. Ele não disse nada, mas eu podia dizer.

Christine. . . ela se lembrava de Nikolas pela Christine, que tinha ferido seu irmão? Tinha algumas ligeira nuance de expressão que fora tão importante que a menina agora se recusava a responder ao seu nome real?

— Mas ele pediu-me para dançar, e eu pensei que só poderia *morrer*, porque ele era tão bonito e. . . sobrenatural. Eu diria que como um anjo, mas não era tudo como ele era. . . Eu não sei. . . sedutor, apenas por *existir*.

Kristin suspirou, e depois continuou. — Após a dança, ele me segurou em seus braços mais um minuto, e eu me lembro. . . Lembro-me de seus lábios na minha garganta e eu apenas relaxei, porque me senti tão bem. . . — Ela fez um gesto para as marcas em seus braços. — Não me lembro quando ele fez isso. . . isso não machucou. . . — Ela fez uma pausa.

— E então? — Sarah disse, e a menina piscou.

— Não, eu não quero mais falar.

— Você começou a dizer-nos, Kristin - você tem que terminar, — Sarah disse, encontrando os olhos dela. Ela não

era tão boa quanto os vampiros em influenciar as mentes humanas, mas as defesas de Kristin eram fracas. Kristin assentiu. — Ele... ele realmente não pegou muito sangue. Eu lembro de não querer que ele parasse quando se afastou, porque me senti tão bem. . .

Robert fez um som doente, mas Kristin não percebeu quando continuou. — E ele disse... ele disse, 'Eu quero te fazer minha.' E eu disse sim e sim era tudo que eu poderia dizer, por um momento, mas então eu disse que não. — Ela balançou a cabeça, tentando limpá-la. — E ele... ele parecia tão surpreso, e ele só perguntou por quê... e eu... Eu disse, 'Porque eu preciso ir para casa', e ele perguntou por que mais uma vez, e eu disse: 'Porque o meu irmão vai ficar triste se eu não voltar para casa, e ele vai estar sozinho.

Ela colocou a cabeça entre as mãos e começou a chorar. — E ele... ele me empurrou e disse: 'Saia', e isso foi tudo o que ele disse para mim. Eu não entendia e tentei falar com ele, mas ele puxou outra pessoa e disse: 'Tirem-na aqui.'

— E então?

— Então... o outro cara perguntou: — E fazer o que com ela? — e Nikolas disse, ele disse, 'Eu não me importo, só leve ela para casa para seu irmão. 'E... não'.

— Vá em frente, Kristin, — Sarah pediu, mas a garota apenas balançou a cabeça.

— Não, não... .

Apesar do incentivo de Sarah, Kristin não disse mais nada. O bloqueio era parcialmente controle da mente vampírico, mas principalmente a simples negação humana.

Capítulo 24

Todos os três pularam ante a batida na porta.

— Quem é? — Robert perguntou chamado.

— Sarah está aí? É Nissa - Eu preciso falar com ela...

Robert tinha aberto a porta antes que Sarah pudesse lhe dizer o contrário. Sarah caiu para trás em uma posição de combate, sem saber o que Nissa queria.

— Sarah, eu estou feliz de ter te seguido. Nikolas está reclamando o seu sangue. O que diabos você fez para Christopher?

— Eu fiz o que precisava fazer para sobreviver, — Sarah respondeu, mas a atenção de Nissa a abandonou e se mudou para Kristin, que estava encolhida em um canto, chorando.

— Deus. . . — Nissa olhou para as marcas nos braços de Kristin, e então disse: — Nikolas não fez isso com ela. Estas são as suas marcas, mas ele nunca faria. . . deixar alguém assim. Robert fez uma careta. — Se ele não fez, quem foi?

— O que você está fazendo aqui?" Nissa perguntou, como se só percebesse agora que o garoto humano estava na sala.

— Eu moro aqui, — ele respondeu. — E já que você está na minha casa, talvez você deve responder às minhas perguntas.

Nissa apenas balançou a cabeça. — O que aconteceu com ela?

— Por que você se importa?

— Por que eu me importo? — Nissa disse entre os dentes. "Eu me preocupo porque ela é um ser humano, e ela é... — Ela balançou a cabeça violentamente, e depois colocar a mão no ombro de Kristin. A menina olhou para Nissa, que chamou sua atenção.

Kristin gritou novamente, correndo do agarre de Nissa.

— Que diabos você fez com ela? — Robert exigia.

— Eu só tentei encontrar as memórias do que causou. . . isso — Nissa cuspiu, olhando para Kristin. — Eu deveria ter reconhecido, este é o tipo de bagunça que Kaleo deixaria para trás.

— Kaleo? — Robert repetido. — Quem diabos é Kaleo?

Nissa riu, um som triste, mas ela não respondeu. Em vez disso, ela voltou para Kristin, que estava sentada em silêncio no canto, apavorada. — Eu não acho que posso ajudá-la. Kaleo tem sangue dela ligado a si, e eu não sou forte o suficiente para alcançar sua mente.

— Você quer dizer que alguém mais forte poderia ajudá-la? — Robert perguntou, pegando a declaração tácita.

— Eu não sei exatamente o que causou isso, mas se alguém pudesse alcançar a sua mente através de toda a confusão que ele colocar lá, eles poderiam ajudar. Robert andou até onde Nissa estava de pé. — Eu não quero saber o que você é ou a relação de Nikolas tem com você. Se você pode ajudar minha irmã, ou arranjar alguém que possa, eu não me importo se você é o diabo em pessoa.

Nissa balançou a cabeça. — Eu não acho... — Por favor. Se você sabe como ajudá-la, você tem. Ela não

era assim antes. Ela era o tipo. . . Alegre. Viva. Inteligentes. Ela tinha sonhos. Mas o monstro que fez isso levou tudo embora.

— Eu conheço alguém que seria forte o suficiente para ajudá-la, — Nissa disse lentamente, mas ela olhou por cima do ombro de Robert e encontrou o olhar de Sarah. — Mas ele...

— Então faça ele fazer isso! — Robert ordenado, mas Sarah estava muito lentamente balançando a cabeça.

— Sarah? — Nissa deixou o resto da pergunta não formulada.

— Será que ele ajudara? — Sarah perguntou em voz baixa. — Ou ele faria mais dano do que Kaleo fez?

— Acho que ele iria ajudar, — respondeu Nissa, e Sarah balançou a cabeça.

— Tudo bem, então. — Ela estava saindo da sanidade para as mãos dos loucos. Desde quando os monstros eram chamados para curar os inocentes?

Nissa desapareceu, e Robert gritou: — Isso. . . isso. . .

— Foi um dos truques mais simples vampiro você nunca vai ver. Ela poderia estar na China agora, sem mais esforço do que você usaria para piscar.

Robert sentou-se, com as pernas dobradas sob ele.

— Ela se foi? — Kristin sussurrou enquanto levantava a cabeça.

— Por enquanto, — Robert respondeu, ainda atordoado.

Enquanto Nissa foi, Sarah tirou a faca da bainha em suas costas, sem saber o que ia acontecer uma vez que ela reaparecesse.

— O que é isso? — Robert perguntou, nervoso.

— Apenas no caso de eu precisar dele, — ela respondeu. Ela se moveu para de costas para uma parede, e

cruzou os braços. Ela poderia se defender se fosse necessário, mas ela não queria começar uma briga se Nikolas estivesse indo ajudar Kristin.

— Você carrega essa coisa por aí?

— Este e outros dois, — Sarah respondeu. — Às vezes mais. Depende se as bainhas da faca se encaixam com a minha roupa.

Robert olhou para ela como se ela pudesse estar louca, mas depois pareceu perceber que ela estava fazendo uma piada. Ele não percebeu que ela também estava dizendo a verdade, ela tentava usar as facas que as suas roupas pudessem seguramente esconder.

Então Nissa reapareceu com Nikolas e tudo aconteceu de uma vez.

Os olhos de Robert se estreitaram quando ele percebeu quem Nikolas deveria ser - *preto no branco*. Sarah e Nikolas trocaram olhares, e ele deu um passo em sua direção.

Nissa se colocou entre Nikolas e Sarah. Kristin voou do outro lado da sala e caiu aos pés de Nikolas.

A atenção de Nikolas estalou para longe de Sarah quando ele puxou Kristin para cima, olhando para ela, intrigado. Sarah podia ver o reconhecimento em seus olhos.

— Christine, — lembrou ele em voz alta. A menina não discutiu o nome, mas em vez disso, balançou a cabeça, inclinando-se contra ele. Nikolas ficou tenso por alguns instantes, e depois colocou um braço reconfortante ao seu redor, olhando para onde Robert estava de pé.

— Você é o irmão? — Robert acenou com a cabeça. — Enviei Christine para casa. O que aconteceu

com ela?

Robert abriu a boca, fechou-a, abriu-o novamente. — Eu pensei. . .

— Ela nos contou o que aconteceu até que você enviou-a, — disse Sarah. — Então ela quebrou, histérica. Nissa disse que Kaleo fez isso. — *Desde quando é que Nikolas se transformou em um amorzinho?* Sarah se perguntou, cinicamente, ao ver a ternura com que Nikolas segurava Kristin.

Os olhos de Nikolas se estreitaram. — Isso seria coisa dele. — Ele olhou ao redor da sala, pensando na falta de cor, talvez vendo ainda mais nele do que Sarah tinha. — Isto não é seu, no entanto. . . Kaleo gosta de cor, especialmente o vermelho.

Kristin estremeceu, e colocou a cabeça no peito de Nikolas, chorando.

— Ela não suporta mais as cores, — Robert explicou, observando sua irmã em um abraço suave de Nikolas. — Ela grita com qualquer coisa vermelha.

Nikolas concordou, e então voltou sua atenção para Kristin, levantando seu rosto.

— O que aconteceu depois que eu mandei embora, Christine?

Ela balançou a cabeça violentamente. — Não, não...

— Christine, olhe para mim! — Nikolas ordenou. Ele colocou as mãos em seus ombros e forçou-a a encontrar seu olhar. Sarah ouviu o eco de sua voz em sua própria mente, e ela podia dizer que Nikolas estava forçando suas palavras na mente Kristin quando ele falou em voz alta. "Você está. . . segura, Christine. Ninguém vai te machucar. Acalme-se.

Kristin relaxou um pouco quando a mente dele alcançou a dela, falando suas palavras diretamente nos seus pensamentos.

— Agora me diga o que aconteceu. — Não, eu... — Ela parou, finalmente olhando para longe de seus olhos negros. — Você me mandou embora, e ele me levou para fora. . . ele disse que você não se importava com o que acontecia comigo. . .

— Vá em frente.

— E ele. . . ele me mordeu, mas não era como quando você me mordia, doeu. . . — Ela gemeu. — Eu tentei afastá-lo, mas só doeu mais. . .

Ela voltou a soluços, e ele colocou os braços ao redor dela, reconfortante. Ele passou os dedos pelo cabelo dela, e Sarah o viu hesitar quando ele notou ela olhando.

— Vá em frente, Christine. Ele não está aqui, não dói mais.

— Eu acho que apaguei e quando acordei eu estava em um hospital, e as pessoas estavam me fazendo perguntas, sobre você. Era tudo o que eles se importavam. A polícia pensou que tinha me machucado, e eu disse que não, você tentou me mandar para casa, mas ninguém iria acreditar em mim. E eles tinham um IV em mim, e o sangue era tão vermelho. . .

Ela estava balbuciando agora, mas Nikolas simplesmente segurou-a, olhando por cima do ombro como se ele não pudesse ver a bagunça que ela tinha se tornado.

— Christine, — ele disse, olhando nos olhos dela. — Agora acabou...

— Não! — Ela gritou. — Eles ficam me dizendo que acabou... que não há nada a temer, isso... mas não está... não está...

Agora ela entrou em colapso, e Nikolas a pegou com facilidade. Ele sussurrou em seu ouvido e ela gemeu inconsciente. De repente, seus olhos se estreitaram quando ele encontrou algo em sua mente que não gostou.

— Eu vou matá-lo, Christine, — ele disse baixinho, falando para a garota inconsciente. — Eu não era forte o suficiente para proteger Pai, mas para isso, Kaleo está morto. — Olhando para cima, ele falou com Robert. — Vou levá-la comigo.

— Como o inferno você vai! — Robert começou a avançar para Nikolas, mas Nikolas puxou a faca do bolso e agarrou-a aberta, inclinando-a para Robert.

— Você não entende, garoto. Kaleo está alimentando-se dela, não apenas uma vez, mas desde que ele a encontrou, — Nikolas soltou. — E ele tem o sangue ligando ela com ele, o que significa que ele tem o controle completo sobre sua mente. Vou levá-la para algum lugar seguro até que eu possa pará-lo. Então, se ela quiser voltar, eu vou trazê-la de volta.

— Como se eu acreditasse em você.

— Eu nunca minto, Nikolas respondeu, e Robert olhou para ele. — Normalmente, os humanos convidado para os nossos circuitos são solitários-eles não têm ninguém que sentem a falta deles, ou qualquer um para sentirem falta. Christine nunca deveria ter sido convidada, em primeiro lugar. Uma vez que eu estiver satisfeito que ela está segura, vou deixá-la voltar para casa. Eu não iria levá-la longe de seu irmão.

Robert não estava convencido. — Solte minha irmã.

— Fui convidado para ajudá-la você realmente quer que eu deixá-la aqui até Kaleo deixa-la completamente louca? — Robert deu um passo para trás, mas seu olhar não amoleceu. Nikolas suspirou. — Ela uma vez já disse que eu a machuquei ?

— Você a esfaqueou! — Robert gritou.

— Eu a *Marquei*. O que deveria tê-la protegido de Kaleo. Mas eu disse a ele que não importa o que acontecesse a ela, desde que ela chegasse em casa. Será que ela alguma vez disse que eu a *machuquei* ?

— O que você está tentando provar? — Robert exigio.

— Eu não torturo minhas presas a maneira que Kaleo faz. — Sarah sorriu, e Nikolas, comentou: — Pelo que me lembro, Sarah, você estava tentando me matar. Você é um Filha de Vida, e você invadiu minha casa. Eu dificilmente a considero uma presa .

— Você não tortura sua presa, — Sarah desafiou. — Você acabou de matá-los. — Nikolas encolheu os ombros, reconhecendo a verdade. — Sim, eu mato. Eu não tenho nenhuma razão para negar esse fato. — Virando-se para Robert, ele disse, — Mas eu não vou matar Christine. — Ele sussurrou algo mais, e Sarah pensou que ela poderia tê-lo ouvido dizer — *De novo*.

— Apenas para constar, o que acontecerá quando você estiver satisfeito que ela está segura? — Sarah perguntou.

Nikolas olhou para cima e, em seguida, jogou algo em sua direção. Ela pegou instintivamente, e Nikolas desapareceu, levando Kristin com ele.

Capítulo 25

SARAH PEGOU NO BRAÇO DE NISSA antes que a outra garota pudesse desaparecer, e a levou para outro cômodo.

— O que ele está aprontando? — ela exigiu instantaneamente.

Nissa parecia surpresa. — O quê?

— Nikolas é um auto-proclamado assassino. De repente ele está todo sensível.

Nissa balançou sua cabeça lentamente. — Nikolas é... Nikolas, - ela respondeu vagamente. — As suas marcas o tornam mais temido entre os caçadores de vampiros, mas ele não é nem mesmo o pior da nossa espécie. — Ela suspirou. — Você o vê somente como um assassino, da mesma forma que ele te vê somente como uma ameaça para ele mesmo e o Christopher. Nikolas tem suas próprias regras, e ele nunca atormentaria uma garota inocente como a Christine.

— Nikolas te vê como uma inimiga porque você ameaçou alguém que ele se importa. — Nissa suspirou, tentando formular as palavras. — Mas a Christine é alguém que ele escolheu defender. Nikolas é um inimigo severo, mas muito disso é porque ele é um feroz protetor.

Sarah balançou sua cabeça, sem entender. — Então ele escolhe proteger a Christine... mas na próxima festa, ou provavelmente até mesmo esta noite quando ele caçar, ele irá matar alguma outra garota que poderia muito bem ser ela.

Nissa olhou para o céu como se estivesse buscando assistência, que não estava chegando. – Você sabe que os meus irmãos costumavam caçar juntos. Eles tinham – Nikolas ainda tem – dezenas de admiradores, todos os quais estão completamente seguros. Eles estavam mais do que dispostos a doar sangue, e além deles, pessoas que queriam morrer iam até os meus irmãos. Eu nunca entenderei como a mente dos meus irmãos funciona, mas eles não são... maus. Eles nunca poderiam ser isso.

Robert entrou no cômodo e Sarah pulou com a intrusão repentina.

Ele se virou para Nissa. — A minha irmã estará a salvo com este cara? — ele exigiu.

Nissa assentiu. — Com o Nikolas é provavelmente o lugar mais seguro que ela poderia estar.

Robert assentiu severamente. Então ele gemeu, e se inclinou contra a parede. – O que diabos eu vou dizer aos meus pais? — Ele se virou novamente para Nissa. — Esqueça. Eu não ligo para os meus pais. Obrigado. Diga ao Nikolas isso também. Eu só quero que a minha irmã fique melhor.

Nissa sorriu fracamente. — Eu direi a ele, da próxima vez que eu o vir.

Ela desapareceu, e Sarah finalmente relaxou. Lembrando-se no bilhete que ela ainda estava segurando, ela rapidamente passou rapidamente pelas palavras.

Frio como o inverno, forte como uma rocha;

Ela encarou a escuridão totalmente só.

Uma deusa prateada; um reflexo.

Uma miragem; uma lembrança.

Sem retorno; sem voltar atrás.

O passado se foi, o futuro, negro.

Serpentes se reúnem em seu ninho,

E ela paira acima do resto.

Sombras caçam; ela caça a sombra.

A lua se ergueu; ela está abaixo.

Ela vê o seu mundo pelos olhos de outros.

Preto e branco; não há cores.

Enquanto ela olha para a juventude despedaçada.

Um espelho quebrado mostra uma verdade quebrada.

O poema a lembrava dos bilhetes que Christopher mandava para ela.

Na parte de trás do papel estava um desenho de Nikolas, de pé de costas com Christopher... ou um reflexo dele mesmo. No final do papel estavam três palavras, escritas com uma tinta negra: *Meia noite; minha casa.*

— Eu acho que não, — ela sussurrou.

Robert olhou por cima do ombro dela e leu a mensagem. — Você vai?

— Eu já dei uma chance de graça para ele me pegar. Eu não sou realmente suicida, — ela respondeu distraidamente.

— Hein?

— ele disse que ele iria ajudar a sua irmã, — Sarah falou brava. — Isso não significa que ele é repentinamente um cara legal. Ele especialmente não gosta de mim, e se eu for lá, ele irá tentar me matar.

— Ele não agiu como se quisesse te matar, — Robert apontou. — E sobre o que é esta poesia...

— Robert, desista!

— Eu acho que você está entendendo errado alguma coisa...

— Robert eu sou uma caçadora de vampiros. Nikolas é um vampiro. Ele tem um milhão e uma razões para me matar e nem uma para me deixar viver. Não deixe que a poesia e o momento de bondade por parte dele te enganem. Nikolas tem somente uma maneira de lidar com as coisas, e esta maneira é matar. Você escutou quando ele estava falando sobre Kaleo.

— O cara que fez isso com a minha irmã merece morrer, — Robert grunhiu. — Eu o mataria também.

— Eu lidarei com Kaleo mais tarde. O único na minha lista nesse momento é o Nikolas.

— Não, — Robert disse.

— O quê?

— Não, — ele repetiu. — Se você matar o Nikolas, o que vai acontecer com a Christine? — ele exigiu. — Kaleo irá continuar caçando-a, e...

— Ninguém se lembra que o Nikolas é um assassino? — ela sibilou.

Sarah cortou sua resposta e foi embora abruptamente. Robert não entendia, e ela não queria saber como explicar isso para ele. Ao invés disso, ela foi para casa e desabou em sua cama, ainda segurando o convite de Nikolas.

Capítulo 26

SARAH ACORDOU ofegante, esforçando-se para encher os pulmões com ar espesso como cinzas de carvão, e lutando para clarear a sua visão nublada... ela não sabia. Ela podia ver, mas a visão parecia imperfeita e ela não conseguia dizer o porquê.

— Sarah Tigress Vida, levante-se.

A voz da sua mãe, formal e fria, instantaneamente clareou a mente de Sarah apesar da desorientação que ela não conseguia ultrapassar. Ela sentia-se desequilibrada quando ficou de pé, tentando se manter sem tremer. Ela procurou inutilmente suavizar o seu jeans amassado.

Adianna estava em pé atrás de Dominique, seu rosto contorcido enquanto ela procurava o olhar de Sarah. Sarah abriu sua boca para falar, mas Dominique a cortou antes que ela pudesse dizer uma palavra.

— Eu não quero desculpas, — Dominique afirmou sem emoção. — Eu não sou uma tola, e eu tenho tido conhecimento do que está acontecendo desde o começo dos eventos. — Com estas palavras, o olhar de Adianna caiu. — Você foi avisada, e você teve mais do que uma chance para parar este... afeto nojento. Agora isso. — Dominique jogou no chão o poema-convite de Nikolas.

— Mãe...

Dominique ergueu uma mão para parar as palavras de sua filha. — Eu posso ter virado o rosto para a sua associação com os vampiros na escola, já que com o tempo você teria

tomado juízo, mas *isso...* mentir sobre este assassino, *protegê-lo*, — Dominique cuspiu, — isso eu não posso perdoar.

Sucintamente e em ordem, os crimes de Sarah foram listados. Fazer amizade com sua presa. Mentir para sua família. Por em perigo a sua espécie ao revelá-los para os vampiros quando ela disse a verdade para o Christopher. Fazer barganha com Nikolas, e abdicar de sua faca Vida. Contar ao humano Robert quem ela era sem a permissão de Dominique. A lista continuava, incluindo transgressões tão pequenas que elas teriam sido negligenciadas qualquer outra hora, e através de tudo isso Sarah não teve escolha a não ser ficar de pé sem vacilar.

Sarah tentou alcançar seu poder para estabilizar seus nervos, mas se encontrou procurando por ar. Ela podia sentir a magia ainda zumbindo profundamente em seu sangue, mas Dominique havia prendido-o – isso explicava a desorientação que ela sentiu quando havia acordado, e era por isso que cada sentido parecia ter enfraquecido. Sem a sua magia disponível, ela era pouco mais do que uma humana.

— Você tem até amanhã a noite para se preparar, — Dominique anunciou por fim.

Para se preparar para o julgamento, Sarah sabia. Até lá Dominique teria juntado os líderes das outras linhas, e Sarah duvidava que ela fosse absolvida. Cada palavra que Dominique havia falado era verdade.

Quando Dominique se virou e deixou o quarto, Sarah afundou-se de volta na cama, embasbacada. De novo ela tentou alcançar o seu poder; ela podia senti-lo claramente, mas não conseguia usá-lo. Qual seria sensação de tê-lo arrancado totalmente?

Era somente oito da noite. Tão cedo, mas poderia ter sido o final do mundo.

— Sarah... — A voz de Adianna era tão suave enquanto ela fechava a porta e sentava-se ao lado de sua irmã. — Sinto muito. Eu pensei que você teria o bom senso de terminar com eles, e eu pensei que você ficaria melhor se Dominique soubesse logo de cara do que descobrir algo um tempo depois... — Adianna balançou sua cabeça. — Eu nunca deveria ter deixado chegar tão longe.

Os olhos de Sarah se arregalam enquanto Adianna calmamente ordena. — Saia daqui. Do jeito que está, a sua magia voltará em alguns dias, e você ainda tem a sua faca. Mas se você estiver aqui amanhã a noite, Dominique irá te deserdar e tirar tudo de você.

— Eu não vou me esconder dela.

Adianna balançou sua cabeça violentamente. — Isso não é mais sobre o seu orgulho, Sarah. Isso é sobre a sua vida...

— E quando Dominique perguntar onde eu fui? Você mentirá por mim? — Sarah exigiu. — Eu não quero você matando por mim.

— Eu não vou, — Adianna respondeu calmamente. — Além da Dominique, ninguém irá me culpar por defender minha irmã. — Quando ela viu a hesitação de Sarah, ela adicionou, — É a sua única escolha, Sarah.

— Esconder-me pelo resto da minha vida de cada um da minha espécie não parece uma escolha muito boa.

Adianna engoliu com dificuldade. — Melhor do que estar morta. — O seu olhar ainda estava preso no de Sarah, ela ficou de pé e se virou. — Eu vou para a cama, Sarah. Eu vou trancar a minha porta e ligar uma música alta, e se eu

não escutar um carro indo embora, não é minha culpa. — Ela deu de ombros. — Boa noite.

Depois que Adianna fechou a porta, Sarah sentou-se por mais um momento.

Se esconder para sempre não era uma opção muito boa. E nem ser deserdada – e ela não tinha esperanças de que ela seria inocentada dos crimes que a Dominique havia listado.

Seu olhar caiu no convite que a Dominique havia jogado no chão, e a sua decisão estava feita. Só havia uma maneira.

Ela passou uma hora se orientando, acostumando a usar o seu corpo sem o sexto sentido que a sua magia normalmente provinha, e ela estava confiante que podia fazer o que ela precisava.

Ela precisava matar Nikolas.

Sarah escreveu um bilhete para Adianna e Dominique, declarando a sua intenção. Dominique havia a acusado de colocar em perigo a sua família e proteger Nikolas – o que, na tentativa de proteger Nissa e Christopher – ela havia feito. A única maneira possível para sair desta bagunça era confrontar Nikolas.

Na verdade, Nikolas não era o pior de sua espécie – ele não torturava as suas presas, e ele não matava tão desenfreadamente quando a sua força permitiria. Ele caçava, como todos os vampiros caçavam, para matar a sede de sangue. As suas marcas eram o único elemento que tornavam as suas matanças mais óbvias do que as matanças feitas pelos outros de sua espécie. Se Christopher não tivesse se separado de seu irmão antes de Dominique ter começado a organizar a bagunça caótica que os seus predecessores haviam permitido os registros de Vida se

tornarem, as suas marcas e o seu nome seria tão infame quanto ao de seu irmão.

Esta não era a hora de ponderar sobre a culpa de Christopher e a inocência de Nikolas. Esta era a razão que os caçadores já sabiam muito bem para não se misturar com as suas presas. Isso criava tons de cinza, onde uma vez havia sido somente preto e branco.

Ela não sabia o que ela faria quando Nissa e Christopher a caçassem. Ela se recusava a matá-los. Mas ela também se recusava a fugir; se esconder até morrer, velha e solitária, parecia bem pior do que uma morte rápida que todo o caçador sabia que marcava o fim.

Ela não se incomodou em esconder suas facas quando ela foi, mas no lugar colocou uma blusinha negra e shorts negro; e por cima de tudo ela jogou uma jaqueta de couro, então as armas não seriam tão óbvias enquanto ela ainda estava no mundo humano.

Depois de tirar as chaves de seu Jaguar da cômoda, ela foi para fora e ligou o carro.

O relógio informava 11:59 enquanto ela entrava na entrada de carros na casa de Nikolas.

Capítulo 27

NIKOLAS PEGOU SUA JAQUETA enquanto ela entrava. A casa estava vazia com exceção dos dois.

Dos três, ela percebeu, quando Nikolas a guiou para a sala, onde Christopher andava.

— Você está perdendo a sua determinação, Sarah? — Nikolas perguntou, e Christopher parou de andar.

— Você esteve perto o bastante para me matar por inteiros dois minutos, e você nem sacou a faca.

— A Christine está bem? — Sarah perguntou, sem dar importância à pergunta de Nikolas.

Nikolas suspirou. — Christine está bem. Até mesmo Kaleo está vivo ainda. Na verdade, eu não tive chance de matar ninguém que vale a pena mencionar nas dez horas desde que eu falei contigo pela última vez. Isso acalma a sua curiosidade?

Sarah ignorou a provocação. — Christopher, o que você está fazendo aqui?

Christopher deu de ombros. — Meu irmão me pediu para vir.

Ele parecia o mesmo fisicamente, desde a última vez que ela o tinha visto, mas havia uma energia nele que era diferente.

Christopher havia se alimentado. Apesar de que ela conseguia ler a sua aura facilmente o bastante para saber que ele não havia matado, ele obviamente havia tomado

sangue humano, provavelmente logo após a briga deles, quando a sede de sangue dele estaria muito esmagadora.

Sarah examinou seu rosto por um sinal se ele iria ajudá-la ou machucá-la, mas apesar da sua expressão não mostrar raiva, não mostrava compaixão também.

— Posso pegar algo para você beber? — Nikolas ofereceu, e Sarah riu.

Claro, ela pensou sarcasticamente, se perguntando o que os vampiros serviam para beber. *Um Bloody Mary – batido, não cortado.*

— O que você está querendo, Nikolas? — ela perguntou ao invés.

— Eu te convidei à minha casa. Eu posso pelo menos ser um anfitrião gracioso antes de você tentar me matar.

Ele iria esperar por um movimento dela? Isso poderia ser uma noite bem longa realmente, porque ela havia planejado esperar por um ataque dele. Se ela matasse Nikolas agora, sem provocação, ela não teria ilusões de que ela não precisaria matar Christopher, também.

— Eu vou tomar algo.

Sarah se virou para ver uma garota que não tinha mais do que dezesseis. Ela estava usando um vestido de algodão branco com um bordado prateado, e a sua pele era clara, mas não fantasmagórica. Seu cabelo era castanho escuro.

— Christine? — Sarah sussurrou, mal conseguindo acreditar. Poderia esta garota ser o mesmo fantasma que a Sarah havia visto mais cedo naquele dia, confusa em um canto? Ela obviamente havia sido limpa, vestida, alimentada... a mudança era tão incrível, parecia impossível.

— Sim, — a garota disse levemente. — Eu nunca peguei o seu nome, no entanto.

— Sarah, — ela respondeu. Ela balançou a mão de Christine como se fosse uma situação normal, apesar de ser absurdo ela estar se apresentando para esta garota agora, no meio de um covil de monstros.

Ela vê seu mundo pelos olhos de outros. / Preto a branco; não há cores, / Enquanto ela olha para uma juventude quebrada. / Um espelho quebrado mostra uma verdade quebrada.

Sarah nunca havia duvidado de si antes, mas esta ninfa de branco havia feito o seu ódio por Nikolas diminuir um pouco. Christine ficou na ponta dos pés para abrir a lata que estava na cornija acima da lareira.

— Chocolate? — ela ofereceu, mas Sarah balançou sua cabeça.

— Não, obrigada.

Christine deslizou para fora do cômodo novamente e Sarah a assistiu ir, fascinada.

— Nikolas, o que você quer? — Christopher finalmente perguntou uma vez que Christine estava fora de vista. Ele soava drenado, cansado. — Por que eu estou aqui?

— Eu queria te dar uma chance, Irmão, — Nikolas disse. Ele esticou uma mão no bolso, puxando algo para fora, e jogou-o para Christopher.

Por um momento Sarah pensou que a faca era de Nikolas, mas quando Christopher a abriu ela percebeu que o cabo era negro com uma incrustação branca, o reverso da faca de Nikolas – era a do Christopher, Sarah presumiu, sobras do tempo quando os dois irmãos ainda caçavam juntos.

Christopher fechou a faca. — Uma chance para fazer o quê?

— De dividir esta aqui comigo, — Nikolas respondeu, e Sarah percebeu que poderia ser hora de começar a lutar.

Mas ela não se moveu.

— Você vai laçar o sangue dela ao seu, — Christopher disse, sabendo como a mente de seu irmão funcionava. — É por isso que você não a matou quando você a marcou.

— Por você, Irmão. Você a queria, mas ela te rejeitou, Christopher, — Nikolas respondeu. — Agora é a sua chance de torná-la sua. De fazê-la sua.

— Como a Marguerite, — Christopher sussurrou, entendendo. — Nikolas, não. Marguerite queria isso. Sarah não.

— Ela te *machucou*, Christopher, — Nikolas disse, implorando. — Eu escutei você gritar. Você me disse para não matá-la... tudo bem, eu não vou matá-la, mas há poucas escolhas restantes. Eu posso deixá-la ir, e neste caso a própria família dela vai matá-la, ou eu posso laçar o sangue dela com o meu.

— Eu não vou te ajudar com isso, Nikolas...

— Tudo bem, — ele respondeu, sua voz igual de criança e resignada ao mesmo tempo.

Sarah saiu da linha de visão de Nikolas, e viu que ele se virou para mantê-la a vista.

Ela foi pegar a faca, e num instante depois Nikolas estava atrás dela, com a sua mão ao redor de seu pescoço. Ela sacou a faca de sua coxa e a girou em sua mão, guiando-a para o lado dele.

Nikolas xingou, jogando-a para longe dele, e Sarah posou desajeitadamente em sua faca, fazendo um corte na sua mão direita. Um momento depois a lâmina de uma faca estava em seu pescoço.

A faca de Christopher.

Christopher havia prendido Sarah no chão, com a lâmina de sua faca contra a sua pele.

— Me corte, Christopher, — ela sibilou. — Se você realmente está com vontade, então faça.

Apesar de Christopher não deixar a faca cortá-la, ele pressionou a lâmina com força contra a sua pele. Se ela se movesse, ela cortaria sua própria garganta.

Nikolas se recuperou e se ajoelhou ao lado de seu irmão, então alcançou a faca que estava nas costas de Sarah para que ele pudesse desarmá-la. O seu irmão pegou seu pulso, parando-o, e Nikolas assentiu.

Christopher moveu sua faca para longe e puxou ela de pé, e então ele a soltou.

Nikolas seguiu Sarah com o olhar. — Christopher...

— Eu não vou matá-la por se defender, — Christopher interrompeu.

— O Kristopher que eu costumava conhecer... meu irmão... teria matado-a logo que ele descobrisse que ela era uma Vida. Você provou o sangue dela. Como você pode não o querer?

— Eu o quero, — Christopher disse suavemente. Eu quero da mesma forma que os humanos querem respirar, mas eu tenho controle.

Sarah se afastou, e notou que, apesar de Nikolas manter seu olhar de falcão em cima dela. Christopher estava somente assistindo seu irmão. Quando ela percebeu o quão fácil seria matá-lo, bÍlis subiu em sua garganta.

— Volte para mim, Khristopher. Cace comigo, — Nikolas implorou. Ele deu um passo na direção de seu irmão, movendo-se para mais perto de Sarah ao mesmo tempo... ele obviamente não confiava nela nas costas de seu irmão. — Por que você deixa a sede de sangue te consumir toda a

noite e todo o dia? Nós precisamos nos alimentar para sobreviver. Um homem faminto à beira da morte rejeitaria um jantar porque era frango e ele é um vegetariano? Ou ele comeria de qualquer forma, porque era tudo o que ele podia fazer para parar a dor?

Sarah não esperou pela resposta de Christopher. Ao invés disso, ela sacou a faca de seu pulso. A lâmina mal tinha deixado a bainha quando Nikolas atacou, mandando-a para o chão; a respiração escapou de seus pulmões, mas ela manteve o seu aperto na arma.

Christopher reagiu instantaneamente e agarrou o braço de seu irmão, arrastando Nikolas para o lado, ignorando Sarah como se ela não fosse ameaça alguma. Abatendo o seu senso de jogo limpo, Sarah rolou, nocauteando momentaneamente as defesas do vampiro. Nikolas gritou enquanto sua lâmina tocava sua pele, e o som fez com que as entranhas de Sarah se apertassem. Ele parecia tanto com o Christopher... tão vulnerável.

Ela percebeu que havia hesitado somente quando a mão de Christopher agarrou o seu pulso, parando a faca de completar o golpe mortífero. Ele aumentou a força de seu aperto até que ela derrubou a arma, e Nikolas jogou sua faca para longe enquanto Christopher a arrastava para longe de seu irmão.

A maioria dos vampiros eram caçadores solitários. Sarah havia sido treinada para derrotar os inimigos um por um, mas Nikolas e Christopher lutavam como uma entidade. Quando um estava em perigo, o outro reagia.

A auto-preservação substituiu toda a lealdade para o seu amigo e Sarah atingiu um cotovelo no estômago de Christopher, forçando-a a soltá-la, no mesmo momento que Nikolas nocauteava suas pernas.

Ela rolou para longe dos dois vampiros, desembainhando sua última faca. Respirando com força, ela pausou, esperando que um dos vampiros se movesse.

Nikolas a circundou lentamente, e ela ficou de pé, seus olhos nunca desviando dele. Sua mão direita ainda estava sangrando, e ela viu o olhar dele cair para ela, e a faca que ela estava segurando.

Ela estava olhando Nikolas, mas foi o Christopher que pegou o seu pulso, Christopher que estava repentinamente a segurando. Ela havia cometido o mesmo erro que ele, somente momentos antes... ela havia presumido que ele não a machucaria a menos que ela o atacasse, e então não havia estado prestando atenção quando ele desapareceu da frente dela.

Christopher havia perdido suas razões para se recusar, e os três deles sabiam disso. O sangue de Sarah estava no ar, juntamente com a tensão da luta. O controle de Christopher já era fraco, e agora o predador havia assumido o controle.

Nikolas se esticou até Sarah e segurou seus pulsos, enquanto Kristopher colocava um braço ao redor de sua cintura para segurá-la no lugar.

Sarah perdeu o ar quando dois pares de presas perfuraram sua pele, Kristopher na direita e Nikolas na esquerda. Sem a sua mágica, ela não tinha uma defesa maior, e ela desabou embaixo da pressão combinada da mente deles. Com Nikolas e Kristopher ainda no seu pescoço, ela caiu de joelhos.

Os dois irmãos se afastaram após alguns momentos, e seus olhares se encontraram por um breve segundo.

Nikolas desviou primeiro, se abaixando para recuperar a faca de Kristopher de onde ela havia caído, e a entregou para o seu irmão.

Kristopher pegou a faca como se ele estivesse em um transe e fez um corte um pouco abaixo de seu próprio pescoço.

Sarah virou sua cabeça para o lado, mas Kristopher forçou-a a olhar para ele... e para a linha de sangue que se acumulava em sua pele. Eles mal haviam tirado o sangue dela, mas mesmo com pouco ela podia sentir a sede que sempre possuía a presa do vampiro, e ela não conseguia desviar o olhar.

— Não. — Sua voz era suave, quase amedrontada.

Kristopher tocou seus dedos em seu próprio sangue e pintou os lábios dela com ele, forçando a sua boca a abrir. Ela sentiu o gosto de sangue dos condenados, e ela não podia resistir.

Inclinando sua cabeça para frente para o corte no peito dele, ela bebeu. O sangue era doce e grosso e mágico, e ela o queria tanto...

Ele a empurrou depois de um momento, e Nikolas a virou para ele, passando a lâmina pela sua própria pele, um ferimento espelhado no do Kristopher.

Mais uma vez ela bebeu.

Em seguida, Nikolas a empurrou também, e ela sentiu sua mente girar em um turbilhão enquanto o sangue entrava em seu sistema. A escuridão finalmente a engoliu, e ela caiu no esquecimento da inconsciência.

Capítulo 28

ADIANNA ESTAVA COM SUA FACA na mão enquanto ela entrava com os ombros pela porta aberta, mas ela já sabia que não havia vampiros dentro de quinhentos metros dela. Seus sentidos estavam esticados tão longe que ela sentia os batimentos cardíacos dos humanos lá dentro e da maioria dos humanos nesta quadra. Pior, ela podia sentir Sarah, sua aura mudada pela amarração dos seus poderes pela Dominique, e seu coração batendo freneticamente.

Tudo isso ela sabia antes mesmo de colocar os pés no hall de entrada da casa. Seus olhos absorvem tudo, mas sua mente ignora, as obras de arte, as rosas na mesa, e a caixa aberta de chocolates na cornija.

Mais vividamente ela vê as gotas de um sangue vermelho escuro, ainda molhado, mas espalhado como se fosse um ferimento pequeno em uma pessoa que esteve lutando.

Ela deveria ter adivinhado o que Sarah faria. Adianna mesmo teria feito isso, se de alguma forma ela terminasse na mesma situação. Melhor morrer do que encarar humilhação do que ser deserdada. Melhor morrer com o seu orgulho intacto do que viver sem ele. Elas duas tinham sido criadas dessa forma, mas Adianna esperava com ferocidade que Sarah escolhesse a vida. Já havia passado quase duas horas

desde que ela tinha voltado ao quarto de Sarah, somente para descobrir que ela já tinha ido.

O sangue derramado de Sarah, cabelos loiros, e pele corada eram as únicas cores no cômodo. Ela estava deitada em um sofá de pelúcia preto, onde parecia que alguém a tinha colocado gentilmente. Adianna podia ver a marca fraca que atestava a um ferimento praticamente curado na mão direita de Sarah, apesar de que ela sabia que não havia marca ali mais cedo esta noite.

O fato que o novo ferimento, sem dúvida a fonte do sangue no chão, estava praticamente fechado assustava Adianna mais do que qualquer coisa desde que o pai delas havia morrido. Nenhuma bruxa se curava assim tão rápido.

Seu poder se incendiou quando ela se ajoelhou ao lado de sua irmã. Ela estava perigosamente perto de perder o controle, mas ela não sabia de nada na terra que iria conseguir pará-la para reganhar o controle novamente.

A pele de Sarah estava quente ao toque, e Adianna apertou a sua mandíbula com força enquanto ela viu a leve mancha de sangue na boca de Sarah. Esticando um tendril de magia, ela descobriu o veneno no sistema de Sarah.

Eles haviam dado o sangue deles. Se eles tinham intenção de fazer uma ligação com o sangue dela ou de acabar com a sua vida não importava. Sarah era uma filha de Vida; seu sangue de bruxa iria destruir o sangue vampírico invasor, e provavelmente destruir o corpo que ele estava dentro no processo.

Uma curandeira poderia ter sido capaz de fazer algo, mas qualquer curandeira teria que consultar Dominique antes de tratar Sarah, e Dominique teria dito a eles pra deixá-la morrer. Adianna teria que tentar fazer isso sozinha.

Ela sabia quais as conseqüências seriam. Isso não havia sido tentado desde que Jade Arun havia tentado curar sua jovem filha a milhares de anos atrás. Desde então cada bruxa na linha Arun havia nascido com sangue de vampiro. Mas se este era o preço, Adianna o pagaria.

Ela colocou sua mão em cima da sobrançelha febril de Sarah, fechou seus olhos, e tentou cortar a ligação do sangue vampírico que já havia sido colocado na pele de Sarah.

Ela sabia desde o início que era uma causa perdida. A infecção estava muito profunda, e havia penetrado muito firmemente no sangue de Sarah.

— Droga, Sarah! — O próprio grito de Adianna a assustou e a trouxe de volta para o mundo real. — Não ouse morrer para cima de mim. Você está me escutando? Não ouse. — As últimas palavras foram sussurradas, enquanto ela jogava sua mente e sua magia de cabeça na onda rápida que era o poder de Sarah.

O efeito era similar ao de pular de cabeça nas corredeiras de um rio gelado, atolado com bolsões cheios de pedras, com sal em seus olhos, e cada centímetro de sua pele arranhada até o osso. Primeiro ela cortou os laços de magia de Dominique que havia se sobreposto à magia de Sarah, e depois ela se firmou para o seu próximo passo.

A magia de Sarah estava matando-a enquanto a magia matava o sangue de vampiro. Se Adianna não conseguisse retirar a toxina vampírica, então a única coisa que ela poderia fazer era cortar a magia que estava lutando.

Ela estava dentro da mente de Sarah e dentro de sua magia, e mesmo ela não querendo ouvir, ela sabia a

verdade. Ela podia apenas salvar a vida de Sarah ao destruir a sua mágica, mas ela sabia bem claramente que a sua irmã preferiria morrer.

Ela segurou a vida e a mágica de Sarah entre as duas pontas de seus dedos. Ela podia quebrar cada um com apenas um pensamento.

Ao invés disso, tremendo, ela recuou, com a respiração arrastando-se pelos seus pulmões com dificuldade. O sol havia nascido completamente enquanto ela esteve se afundando no poder de Sarah, e ela sabia que aquela sensação fria e fraca da aura de alguém roçando em cima dela não era nova. Ele deve ter ficado ali por horas, ajoelhado silenciosamente, um pouco atrás dela e para a sua esquerda.

Ela se virou lentamente, sacando a faca de seu pulso enquanto isso, e ele não se moveu para pará-la.

— Como ela está? — Christopher perguntou, sua voz suave.

Sua voz cortou tão afiadamente quando a sua faca podia. — Como você acha que ela estaria depois que você deu seu sangue a ela? Ela vai morrer.

A expressão cuidadosamente neutra de Christopher se despedaçou. O vampiro se inclinou contra a parede e seus olhos se fecharam por um momento.

— Eu não pensei, — Christopher respondeu quietamente, erguendo o seu olhar negro para encontrar o olhar da caçadora. — Eu perdi o controle.

Adianna era a filha mais velha de Dominique Vida. Ela sempre tinha sido a irmã mais forte, aquela que honrava a linha, aquela que deixava Dominique orgulhosa. Ela, mais do que qualquer um, sabia exatamente o quanto poderia ser destruído ao se perder o controle mesmo que fosse por

alguns momentos. Ela também podia ver o quão doloroso a confissão era para o vampiro.

Talvez vendo o entendimento relutante de Adianna, Christopher acrescentou, — Eu a amo, e eu nunca quis machucá-la. E eu *não vou* deixá-la morrer porque eu estraguei tudo. — Mesmo ele falando suavemente, a voz de Christopher estava rica com uma raiva auto-dirigida.

Ele deu um passo na direção de Sarah, e sem pensar, Adianna se moveu entre o vampiro e a sua irmã. —Saia de perto dela.

— Você é a irmã de Sarah, — Christopher disse, sua voz tensa. — Você realmente quer que ela morra?

Adianna vacilou com a acusação; suas unhas fazendo meias-luas em sua palma esquerda enquanto ela apertava sua mão em um punho. — Como você pretende ajudá-la? — ela perguntou, mas sabia a resposta.

— Eu tirei o sangue dela, e possivelmente a sua vida, — Christopher disse. — É certo que eu dê a ela a minha. — O significado estava claro. Ele queria transformá-la, transformá-la em uma das criaturas que Sarah havia passado sua vida inteira caçando. Christopher deve ter visto algum sinal de repulsão no rosto de Adianna porque ele acrescentou, — Ela estaria viva.

— Ela seria um...

— Sim, ela seria um vampiro, — Christopher estourou. — Mas ela estaria viva. Não é isso só o que importa? Eu preferiria transformá-la e arriscar que ela me odeie ainda mais por isso do que deixá-la morrer sem dar a ela uma chance.

Adianna não podia concordar. Permitir que a sua própria irmã fosse transformada em um da espécie deles seria pior do que deixá-la morrer.

Antes que Adianna pudesse protestar, Christopher acalmou sua voz e acrescentou, — Se ela acordar e não quiser isso, Sarah é forte o bastante para cair em uma faca. Pelo menos deste jeito ela irá acordar.

Adianna engasgou em seu próprio argumento, e se virou para longe de Christopher e Sarah. — Faça o que você tiver que fazer. — Sua voz quebrou nas palavras.

Ela deu um passo para o lado, mas não podia desviar o seu olhar. Sua decisão quase falhou quando o sanguessuga descobriu o pescoço de Sarah; ela se inclinou contra a parede e se afundou no chão.

Saia daqui, caçadora. Você não quer ver isso. A voz do vampiro em sua mente era alta, aumentada pelo sangue de bruxa que tinha nele. Adianna sentiu a bÍlis subir em sua garganta.

Ela ficou de pé, e virou de costas para os dois. Um passo, dois. Ela estava quase na porta quando, como Orfeu, ela teve que dar uma última olhada... apenas a tempo de ver Christopher passar sua faca pela sua própria pele, e ver Sarah grudar no novo ferimento como uma criança sendo amamentada.

Adianna perdeu o controle, e correu o resto do caminho até o seu carro. Vinte minutos depois ela se convenceu a ir mais devagar quando se encontrou acelerando a cento e sessenta cinco na rodovia; não importa o quão longe ou o quão rápido ela fosse, Adianna sabia que nunca iria ultrapassar aquela última imagem.

Desta noite em diante, quer ela escolha viver como uma vampira ou se matar, Sarah era tão boa quanto morta. Adianna rezou para que ela nunca visse sua irmã novamente.

Capítulo 29

Ao anoitecer, Khristopher ainda sentava-se ao lado de Sarah, esperando ansiosamente por ela mover-se.

Se ele tivesse chegado tarde demais? Ele amaldiçoou a si mesmo por perder tempo discutindo com a caçadora, mas ele duvidava que Sarah o perdoaria se ele tivesse machucado Adianna. Seu organismo ainda zumbia com o poder do sangue de bruxa de Sarah e se ele tivesse lutado com a caçadora ele provavelmente teria matado-a como resultado de um reflexo.

Seu irmão estava andando de um lado a outro no fundo da sala, seu poder crepitando ao redor dele como uma rede de faíscas e como sempre Khristopher podia sentir a conexão entre eles. Nickolas tinha o direito de estar lá; eles estavam em sua casa. Tinha sido o único lugar que Khristopher confiou ser seguro o suficiente.

Ele tirou o seu longo cabelo preto de seu rosto, o único movimento que ele tinha feito em quase vinte minutos e olhado rapidamente para o relógio preto e branco abstrato na parede. O sol já tinha se posto agora. Ela devia ter acordado.

Finalmente, Sarah gemeu lentamente e a culpa de Khristopher voltou em torno dele para acertá-lo de novo enquanto ele ouvia a dor em seu tom. Ele sabia que um vampiro recém nascido, antes que ela já tivesse caçado, era assolado pela sede de sangue tão forte que poderia perder

a razão completamente da mente. Sem matar era quase impossível matar a fome.

Sarah gemeu novamente e sentou-se lentamente, piscando para clarear sua visão. Todos sabiam que sua mente estava nebulosa. Sua memória poderia não retornar até depois de ela se alimentar. Khristopher e Nickolas ambos alcançaram-na para ajudá-la a levantar. Sarah mal conseguia ficar em pé sozinha e ela inclinou-se sobre Khristopher enquanto ele segurava-a. — Eu preciso trazê-la para algum lugar que ela possa alimentar-se com segurança, — ele disse para sua irmã. Uma vez que Sarah tivesse se alimentado ela iria provavelmente odiá-lo. Pior, ela poderia colocar a própria faca dela em seu coração.

Nissa se adiantou e colocou uma mão no ombro dele. — Não deixe que ela mate alguém, Khristopher.

Nickolas riu e Nissa se encolheu com o tom cortante. — Isso é impossível, Nissa. Ela é uma recém nascida e sua mudança não foi nem de perto tão fácil quanto as suas foram – se ela não tomar uma vida, ela não será capaz de saciar sua sede de sangue e você bem sabe disso.

— Ela é uma Filha de Vida. Ela não tomará uma vida humana, — Nissa discutiu. Nickolas olhou para Sarah em dúvida enquanto Christopher gentilmente alisou uma mão sobre seu sedoso cabelo, tentando confortá-la o máximo que ele pode enquanto seu irmão e irmã discutiam.

— Eu vou levá-la, — Nissa disse, sua voz forte. — Há pessoas que eu conheço na SingleEarth que vão estar dispostos.

Khristopher repetiu como um espelho a expressão duvidosa de seu irmão. — Não dispostos a morrer. — Como sua irmã, Christopher tinha atravessado a mudança

facilmente; somente Nickolas tinha acordado meio entorpecido da dor que Sarah estava preste a atravessar.

Nickolas e Nissa continuaram a discutir, mas Khristopher já tinha tomado sua decisão. Sangue humano era muito fraco para saciar a sede se sangue sem matar. Sangue de bruxa iria ser melhor, desde que era forte o suficiente para saciar a sede sem matar o doador, mas cada instinto se rebelou contra levar Sarah para a família dela. As bruxas respondiam à Dominique e Dominique era a última pessoa que poderia saber o que tinha o que sua filha tornou-se.

Havia somente uma escolha permitida – tinha sido somente uma escolha. Inclinado sua cabeça para trás, ele atraiu Sarah para a garganta dele mesmo.

Capítulo 30

DEUSA, ISSO DÓI. Fogo e vidro estavam sendo forçados através de suas veias e ela não podia fazer nada sobre isso.

Beba, ela ouviu em sua mente e de repente ela estava ciente do doce aroma que enchia seus sentidos.

Os sentidos de Sarah assumiram o controle enquanto Khristopher puxava ela para sua própria garganta. Graciosa como um predador, ela passou uma mão ao redor do pescoço dele e selou seus lábios sobre o ponto pulso. Ela sentiu a pressão de suas próprias presas em sua boca, um momento de resistência enquanto elas perfuravam a pele e então somente o rico sangue quente que corria sobre sua língua.

Em seguida, havia somente o doce sabor e milhões de imagens que o acompanhavam. Ela não estava preparada para a enxurrada de memórias e emoções, mas ela entendeu que Khristopher não podia ter bloqueado-a com sua mente nem se ele tivesse tentado. Não enquanto ela estava tão perto, nem enquanto seu sangue corria passando por seus lábios.

Algumas memórias eram agradáveis, algumas duras e enquanto ela tremulava entre elas, ela perdeu a noção de si mesma.

— Nicholas ou Christopher? — a garota perguntou com um meneio de cachos dourados. Vestido cor creme clara com uma coroa de hera e uma rosa branca em seu colo, Christine Brunswick era cada polegada da Rainha de Maio. Ele se encolheu com a pergunta, mas era suficientemente comum. Apenas Christine parecia ter o poder para cortar.

Poder como se um raio o atingisse, derrubando-o longe, suas presas dispostas. Dor pior do que a queimadura de tortura por sede de sangue, enquanto a faca de Elisabeth Vida afundava em seu peito, somente errando seu coração por causa de seu irmão ter batido na arma da bruxa. Ele pensou que ia morrer com isso, mas, de alguma forma eles pegaram a faca. O sangue da bruxa era mais doce do que o mais rico dos méis e a dor diminuía enquanto ele tomava com seu irmão ao seu lado.

Ele lembrou-se quando o mundo humano tinha encontrado o seu corpo. Os nomes de Nickolas e Christopher tinham ficado nos lábios no mundo que eles tinham perdido. Christopher Ravena – o nome que tinham dado quando ele nasceu – não era um caçador e então ele tinha mudado o nome quando se movia sobre suas presas. Uma pequena mudança, mas um símbolo de sua diferença, a última ruptura que ele tinha feito com o mundo em que ele tinha nascido.

Nissa em uma de suas festanças, a primeira vez que os irmãos a tinha visto desde que ele tinham sido mudados uns cem anos antes. Ela estava nervosa com Kaleo e os outros, mas eventualmente ela relaxou na inebriante atmosfera de contentamento predatório. Ninguém aqui escondia sua natureza.

Um humano saiu fora de seu controle e cometeu o erro de insultar Nissa enquanto seus irmãos a observavam. Ele iria

ter vivido através da noite e Nissa sabia disso. Caindo por terra a Hora do Diabo e ninguém pensou em parar Nissa quando ela despiu a garganta do homem e alimentou-se.

Nissa, moribunda enquanto recusava a se alimentar novamente. Morrendo com sua própria culpa que dilacerava-a em pedaços. Ele não estava certo que ele poderia sobreviver sem Nickolas, mas sabia que Nissa não poderia viver sem ele. Mais tarde, quando ela estivesse forte novamente, ele poderia voltar para seu irmão, mas neste momento...ela precisava dele.

Mesmo antes que falasse com ele, ele adorou ela. Sua beleza, sua graça e pensativa expressão que ela usava para dizer a ele que ela não estava ouvindo as coisas que a professora estava dizendo...tudo o que encantava ele. Depois que falou com ela, depois que tinha sorrido com ela e aprendido sobre ela, ele não poderia ter evitado ficar fascinado por ela. Ela era tão educada, tão incrível e ele ficava se perguntando o que ficava por baixo.

Sarah Tigress Vida, a mais jovem Filha de Vida. Finalmente ele entendeu a força que ele tinha visto nela. E só então, quando ela disse para ele deixá-la sozinha, ele percebeu que a amava.

Lutando contra o desejo de discutir, ele tinha retornado para dentro da máscara neutra que Khristopher usava quando ele não estava em território amigável. Ele queria beijá-la, mas ao invés disso ele tinha sido frio, porque de outra forma ele não teria sido capaz de evitar a si próprio de pedir a ela para desafiar todas as regras. Ele nunca pediria para ela desistir de tanto, não por ele.

Quando a magia finalmente se quebrou e Sarah recuou, a fome e a dor foram embora, mas uma dualidade permaneceu. Embora Sarah tentasse ignorar a sensação, era como virar as costas para uma conversa. A direção de pensamentos e memórias desapareceu, mas lá permaneceu uma persistente sensação da mente de Khristopher.

Khristopher recuou e Sarah sabia que ele iria ter bloqueado a conexão, se tivesse sido sua decisão. A ferida que Christine tinha deixado ainda estava curando. Ele tinha adorado Christine. Ela tinha sido a mais bonita mulher que ele já tinha visto. A última coisa que ele queria era que Sarah visse o que Christine tinha sido para ele.

— Khristopher? — A pergunta veio de Nickolas, que tinha estado em pé quietamente do outro lado da sala.

Khristopher balançou sua cabeça como se para clarear sua mente. — Eu estou...bem, — ele respondeu finalmente. Forçosamente girando sua mente com as memórias, ele levantou seu olhar para Sarah e disse simplesmente, — O que você faz agora é sua escolha.

Ele não estava mencionando isso em voz alta, mas ela podia facilmente sentir seu medo e ela entendeu. Ele estava preocupado que ela ia se suicidar.

Mas se ela não fizesse, o que poderia fazer? Sua vida e cada coisa que tinha conhecido tinha ido. Sua própria mãe a mataria se tentasse voltar.

A verdade Vida tinha caído sobre uma faca no momento que ela tinha tornado-se uma vampira, mas Sarah não queria morrer. Ela tinha feito amizade com Nissa e com Christopher e eles tinham lhe ensinado a ela que o sangue de vampiro não transformava uma pessoa em um monstro.

Capítulo 31

QUANDO ELA NÃO DEU RESPOSTA, Khristopher tomou fôlego. Depois de uma hesitação que disse-lhe que ele estava preparando a si mesmo para a resposta dela, ele disse, — Sarah, eu não dou a mínima para seu passado – eu te amo. Se você quiser, você será bem vinda para ficar conosco.

Ela viu a surpresa de Nickolas quando ele ouviu o “conosco” mas o vampiro não discutiu. A ideia deu a Sarah uma pausa, no entanto.

Se o “conosco” significava Christopher e Nissa, ela teria dito sim imediatamente. Mas ela sabia como Nickolas vivia, como ele caçava. Ele matava e se sua presa estava disposta ou não, não importava para Sarah. Ela não podia viver dessa forma.

Antes que ela pudesse falar sua recusa, Nickolas falou.

— Sarah... — Ele parou e olhou para Khristopher por um momento antes de continuar, como se estivesse aprovado. — Eu não estou esperando seu perdão imediato. Eu não estou nem pedindo por isso. — Ele começou a dar um passo em sua direção, mas então pareceu pensar melhor sobre isso e parou. — Mas se não apenas, confie em mim quando digo que eu nunca vou machucar meu irmão, ou deixa-lo ser machucado se eu puder parar isso. — Novamente, ele olhou para seu irmão, mas desta vez,

somente por um momento, como se ele já soubesse como Khristopher iria reagir. — Nós não possuímos você. Seja qual for sua escolha hoje... Eu não sou uma ameaça para você. Mas não culpe Khristopher pelo que eu tenho feito e não o deixe apenas por que eu estou aqui.

Sarah abriu a boca para discordar, mas em seguida, fechou-a como se as palavras de Nickolas a perfurassem. Seu instinto era para discutir com alguma coisa que ele disse, mas agora mesmo o que ele disse fez sentido.

Ela não podia ficar, mas não era por causa de Nickolas. Muito abruptamente ela percebeu que seu ódio por ele pareceu ter desaparecido. Seu passada pela mente de Khristopher tinha causado algo daquilo; era quase impossível odiar completamente Nickolas uma vez que ela tinha sentido o intenso amor e lealdade que Khristopher mantinha por seu irmão.

Sim, ele a tinha machucado fisicamente, mas a dor era apenas passageira. Honestamente, a coisa mais brutal que Nickolas tinha feito por ela tinha sido abrir seus olhos e forçado-a a ver a realidade – as tonalidades de cinza que existiam no mundo, atrás do mundo de total preto e branco, de mal e bem que Dominique tinha ensinado-lhe por muitos anos.

Ela tomou fôlego, mas sua decisão estava tomada. — Eu não posso ficar, — ela disse finalmente e sentiu Khristopher vacilar. — Você sabe que eu não vou sobreviver – e caçar, da mesma forma que você faz. Mesmo se eu pudesse, eu não gosto de ser dependente. Dê-me tempo para encontrar meu próprio modo de viver. — Ela levantou seu olhar e encontrou o de Khristopher. Seu medo, que ainda estava tocando claramente sua mente, levou-a a acrescentar, — Eu não odeio você, Khristopher. Eu não odeio

você ou seu irmão. — Em uma explosão de impulsividade que teria feito Dominique encolher-se, ela avançou e abraçou-o. — Eu vou sentir sua falta, Khristopher, mas eu não posso ficar aqui. Pelo menos por agora.

— Nós temos o para sempre. Eu vou ver você de novo, — ele respondeu com certeza. — Mas antes de você ir..

Khristopher inclinou o rosto dela para cima e a beijou.

Ocorreu a Sarah, então, que ela nunca tinha sido beijada, realmente beijada, antes.

De qualquer forma, foi aos primeiros beijos...

Como toda a arte de Khristopher, seus beijos eram peritamente executados.

Khristopher foi o primeiro que interrompeu o beijo, embora ele mantivesse seus braços ao redor dela e não recuasse para longe. — Eu sinto muito. Eu queria fazer isso por — ele deu de ombros — um longo tempo.

— Esse é um momento, que você precisa se desculpar.

Ele sorriu e a expressão de Sarah viu o verdadeiro Christopher, que ela tinha vindo a conhecer e confiar.

— Há um milhão de outros momentos, ambos passado e futuro, que eu devia pedir desculpas para você, — ele disse ligeiramente, — Eu poderia também começar ganhando crédito.

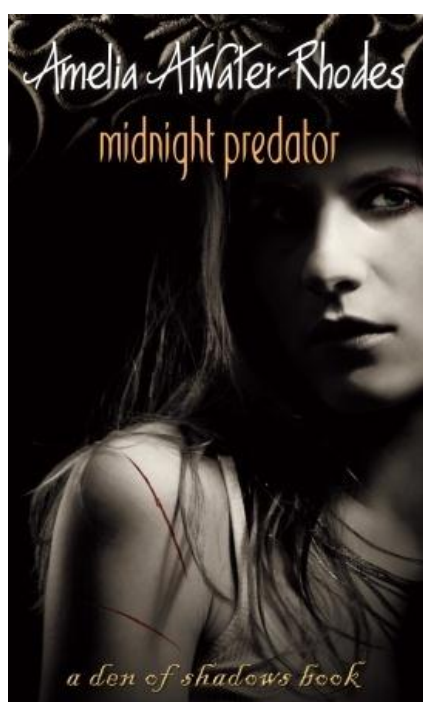
Um milhão de momentos, ambos passado e futuro. Milhares de anos de ódio, entre ambas as suas espécies, dificilmente poderia ser desfeita rapidamente. Mesmo na eternidade que ela tinha potencialmente pela sua frente, ela não achava que foi promovida para um cargo como uma pacificadora. Mas se ela tivesse sido...

SingleEarth a aceitaria se ela pedisse. Nissa poderia ensinar-lhe como sobreviver sem matar. Haveriam lugares de paz no mundo e se ela pudesse apenas encontrar um deles,

ela poderia ter uma vida lá. Como Khristopher tinha salientado, ela tinha o para sempre.

FIM!

Continua em :



Meia-noite, o antigo santuário do mal de vampiros e seus escravos humanos, que foi queimada até o chão séculos atrás, resurgiu das cinzas para abrir as suas sombrias portas, mais uma vez. E cabe a Turquoise Draka, uma famosa humana caçadora de vampiros da guilda Bruja, parar o fundador da Meia-Noite e o vampiro mais malévolo,

Jeshikah. Mas uma vez dentro dos muros da Meia-Noite, Turquoise descobre que em vez de Jeshikah, o surpreendentemente afável

vampiro Jaguar está no comando. Agindo como um escravo humano, Turquoise tenta discernir os misteriosos motivos de Jaguar enquanto ela trabalha planejando o assassinato de Jeshikah. Enquanto isso, sua atuação como servo devasta suas memórias, quando ela começa a recordar o dia sombrio quando costumava ser uma escravo humana, um tempo antes de seu treinamento como um guerreiro elite Bruja. Com lembranças amargas de espancamentos e humilhações lutando com a sua atual atribuição suicida, Turquoise deve fazer tudo ao seu alcance para evitar estragar seu disfarce e perder sua sanidade.

Amelia Atwater-Rhodes

[HOME](#) | [ABOUT](#) | [BOOKSHELF](#) | [GENEALOGY](#) | [ADVICE TO WRITERS](#) | [Q&A](#) | [NEWSLETTER](#)

ABOUT AMELIA



Photo ♦ Carolynne Bailey

Eu cresci em Concord, Massachusetts, onde estava matriculada na publica escolha Concórdia-Carlisle do bairro do jardim de infância até a minha formatura em 2001. A melhor parte da escola, a partir da quinta série até o ano que me formei, foi definitivamente o coro. Adoro música e adoro cantar, e embora eu nunca tive a coragem ou o talento para participar de qualquer um dos jogos da High School como uma performancce, eu gostava de estar envolvida em outros níveis, a comunidade de música e drama em CCHS foi o ponto alto da minha carreira de escola secundária. Eu também estava na equipe de esgrima durante dois anos, uma experiência que realmente inspirou algumas histórias, e me arrependo de não continuar com esse esporte.

Eu agora vivo em Massachusetts com vários animais de estimação ... bem com, naturalmente, a minha família. Eu sou um estudante da Universidade de Massachusetts, com um Inglês / psicologia como dupla principal. Espero trabalhar como professor de Inglês no ensino secundário, ou na educação especial. Eu tenho opiniões fortes sobre alfabetização, educação e bastante sobre como os nossos sistemas educativos deveria ser tratado fortemente.

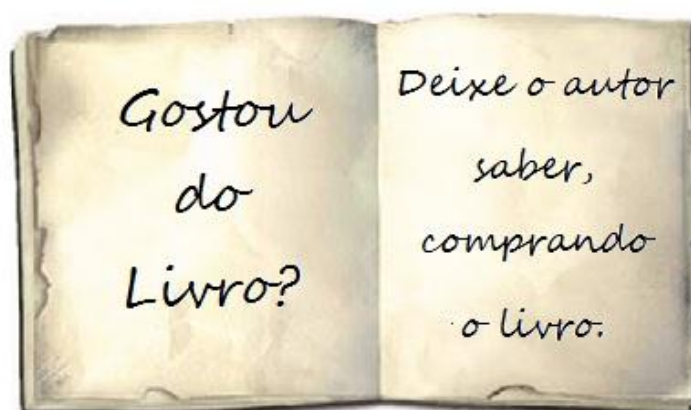
Meus hobbies não-escrever são ecléticas e cobrem tudo de passatempos domésticos como ponto cruz, cozinhar , manutenção do aquário, tocar piano, jardinagem, carpintaria, dirigir Harley-Davidsons, e discutir - existem algumas coisas que eu gosto mais do que um bom debate com alguém que sabe argumentar, que poderia ter algo a ver com um melhor amigo que trabalha na política. Gosto de aprender, então se eu tiver tempo e nada para fazer, não é incomum encontrar-me derramanda sobre algum livro, site ou video projetado para me ensinar alguma habilidade nova, de dança do ventre (algo que eu quero desesperadamente para aprender, mas ainda não foi suficientemente corajosos para me inscrever para aulas) a JavaScript.



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



~ All Creatures of the night get together *After dark* ~